

passar ao Sul do Sabugal¹, envia pessoas da sua confiança que façam a visita e inspecção até ao Tejo, e em seguida o informem.

Ficou horrorizado com o estado em que viu os castelos, em grande parte desmantelados e em ruínas, incapazes de oferecerem resistência séria à invasão espanhola, que era de esperar mais dia menos dia.

Nesta marcha de reconhecimento D. Álvaro passou várias vezes a fronteira; acompanhado da mencionada fôrça, penetrava no território espanhol e ia também reconhecendo externamente os castelos inimigos e as suas povoações, sem contudo praticar actos de agressão violenta. Caminhava entretanto sempre debaixo de forma, com as bandeiras arvoradas, dando vivas a el-rei D. João IV, vozes estas que algumas vezes encontravam correspondência nos pobres paisanos espanhóis, que se lhes deparavam. ; Muito pode o medo!

Evidentemente o duque de Alba ainda não dispunha de fôrça com que pudesse fazer frente ao nosso exército da Beira.

O primeiro lugar povoado de Espanha, por onde passou o nosso general com a sua tropa, foi a vila de Fuentes. À sua aproximação os habitantes apavoraram-se, e abandonaram a vila pondo-se em fuga, indo alguns parar a Ciudad-Rodrigo, onde a noticia da incursão, grandemente amplificada, assustou algumas familias, que se recolheram a Salamanca; mas outros paisanos, menos assustadiços, deixaram-se ficar por perto em observação, e vendo que a nossa tropa, sem fazer dano algum aos povos, passava adeante, e que, encontrando rebanhos de gado, dêles não fazia caso algum, podendo sem a mínima resistência saquear uns e apoderar-se dos outros, inferiram que os portugueses não queriam hostilizar quem não pegasse em armas contra êles. Reverteram pois às suas lides agrícolas.

Daqui em deante já a aproximação da tropa portuguesa não perturbava os paisanos espanhóis que agricultavam as terras e guardavam os rebanhos, os quais se deixavam ficar, limitando-se a descaraçar-se e fazer, mesmo de longe, grandes cortesias ao general, ou ao comandante da fôrça².

E na fronteira portuguesa ficou havendo igual tranqüilidade, reconhecendo-se de parte a parte que essas miseráveis hostilidades de destruir e roubar só serviriam para prejudicar gravemente uns e outros.

Assim o general D. Álvaro conseguiu prudentemente afastar o

¹ A estampa fronteira representa o castelo do Sabugal, com a sua tôrre quinhária, visto da margem esquerda do rio Côa.

² SALGADO, op. cit., fl. 117.

espectro da fome, cujo receio já começava a preocupar os espíritos. A primavera ia adeantada, as terras prometiam, é verdade, um ano abundante, os gados pasciam em grande número nas várzeas e nos valeiros, tanto em terras de Espanha como em terras de Portugal. Se duma e outra parte se adoptasse o sistema do roubo e devastação por surprêsa, que o pretexto da guerra costuma legitimar, ¿ o que seria desta pobre gente pacífica e laboriosa ?

Já os moradores do distrito de Castelo-Rodrigo, prevendo esta calamidade, tinham representado com tempo a el rei a pedirem-lhe que ao menos fossem salvos os gados daquela região tão exposta, mandando sua majestade providenciar sôbre a sua remoção para outra, mais afastada da raia, e por isso mais segura: e em carta régia de 14 de fevereiro se ordenara a D. Álvaro que satisfizesse aquêlê pedido¹. Mas o general obteve resultado mais completo com a sua entrada em Espanha, impondo respeito e infundindo confiança. A tranquillidade ficava garantida por algum tempo aos paisanos de cá e de lá.



Em seguida à viagem de reconhecimento, pôs D. Álvaro todo o empenho na reparação dos castelos, especialmente daquêles que por sua situação estavam destinados a guardar as principais entradas da fronteira.

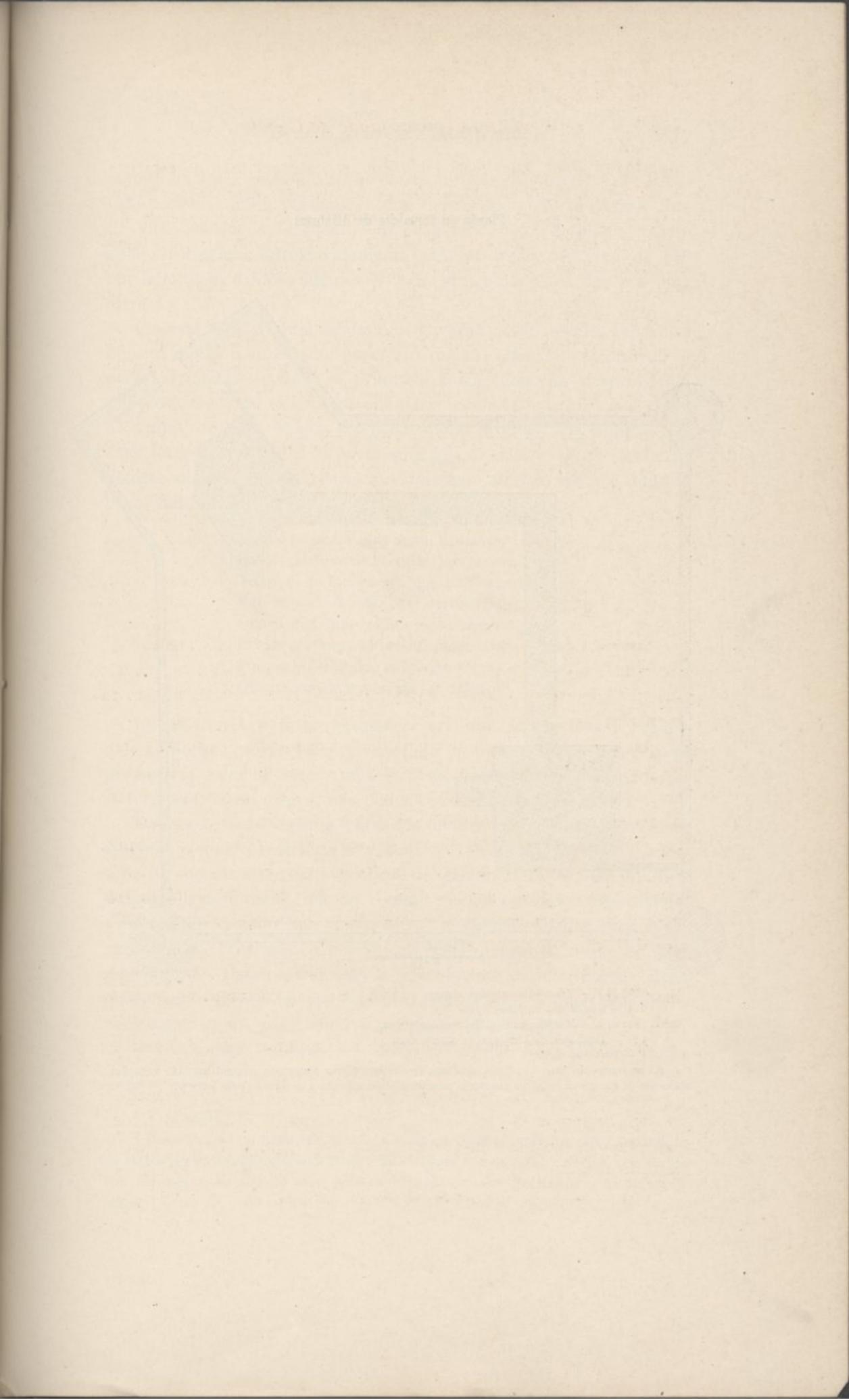
As mais fáceis incursões seriam por Almeida e por Alfaiates. Na fortaleza daquela vila iam proseguindo com toda a actividade as obras, sob a direcção do governador Rodrigo Soares Pantoja; do de Alfaiates era preciso cuidar com urgência. Era lá governador o capitão Gonçalo de Afonseca de Aguilar, oficial de grandes créditos, que agora passava a governar a fortaleza de Salvaterra; era pois ocasião oportuna do general confiar aquêlê govêrno a pessoa que tivesse as qualidades e conhecimentos excepcionais que tão melindroso e arriscado cargo exigia.

D. Álvaro não hesita. Nomeia governador de Alfaiates o capitão Brás Garcia de Mascarenhas, que lhe merecia confiança muito especial.

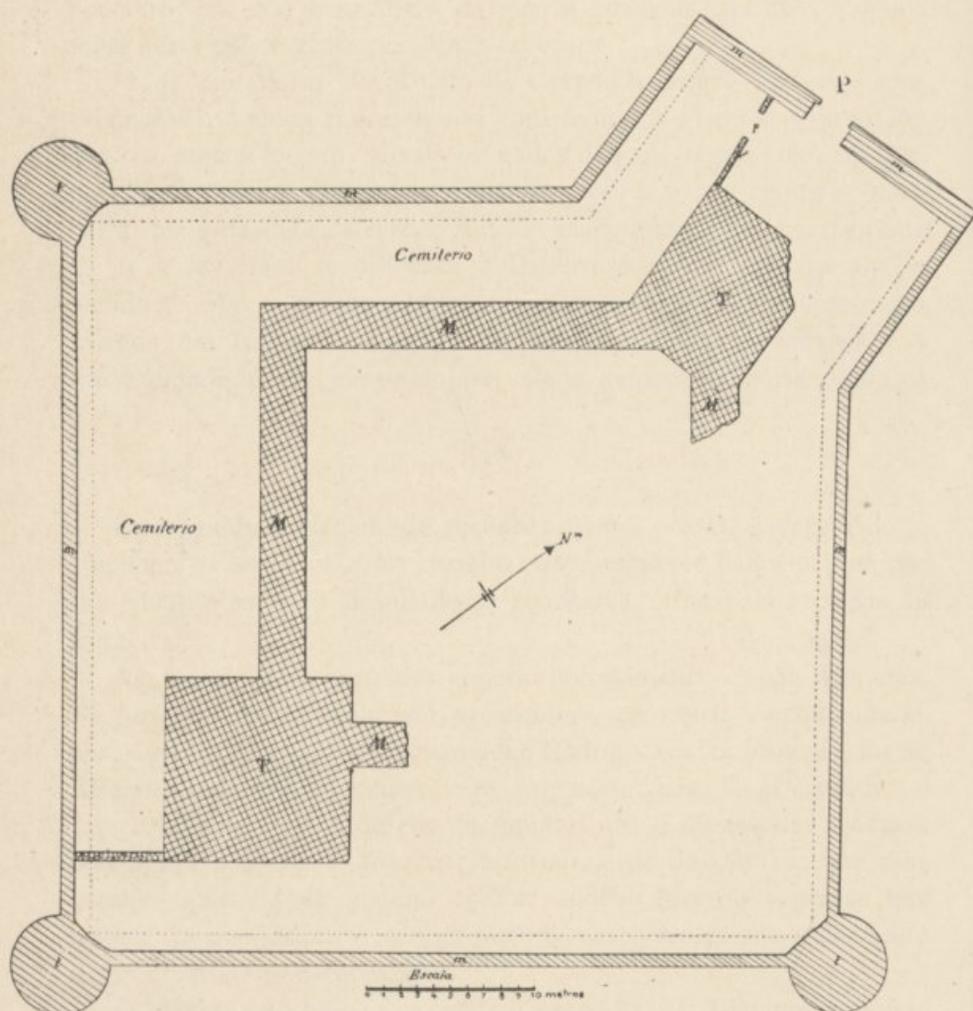
Brás parte logo com a sua companhia a tomar conta da fortaleza e a guarnecê-la.

Parece que a vila de Alfaiates fôra fortificada em tempos antigos; há nela vestígios de ter sido povoação romana. Enquanto foi espanhola, chamava-se *Castillo de Luna*; em tempo de D. Dinís, no

¹ T.T. — *Secretaria do Conselho de Guerra*, l. 1, fl. 32.



Planta da fortaleza de Alfaiates



- M M M M — Restos da muralha antiga.
 T T — Restos das antigas tórres
 m m m m — Muralha construída no século xvii.
 t t t — Tambores da fortaleza do século xvii.
 P — Porta do forte.

As pequenas cortinas, que ligam cada uma das antigas tórres à muralha circundante, são vedações modernas do espaço destinado a cemitério paroquial, cuja entrada é designada pela letra p.

outono de 1296, passou com os outros territórios e castelos de Ribacôa para o domínio português. Foi depois disso que se edificou fora da vila, em lugar adequado, um pequeno castelo, de planta rectangular, formando aproximadamente um quadrado de cêrca de 28^m por lado, com os dois ângulos N. e S. protegidos cada um por uma tôrre.

Quando Brás Garcia assumiu o govêrno dêste castelo, achava-se êle em muito mau estado, parte em ruínas. Mandar reconstruir a parte arruinada segundo a primitiva traça seria um despropósito, porque a moderna tática, em que desempenhavam o principal papel as armas de fogo, exigia condições muito diversas das antigas. É êste facto memorado pelo poeta quando, ao descrever as fortalezas doutros tempos, faz referência às modernas, dizendo em que diferem umas das outras.

As que de pedra inda agora achamos,
Eram mais que as cortinas, levantadas,
Ao revés de Epiphérias, que hoje vsamos,
Mais bayxas, & mais bem descortinadas;
Que alem de que melhor terraplenamos,
Nossas cortinas são mais franqueadas,
Porque hê de Praças militar sentença,
Quanto mayor travês, mayor defença ¹.

O que havia a fazer necessário era que se executasse rapidamente, porque novos rumores corriam de que o duque de Alba se preparava; e era de recear uma incursão, quando menos se cuidasse. A fortaleza, como estava, não podia oferecer resistência séria.

Delineou pois o nosso governador uma nova muralha, mais baixa, cingindo o antigo castelo, e ampliando-lhe assim a área. Tive a fortuna de encontrar um distinto official de engenharia, o capitão dr. Abel Augusto Dias Urbano, que há 16 anos visitou e estudou êste castelo, conservando casualmente ainda, além de alguns apontamentos e reminiscências preciosas, a planta que então levantou, e que eu aqui reproduzo ². Passo a transcrever textualmente as informações obsequiosamente fornecidas por êste meu bom amigo, às quais não altero nem uma vírgula, para evitar o perigo de as estragar.

— «As minhas informações, diz o sr. capitão Abel Urbano, estão

¹ *V. T.* II, 18.

² Encontra-se na fronteira página a referida planta, onde se distinguem bem os restos do antigo castelo com as suas duas tôrres, e a muralha exterior, construída em três meses, no ano de 1641, pelo capitão-governador Brás Garcia de Mascarenhas.

talvez bem longe da precisão com que V. Ex.^a as desejaria para o seu interessante e valioso trabalho sobre Brás Garcia de Mascarenhas, porque parte delas se baseiam em apagadas reminiscências duma visita que, há perto de 16 anos, fiz àquêlê castelo. Procurarei, ao menos, torná-las quanto possível exactas. São as seguintes:

«O denominado *castelo* de Alfaiates, situado a pequena distância desta povoação, é um pequeno forte do século XVII, de planta apròximadamente quadrangular, e ocupando a área de 2.300^m². Envolve um antigo castelo, talvez do século XIII ou XIV, do qual restam apenas as ruínas de dois pequenos lanços de muralha e de duas torres rectangulares.

«O forte, pelo seu aspecto, foi verosimilmente construído com materiais extraídos das ruínas do velho castelo, e apresenta vários indícios de ter sido uma fortificação feita em pouco tempo, e com escassos recursos.

«Em três dos salientes do forte há tambores circulares, com o diâmetro médio de 5^m,80, destinados ao flanqueamento das faces. Correspondendo ao quarto saliente, nota-se uma disposição digna de menção: os lanços do muro contíguos ao saliente desviam-se da sua direcção geral, formando ângulos obtusos reentrantes, e são ligados por um lanço de muralha perpendicular à nova direcção comum daquêles, no qual foi aberta a porta do forte, constituindo-se assim uma espécie de saliente de planta rectangular.

«Esta disposição apresenta o defeito, sob o ponto de vista defensivo, de a entrada do forte não ser flanqueada pelos fogos dos tambores de flanqueamento. É provável que se empregasse aquela disposição para que o forte envolvesse uma das tórres, e se evitasse uma demolição demorada e trabalhosa. Aproveitou-se talvez o maior comandamento das ruínas da torre, para se obter sôbre elas um segundo andar de fogos, que permitisse uma boa defêsa da entrada do forte.

«É de presumir que os três tambores servissem de plataforma para bôcas de fogo, destinadas ao flanqueamento e à defêsa a distância. As paredes do forte são muito mais baixas do que as da antiga muralha do castelo: com êste pequeno relêvo do forte diminuía-se, com grande vantagem, o ângulo morto dos tiros da defêsa.

«Os muros do forte eram coroados por um parapeito de alvenaria de 0^m,66 de espessura.

«Atendendo-se ao desenvolvimento da linha de fogo do pequeno forte, pode calcular-se que a sua guarnição não devia ir além de 200 homens.

«Eis, em resumo, as minhas deficientes informações sôbre o assunto,

que tanto interessa a V. Ex.^a e aos leitores da sua excelente monografia sôbre a estranha individualidade de Brás Garcia».

Até aqui a nota interessante do illustre official de engenharia, a quem tributo o meu agradecimento.

Toda esta obra conseguiu Brás Garcia, com a sua assombrosa actividade, que se realizasse em três menses apenas. Afirma-o elle mesmo :

O Castello da Lua, que fizera
A ferrugenta paz Lua mingoante,
Em tres mezes sómente considera
Regular Epiphéria o caminhante ¹.

O dr. João Salgado de Araújo, no seu livro já bastantes vezes citado, refere-se à obra realizada pelo nosso poeta na construção do forte de Alfaiates, attribuindo-a, por equívoco, a tempo um pouco posterior. Diz elle :

— «Em tempo do General Fernão Tellez de Meneses, sendo Governador desta praça o Capitão Bras Garcia Mascarenhas, foi cercada com giro de quatro mil seiscentos, & oitenta pès Geometricos, fora as voltas dos baluartes, em altura de 25. pès. Obra por certo de importancia, a que incansauelmente assistio o mesmo Governador, em cujas cauas se acharão moedas antigas de cobre, & algumas de prata, duas de Sertorio com sua effigie de hũa parte, da outra a cerua insignia sua, Estribos com cadeas de ferro por loros, môs de moinho de mão, & outras antiguidades ²».



Ao mesmo tempo que fazia avançar a obra da fortaleza, o capitão Brás não deixava de vigiar de perto o inimigo, tendo o cuidado de o não perder de vista nem um só momento, para evitar alguma surprêsa desagradável. Tinha consciência das suas responsabilidades como governador duma das fortalezas da fronteira mais importantes pela sua situação, e cumpria os seus deveres com os extremos de zêlo que lhe estavam na índole.

Estabelece em terras de Espanha um serviço de espionagem muito abundante em agentes, e muito bem feito. Especialmente em Ciudad-Rodrigo, onde o duque de Alba urdia os seus planos, e na praça de Albergaria de Argañan, pelo nosso poeta denominada eruditamente Augustobriga, fronteira a Alfaiates, na qual era governador D. Fran-

¹ V. T. xiv, 85.

² Op. cit., fl. 101.

cisco de Eraso, valente e brioso militar, vulgarmente conhecido pela alcunha de *Maçacão*, não se movia uma aranha sem que êle o soubesse logo.

A espionagem junto do inimigo era um elemento em que Brás reconhecia grande importância, e de que fazia largo uso. Aos indispensáveis serviços de vigias e de espias se refere em várias passagens do poema.

Mas a noyte occultou ambas as partes,
Dando repouso a todos os cançados,
Não às vigias, que nos horizontes
Argos dos valles saõ, lynces dos montes ¹.
E logo sobre Plaucio despedindo
Muytas Espias, trata com destreza
Das prevenções, que destros prevenidos
Difficilmente podem ser vencidos ².

E falando de si mesmo, quando era governador de Alfaiates, declara:

Em numero, & valor grande, & luzido
Argos se ostenta a poder de Espias,
Com que lynce da opposta Augusto-briga,
O minimo descuydo lhe castiga ³.

Estes agentes de espionagem eram magníficos, e prestavam optimo serviço, porque Brás Garcia os tinha escolhido com cuidado e os remunerava generosamente, trazendo-os

Bem pagos, que o caminho não dilata
Quem tais esporas leva de ouro, & prata.

Na Praça com mais credito atacada
(Tanto os ingenhos Marte sutiliza !)
Hè de quanto se faz fora avisada,
E de quanto se passa dentro avisa.
Toda a que se cercou foy espiada,
Que se mete hũa Espia entre a camisa,
E depois de sitiada, quando menos,
Se entende por sinais, & por acenos ⁴.

Mas um cabo de guerra deve também sempre contar com a espionagem do inimigo, e supor que nos seus próprios arraiais e castelos andam espias mui bem disfarçadas, a observar quanto faz e diz; precisa de ter o máximo cuidado em occultar os seus planos e proceder de forma que os espiões sejam iludidos e desnorteados pelas aparências.

¹ V. T. ix, 52. — ² V. T. ix, 58. — ³ V. T. xiv, 84. — ⁴ V. T. xix, 50-51.

Mas elle o escuro enigma interpretando,
Finge que se não dà por entendido,
Pera que assim melhor desminta Espias,
Ajuntando sua Gente em breves dias¹.



Havia na fronteira espanhola três castelos, que pela sua situação e condições eram uma constante ameaça ao sossêgo e tranqüilidade da nossa fronteira. Eram os de *Albergaria* em frente de Alfaiates, *El Payo* na falda setentrional da serra de Gata, na região onde nasce o rio Águeda, e *Eljas* na falda meridional da mesma serra, onde tem a sua origem o rio Elgas.

Convinha fazer um reconhecimento minucioso destas fortalezas, ter registo exacto e seguro dos seus fracos, para na primeira ocasião oportuna serem conquistadas e destruídas, tirando ao inimigo a vantagem de possuir aquelas sentinelas avançadas, donde podia com grande facilidade saltar de surpresa às nossas terras a saqueá-las e danificá-las, ou a fazer alguma incursão em forma.

Empresa melindrosa e arriscadíssima era porêem esta, que se não podia confiar senão a quem tivesse conhecimentos técnicos, e estivesse disposto a sacrificar a liberdade e até a própria vida, que perderia se tivesse a infelicidade de despertar suspeitas e de ser descoberto o seu intuito.

O general, em uma das suas passagens por Alfaiates, conversa a êste respeito com Brás Garcia, que era o official em cujos talentos, aptidões, discreção e lealdade mais confiava. A lembrança era boa, não havia dúvida, mas ¿ quem poderia e quereria incumbir-se de a executar ?

Depois de matutarem no caso, sae-se o capitão com esta :

— Não pense mais nisso, meu general. Se V. S.^a me dá licença, e me julga apto para a empresa, vou eu mesmo.

— ¿ Vós!...

— Sim. Tenho por muitas vezes arriscado a pele; a morte já eu vi em várias ocasiões bem perto de mim. Com a ajuda de Deus, que nunca me faltou, saír-me hei vitorioso desta emprêsa em prol da Pátria.

Ficou logo ali o caso assente. ¿ Como se desempenharia do perigoso encargo? Não o sabia. Havia de pensar. Isso agora era com êle e com mais ninguem.

¹ V. T. IX, 55.

Dentro de poucos dias, confiado provisoriamente a outro oficial o govêrno de Alfaiates, o capitão Brás Garcia desaparece. Decorrido algum tempo, apresenta-se a D. Álvaro e entrega-lhe as plantas dos três castelos, acompanhadas de informações preciosas sôbre o modo de neles entrar, quando fôsse ocasião oportuna!

¿ Teria o nosso poeta comércio com o *démo*, e seria êste que lhe forneceu tais plantas e informações?

Nada disso. Causa bem simples.

Brás cobriu-se com uns andrajos de mendigo, fingiu talvez alguma úlcera ou outra deformidade comovente, pegou numa rabeça ou guitarra, e entrou em Albergaria, qual *mendigo viandante* a esmolar, cantando cóplas ou xácaras populares castelhanas, entremeadas pelo peditório — *Una limosna, por amor de Dios*, — alternando esta lamúria com uns *Padre-nuestros* muito arrastados e chorados. É natural que falasse com perfeição a língua castelhana, e isso era um elemento de valor para não despertar suspeitas.

¿ Quem estorvaria o pobre mendigo de se encostar às muralhas, de estacionar às portas, de penetrar no pátio do quartel, de entrar na própria tôrre de menagem, a estender a mão trémula de necessidade a todas as pessoas que encontrava?

Ao fim de alguns dias, qual ave de arribação, emigra de Albergaria; mas se alguêm então lhe desse busca aos alforjes de mendigo, ou mais provavelmente aos forros do seu andrajoso fato, lá encontraria muito bem dobrado um pequeno papel com a traça da fortaleza.

El Payo e Eljas receberam a mesma visita do pobre *pordiosero*, e com idêntico resultado.

A cartada fôra arriscada, mas feliz. ; O jôgo estava ganho!



Vê-se do exposto que D. Álvaro de Abranches governava as armas pacificamente, não fazendo provocações, respeitando e promovendo o sossêgo em que viviam os espanhois, e êste procedimento foi rico em consequências prósperas; mas não menos se vê que à sombra desta tranqüilidade o general não se descuidava de preparar terreno para o futuro.

Nos princípios de junho é-lhe entregue uma carta de D. João IV datada de 24 de maio, a ordenar-lhe que acuda ao Norte com a possível gente, porque Chaves está ameaçada duma incursão¹.

; Acudir a Trâ-los-Montes! ; E quem ficava guardando e defen-

¹ T.T. — *Secretaria do Conselho de Guerra*, l. 1, fl. 65 v.º.

dendo a fronteira beirão? Acolá, em Ciudad-Rodrigo, o duque de Alba não dorme; aguarda reforços ao seu exército e descuidos do nosso, para então dar um golpe certo. Que elle só na aparência se conserva inactivo, mas na realidade se prepara, é cousa certa. ¿ Quem sabe até se o boato ou aviso da próxima incursão por Chaves será rebate falso preparado por elle, a vêr se a Beira se desguarnece, para então lhe dar o salto? Não, essa jornada a Chaves seria um erro grosseiro. Além disso escaceavam-lhe as munições, não possuía artilharia, faltava-lhe o dinheiro para pagar aos soldados, e elle general já se achava individado por ter de satisfazer pagamentos inadiváveis, não havendo dinheiro em caixa ¹.

As escusas apresentadas por D. Álvaro revelam sensatez e prudência, mas não são bem recebidas por algumas pessoas, começando desde logo as murmurações. Quando em toda a fronteira, desde a margem do Minho até à do Guadiana, as tropas portuguezas se estavam batendo activamente e com successo com as espanholas, ¿ o que significa aquella inactividade, aquê *dolce fare niente* de D. Álvaro de Abranches e do duque de Alba, a olharem um para o outro de braços cruzados, numa situação de comodismo invejável, mas pouco gloriosa?

Em julho recebia o general da Beira ordem terminante del-rei para romper hostilidades sem mais demoras ². Percebe claramente que a intriga começa a fervilhar contra elle na côrte; mas o rompimento nesta altura seria um perfeito desastre. Todos os seus esforços convergiam para organizar a defêsa desta fronteira com os pouquíssimos recursos de que dispunha; entretanto era certo que, apesar de já ter feito muito, muito mais havia a fazer, antes de se julgar habilitado a ir provocar o inimigo.

A recusa fundamentada de D. Álvaro a cumprir a ordem superior foi muito mal apreciada, não lhe faltando críticas acerbas ³. Ele porém vingava-se dessas críticas com o desprezo, e não se escusava de

¹ Satisfazendo às alegações feitas por D. Álvaro de Abranches, são expedidas pelo secretário do *Conselho de Guerra* António Pereira duas cartas em data de 18 de junho de 1641: uma dirigida aos deputados da Junta da Fazenda a dizer-lhes que S. Majestade, em decreto sôbre consulta do Conselho de 14, manda que sejam avisados da necessidade que tem o general da Beira de dinheiro, para pagar à gente que se tem recrutado, pois está individado, e que seja socorrido com urgência (*Secret. do Cons. de Guerra*, l. 1, fl. 77 v.º); — outra para Rui Correia Lucas, tenente-general de artilharia, dizendo que S. Majestade, em resposta de 14 do corrente à consulta do Conselho, ordena se lhe diga que envie ao general da Beira três artilheiros e um condestável, que elle deixou quando partiu, e ainda lá não chegaram (*Ibid.*).

² *Hist. de Port. restaur.*, t. 1, pág. 284. — ³ *Ibid.*

ir aumentando e bem dispendo os preparativos para a defêsa. Reparação de castelos, fabricação de armas, aquisição de munições, exercícios dos soldados, disciplinação do exército, tudo isto lhe merecia grandes cuidados, conseguindo realizar verdadeiras maravilhas com a pobreza e miséria de meios, que tinha à sua disposição.



O capitão-governador de Alfaiates não malbaratava entretanto o tempo. Também aproveitou a tranqüilidade e sossêgo actual para tomar conhecimento de todo aquêlê vasto território que constituía a bacia hidrográfica do Côa, e que vai desde os últimos contrafortes occidentais da serra de Gata onde nasce aquêlê rio, até Foz-Côa onde se lança no Douro.

¿Quantas vezes, em defêsa da Pátria, não viria êle a precisar de sair da sua atalaia de Alfaiates, para cair sôbre os espanhois, quando êstes se resolvessem a vir procurar os portugueses? mas, para fazer isto com vantagem, carecia de conhecer bem a topografia da região, que é extremamente acidentada, com os seus valos, obstáculos, trincheiras, fossos, portelas, tudo isto formado pela natureza.

Já tinha percorrido rápidamente grande parte desta região, quando comandou a infantaria da escolta do general em visita aos castelos e fortes. Propõe-se agora fazer um estudo minucioso topográfico, como lhe era necessário, de todo o território. E faz realmente êsse estudo com o máximo cuidado e diligência em toda a mencionada região,

Cujas metas, & brigas¹ registando
Solitario os perigos desestima,
Da tumba ao berço, donde nasce, & morre
O turvo Cuda², cuydadoso corre³.



Em agosto de 1641 deu-se um facto, que veio perturbar o estado de tranqüilidade que acabamos de referir.

Era então reitor da Universidade de Salamanca um nobre genovês

¹ *Brigas*. São, se não laboro em equívoco, os castelos ou fortalezas, tão numerosos nesta região. O nosso poeta, que lia com admiração a *Monarquia Lusitana*, lá viu, no l. I, tit. 1, cap. vi, mihi fl. 14 v.º, que em memória do antigo rei Brigo, em toda a Espanha, e na Lusitânia em especial, se chamarão as fortalezas, & cidades, *Brigas*.

² *Cuda*, nome latino do rio Côa.

³ *V. T.* xiv, 83.

naturalizado espanhol, de nome D. Tomás Dória, filho do duque de Tursis e sobrinho do príncipe Juanestín Dória, que, sendo do mesmo modo genovês naturalizado em Espanha, fôra também reitor da Universidade Salmaticense em 1589-1590, e mais tarde cardial da S. Igreja Romana.

Terminado em julho o ano lectivo, D. Tomás veio passar *las vacaciones* com um primo chamado D. Cesar Lencabechia para as propriedades que tinha em Navas-Frias, na fronteira espanhola, três léguas a S.-S.-E. de Alfaiates.

Saiu uma manhã a distrair-se à caça pela raia com alguns criados, e vendo em território português um pobre homem descalço a regar uma horta, mandou-o agarrar pelos seus criados; sem lhe consentirem que se calçasse, levaram-no para Navas, onde D. Tomás, depois de minucioso interrogatório, o mandou para a cadeia.

Houve logo quem se viesse queixar do ocorrido ao governador de Alfaiates, que imediatamente comunicou o facto ao general, e pediu licença para tirar a desforra merecida, indo prender a sua casa D. Tomás, com os criados, e soltar o pobre paisano prêso.

O general concordou; era necessário dar uma lição para desafrontar o brio nacional e infundir temor e respeito ao inimigo. Pôs entretanto a cláusula de nada saquearem, nem fazerem prisão alguma, senão de D. Tomás e seus familiares.

Foi numa sexta feira, 23 de agosto, pelas 9 horas da noite, ao nascer da lua que havia sido cheia dois dias antes, que Brás Garcia partiu de Alfaiates com uma fôrça de 130 soldados de infantaria, sem comunicar a ninguém o destino da diligência. A noite estava esplêndida, e fazia um luar magnífico. Dirigiu a marcha por Aldeia-Velha e Aldeia-do-Bispo, donde, passando a fronteira, chegou às Eiras de Navas-Frias sem ser presentido. Dalí enviou o seu alferes Simão Nunes Tigre com cincoenta mosqueteiros cercar a casa de D. Tomás, e êle marchou sôbre a vila com a restante fôrça.

Era na madrugada do dia de S. Bartolomeu, dia em que, segundo a crença popular, anda o diabo à solta; e bem à solta andou para a familia de D. Tomás Dória!

Damos agora a palavra ao dr. João Salgado de Araújo, que nos vai descrever o que fez Brás Garcia desde que chegou à vila de Navas-Frias. Esta descrição é decalcada sôbre notas fornecidas ao autor por alguém que ia na diligência, talvez pelo próprio Brás.

«Prendeu a gente della (*da villa*), que lhe sahio ao encontro, & segurandoa logo, de que lhe não auia de fazer dano (não auendo resistencia, & com ella abrasarlhes a villa, & soltando alguns, pera que fossem dar este aviso aos mais) se quietarão todos.

«Dom Thomas, que ainda estaua leuando em celouras, acabando de castigar hum page, ouuindo a primeira voz do rebato, saltou por huma janela, assi como estaua, e se entrou per brenhas, onde teue alcance de huma bala perdida, que o ferio leuemente, por baxo de huma orelha, & foi a pe despido como se achou, parar dali duas legoas no mosteiro de S. Martinho.

«Seus criados, que erão dezoito bem armados, se acastelarão na casa, & poserão em defenza; firindo polas janelas, a cinco soldados nossos. Foi rompida a primeira porta da casa, que se quebrou com hum marrão, leuado pera esse efeito. A segunda se não podia quebrar, & lhe mandou Bras Garcia Mascarenhas por fogo, arrimando-lhe muita lenha seca, que se achou perto, & tanto que o fogo começou de se atear, lançarão os de dentro bandeira branca, pola janela, pedindo quartel, & abrirão a porta.

«Tanto que o lume foi apagado entrou dentro o Alferes Tigre, achou todos os criados na sala. Perguntados, qual delles era Dom Thomas? Responderão não estaua em casa. Toda se reuolueo. Auia aduertencia, que se parecia com Dom Cesar Lencabechia seu primo, que com elle estaua. Leuado ao Governador, com presunção de que fosse Dom Thomas, por tres vezes lhe pos a espada na Garganta, pera que o declarasse. Não lhe pode tirar mais, que dizer era hum homem principal, & que não diria mais, posto que o matasse.

«O Governador o mandou por a bom recado, polo modo com que o ouuira responder, & mandou lhe trouxessem, os q̄ fossem daquella statura. Acharão quatro que maniatarão.

«Buscada bem a casa auia nella armas, baixela de prata, caualos, & muitas cousas de preço, & em nada se tocou, sò com os pes mandou Bras Garcia Mascarenhas pisar a prata. Alguns dirão, não teue isto causa, mãs eu o não entendo assi. Mandou lançar bando pola villa, sobre saber, se auia quẽ de algum roubo soldadesco se queixasse: não ouue quem. E posto ouuera, o certo he que com tais hospedes darião tudo por empregado, a troco de já os não verem: com tudo o Capitão fez o que deuia. O certo he, que deu esta acção muito que notar nos Castelhanos, acerca de quã isento se mostraua o General, per seus officiais, na cobiça de fazenda do inimigo. O Capitão o deixou assi dito, que seu General, sò mandaua prender a Dom Thomas sem offensa daquella uilla. Tirou da prizão o Portugues, & alguns mercadores, que nella estauão detidos.

«Descuberto Dom Cesar, primo de Dom Thomas de Oria offercia no caminho dez mil cruzados por sua soltura, mas não lhe aproveitou; elle depois se soube aproueitar, porque vindo preso a

Lisboa se tornou pera Castela, & não ouue pera o erario resgate algum»¹.

O conde de Ericeira explica porque não houve resgate, e completa a notícia assim:

«Foy remettido a Lisboa (*Dom Cesar Lencabechia*), e teve indústria pera fugir da prisão. Bras Garcia Mascarenhas fez guardar taõ pontualmente aos soldados a ordem que levava, que até perdoáraõ á prata que havia em casa de Dom Thomás, e soltando o Paysano prisioneiro, se retirárão para Alfayates»².



Não levaram a bem os espanhois o feito de Navas-Frias, e quiseram tirar desfôrço. ¿Mas quê? Houvera acolá apenas uma legitima desafronta, dirigida contra a pessôa que provocara e ofendera, procedendo os portuguezes com isenção e nobrêza admiráveis, nada saqueando, a ninguêem ofendendo; o desfôrço dos espanhois consistiu em passarem a raia alguns soldados de cavalaria e infantaria, e, caindo de surpresa sôbre uma porção de gado que pastava tranquilamente próximo de Aldeia-da-Ponte, roubarem-no. Eram cêrca de quinhentas cabeças.

Estava então nesta aldeia uma pequena fôrça de cavalaria, comandada por Simão de Oliveira da Gama, tenente da companhia de Diogo de Tovar. Saltou logo ao caminho, e deu caça aos espanhois. Os soldados de cavalaria castelhanos fizeram-lhe frente, e começaram a escaramuçar, enquanto os de infantaria se iam escapando com o gado.

Apenas de Aldeia-da-Ponte viram o assalto, fizeram logo sinais a pedir socôrro, que foram ouvidos em Alfaiates, distante uma légua. Brás Garcia marchou imediatamente com infantaria para o local donde se pedia socôrro, e chegou ainda a tempo de encontrar a cavalaria espanhola a escaramuçar com a nossa; mas, apenas os castelhanos avistaram o refôrço de infantaria portuguesa, puseram-se logo em fuga. Não havendo possibilidade de os alcançar, o nosso governador quis tirar desfôrço, indo saquear Genestosa, logarejo que ficava ali próximo; não pode porém fazê-lo, porque se desencadeou uma trovada medonha, que obrigou os nossos a recolher-se à pressa a Alfaiates.

O insulto não podia ficar sem resposta, e foi Brás Garcia o en-

¹ DR. SALGADO DE ARAÚJO, *op. cit.*, fl. 118 e s.

² D. LUÍS DE MENESES, *Hist. de Port. restaurado*, t. I, l. IV, pág. 286.

carregado pelo general de a dar à letra, entrando por terras de Castela, com licença aos soldados para saquearem o que encontrassem. Estava o nosso capitão para fazer a entrada na fronteira espanhola, três dias depois do assalto a Aldeia-da-Ponte, quando se lhe apresenta um castelhano vindo da praça de Fuente-Guinaldo, que se dizia emissário do duque de Alba, o qual lhe mandava pedir desculpa do abuso praticado pelos soldados, restituir todo o gado roubado, e pagar qualquer rez que faltasse.

Contou-se o gado; faltavam três cabeças, que foram pagas pontualmente.

Brás Garcia recolheu de novo a Alfaiates, donde fez aviso do acontecido ao general, que, à vista de tão correcto procedimento, deu ordem a todos os governadores da fronteira, que não consentissem que se fizesse agravo aos castelhanos. De parte a parte se estabeleceu esta praxe, que ficou vigorando por algum tempo: quando dum ou doutro reinõ alguns soldados se desmandassem, indo fazer pilhagem ao território adverso, os governadores das respectivas praças mandavam logo restituir integralmente o roubo.

Assim se restabeleceu a quietação anterior.

A 19 de setembro foi expedida uma carta régia ao general da Beira, e outras iguais aos das outras fronteiras, em que se faziam recomendações, que perfeitamente aprovavam e sancionavam o procedimento havido por D. Álvaro com os espanhóis ¹.



Fôra D. Álvaro de Abranches atingido pela pata dum cavalo, desastre que lhe ulcerou uma perna.

Decorriam os dias, e o aspecto dos tecidos contundidos não melhorava. Os médicos receavam que a aproximação do inverno, que naquela região costuma ser muito rigoroso, exercesse acção nefasta sôbre o doente, e aconselharam-no a retirar-se.

Pedi por isso a el-rei que o aliviasse do governo, para ir tratar da saúde, o que êle lhe concedeu por carta de 25 de outubro ², nomeando ao mesmo tempo para lhe suceder no cargo de capitão-general daquela fronteira a Fernão Teles de Meneses, que havia prestado grandes serviços na revolução restauradora, e era do conselho de guerra; mas como êste não podia logo assumir o cargo, nem a doença de D. Álvaro consentia demoras, foi encarregado o tenente-

¹ Doc. XL — ² Doc. XLI.

general João de Saldanha de Sousa de assumir interinamente o govêrno das armas.

Foi a 9 de novembro que D. Álvaro de Abranches partiu da Beira, deixando muito gratas e saudosas recordações pelo acêrto com que governara durante nove mêses.



Pouco acidentado decorreu o govêrno de João de Saldanha, que durou quási quatro meses.

Decorria o inverno, que naquele ano foi rigorosissimo; apesar disso, o governador não hibernou em ociosidade, antes desenvolveu uma actividade muito notável em obter meios para concluir as reparações urgentes das fortalezas, cujos estudos e desenhos êle mesmo fazia, e em acudir a todos os cuidados do governo com grande diligência e circunspecção ¹.

Entre os elogios que os escritores da época tecem a êste governador, destaco o seguinte, que recorto do livro de Salgado de Araújo, e em que vai uma carapuça talhada para várias cabeças então muito em evidência: — «Antecipouse a prudência em seu governo ao que os annos podião prometer, porque exercitou o cargo com muita limpeza de mãos, caso, q̄ custuma algumas vezes manchar muitas. Nunca nesta pureza, & limpeza sera bem encarecido Ioão de Saldanha, o que ja tinha mostrado na caualeria, q̄ elle mesmo leuantou, & assi se lhe deuem muitos encarecimentos, particularmête por se auer nesta forma em tempos tão confusos, & manchados deste argumento, que posto andem troncos limpos, não ha acabar de se expurgarem ramos» ².

Até então mantivera-se vago o cargo de mestre-de-campo. Foi agora provido, certamente a contento e talvez até por solicitações e iniciativa do general Fernão Teles, em D. Sancho Manoel, soldado valoroso e largamente experimentado nos muitos anos que militou na Itália e em Flandres, e últimamente no Brasil com o posto de sargento mór. A sua carta patente de nomeação tem a data de 13 de novembro ³. Pouco antes fôra êle incumbido, por decreto de 30 de outubro, de organizar em Lisbôa uma ou duas companhias, com os soldados que haviam servido no Brasil e agora andavam desocupados; mandara dar execução a êste decreto a carta de 8 de novembro,

¹ Doc. XLIII; — DR. SALGADO DE ARAÚJO, *op. cit.*, fl. 121 v.º e ss.; — D. LUÍS DE MENESES, *op. cit.*, t. 1, pág. 286.

² *Op. cit.*, fl. 121 v.º

³ Doc. XLII.

dirigida pelo secretário do conselho de guerra António Pereira aos deputados da Junta dos três Estados ¹.

D. Sancho ainda se conservava em Lisboa a 2 de janeiro de 1642 ²; mas nos fins de fevereiro já estava a ocupar o seu pôsto na Beira ³.



Fernão Teles de Meneses, segundo vimos, foi nomeado capitão-general do exército da Beira em fins de outubro de 1641. Demorou-se alguns meses em Lisboa a solicitar elementos de defêsa para o seu partido, e a fazer preparativos para o bom desempenho do seu cargo.

É assim que, por decreto de 5 de novembro, el-rei manda entregar ao general da Beira grande porção de armas e munições, e expedir ordem a todos os artífices que podessem fazer armas nos lugares daquela provincia, que fabriquem *armas, cravinas, pistolas, mosquetes e arcabuzes*, para se armar a cavalaria e bem assim os habitantes que disso precisarem; e determina também que se forneçam ao mesmo general seis ou sete artilheiros e um minador. Este decreto foi comunicado pelo secretário do conselho de guerra ao tenente-general de artilharia Rui Correia Lucas, em carta de 8 do mesmo mês ⁴.

Ainda no referido novembro foi designado o coronel Sebastian Mahé, senhor de Latouche, para ir servir à Beira com os seus officiaes e regimento francês, às ordens do general Fernão Teles ⁵.

Como João de Saldanha representava em suas cartas a necessidade urgente que havia de continuar e acabar as obras de fortificação das praças fronteiriças, a carta régia de 7 de fevereiro de 1642 anuncia a Fernão Teles a missão de dois engenheiros estrangeiros a inspeccionarem as fortificações feitas e desenharem as que houver a fazer, recomendando que se executem com presteza os seus projectos, e que haja com elles a bôa correspondência que lhes é devida ⁶.

A 9 de fevereiro assina el-rei um decreto mandando marchar dentro de três dias para a fronteira o coronel Mahé, pois está aviado de dinheiro bastante; e que os outros coroneis marchem dentro de

¹ T.T. — *Secretaria do Conselho de Guerra*, t. 1, fl. 117.

² T.T. — *Consultas do Conselho de Guerra*, m. 2, n.º 2.

³ DR. SALGADO DE ARAÚJO, op. cit., fl. 124.

⁴ T.T. — *Secretaria do Conselho de Guerra*, l. 1, fl. 117 v.º.

⁵ CHRISTÓVÃO AIRES DE MAGALHÃES SEPÚLVEDA, *História do exército português*, vol. II, pág. 204.

⁶ Doc. XLIV.

oito dias, provendo-lhe a Junta dos três Estados o que proveu aos mais ¹.

Baixa contra-ordem em data de 15 do mesmo mês, mandando marchar o coronel Mahé para o Alentejo, e não para a Beira como estava determinado ²; mas não teve efeito esta contra-ordem, sendo expedida a 22 do mês referido uma provisão régia para que se dê toda a bôa passagem, e se prestem todos os auxílios de *pousadas, camas e estrebarias, de mantimentos, bestas, carros, carretas, barcos, guias e tudo o mais*, de Lisboa até à Guarda, ao coronel Sebastian de Mahé com os capitães e mais oficiais do seu regimento francês, e são nomeados os seguintes: *Luis de Rithano senhor de Santa Cruz, João Birneau senhor de Rosam, Jacques Dumon senhor de Grange, Nicolau Romnigaud senhor de Santa Maria, Dom Luis de Mery, Matheus Bolim, Luis de Santienne, Estiene Perot senhor de la Chambré, Adrian Vas, Ajudantes, Cappellão, Preuoste, Trombeta, Nicolao Charon Sirurgião, ferreiro, selleiro* ³.

O general partiu para a Beira no declinar do mês de fevereiro. Nos primeiros dias de março ⁴ entrou por Lamêgo, e teve ali uma recepção muito ostentosa, seguindo depois para a Guarda, onde já estava o mestre-de-campo D. Sancho Manuel.

Apenas chegado a esta cidade, recebeu logo os cumprimentos pessoais de todos os capitães de presídios e governadores de praças. «Sò o Capitão Bras Garcia Mascarenhas (diz Salgado de Araújo), q̄ governava as armas do Castelo, & Villa de Alfayates, não acudiu a este empenho, por estar aduertido, que o Capitão do Castelo de Aluergaria, seu oposito, fazia preparaçoens de guerra, com desenho de entrar em Portugal, por aquelle seu destrito. E porque hũa residencia, na fortaleza de que se fez Omenage, he tam estreita, que abona por de vigilante, & prudente Capitão semelhantes faltas, o aprouou assi Fernão Tellez de Meneses» ⁵.

O *aprovou assi Fernão Tellez de Meneses*, diz o cronista; mas na realidade o general ficou despeitado, e registou o facto no seu cahinho. É o que se deve lêr nas entrelinhas do escrito do dr. Salgado.

Com êstes governadores, que o foram cumprimentar, teve Fernão Teles larga conversação, informando-se por meúdo do estado das

¹ T.T. — *Conselho de Guerra — Decretos*, m. 2, n.º 18. — ² *Ibid.* n.º 25.

³ T.T. — *Secretaria do Conselho de Guerra*, l. 1, fl. 144 v.º.

⁴ DR. SALGADO DE ARAÚJO, op. cit., fl. 124; — D. LUÍS DE MENESES, op. cit., pág. 374

⁵ Op. cit., fl. 124 v.º.

praças e do exército, do que se sabia do inimigo, suas fôrças e prevenções, do que se havia feito e do que havia a fazer-se para defêsa da fronteira, etc. Colhidas estas informações, escreve o general para Lisboa em 1 de abril, a relatar o que apurara, e nêsse relatório fala em especial do seu mestre-de-campo D. Sancho Manuel, e da praça de Alfaiates, que já se achava fortificada, e em boas condições de defêsa ¹.

Parece que nas informações fornecidas por alguns officiaes a Fernão Teles ia um pouco de critica aos governos anteriores, deprimindo-se o que até ali se fizera, para lisonjear o sol que agora despon-tava no horizonte. Salgado de Araújo, que sistematicamente se abstêm de dizer mal, empregando eufemismos e frases sibilinas através das quais mal deixa entrever ou adivinhar a censura, reservada no fundo da sua consciência, induz-me a supôr o expôsto, que, de resto, é muito humano. Diz êle, ao dar conta das visitas e aplausos dos capitães e governadores ao novo general, que isso succedeu «na forma do comũ vso, de q̃ trata Marco Tullio, q̃ he esquecerense os homêes de ministros que teli bem os gouernassem, assi como se nunca os conhecerão, e adular os que de nouo entrem, té que venhão outros, per que a estes succeda o mesmo». E acrescenta cãndidamente: — «Não quero dizer, que de D. Álvaro ficasse na Beira falta de lembranças: nem tam pouco de Fernão Telles de Meneses, quando deixou o gouerno, mas encarecer o gosto, & applauso com q̃ de todos foi recebido ²».

¿ Querem-no mais claro? — *Sic ualeas, ut farina es.*

Fernão Teles teve a fraqueza de dar ensejo e permitir a alguns dos seus officiaes, logo nesta primeira visita, que fizessem insinuações menos amáveis à orientação e actos dos seus predecessores no govêrno. Vinha disposto a desmanchar o que êles haviam feito, a deprimir os que êles tinham considerado e exalçado. É assim que reputamos ser outra bisca, jogada pelo mesmo autor ao procedimento de Fernão Teles, o que êle diz ao apreciar o govêrno de João de Saldanha, nos termos seguintes:—«E sendo proprio de alguns ministros, que de nouo entrão em praças, mudar, & alterar do disposto no governo precedente, talvez contra razão (porque se a ha fica sendo obra de merecimento) João de Saldanha de Sousa nenhuma das cousas, que o General Dom Aluaro de Abranches da Camara deixou dispostas, alterou, antes foi acrecentando os homens de meritos, a quem D. Aluaro começara leuantar, & cõ razão, porque premios a

¹ T.T. — *Consultas do Conselho de Guerra*, maço 2, n.º 160.

² Op. cit., fl. 124.

gente ouciosa, conuerte o governo em Despotico, & se he em tempo de guerra, he grande dano ¹».



Poucos dias eram decorridos depois da vinda do novo general, e eis que uns soldados da praça de Albergaria fizeram uma pilhagem de pouca importância próximo de Aldeia-da-Ponte.

Brás Garcia, segundo o estilo assente desde o tempo de D. Álvaro de Abranches, enviou um portador com carta sua a D. Francisco de Eraso, governador daquela praça, comunicando-lhe o facto, a fim de serem castigados os soldados, e o roubo restituído. Era a repetição do que se tinha feito em casos semelhantes.

Mas, comenta com seus eufemismos enigmáticos Salgado de Araújo, «era já outro o General, & como mudanças de governos costumão introduzir alteração, & nouidades, tambem aqui derão a isto alcance ²». Quer isto dizer que Fernão Teles, ao levarem-lhe a notícia, acrescentou na folha do seu canhenho referente a Brás Garcia: — *Mantêm correspondência clandestina com o governador do fronteiro castelo inimigo*. Este apontamento foi corroborado posteriormente, por outras notícias, que iam chegando, de assídua correspondência entre os dois governadores de praças.

O governador castelhano respondeu à primeira carta de Brás que *faria diligência* ³. A diligência prometida cifra-se em três dias depois entrarem pela nossa fronteira alguns cavalarias espanhois, e arrebataram uns carneiros que andavam a pastar.

Nova carta do governador de Alfaiates para o de Albergaria, queixando-se em termos mais veementes. Responde-lhe D. Francisco em frases insolentes e cheias de arrogância, como quem queria determinar o rompimento de hostilidades. Começava a avolumar-se a gravidade do caso, especialmente com as informações que chegavam, de que no castelo de Albergaria se iam concentrando tropas, e que várias outras prevenções bélicas lá se faziam.

Brás Garcia dá parte de tudo ao general, sem que se interrompa a troca de cartas e recados, que iriam crescendo em acrimónia. Quando o nosso capitão esperava que lhe viesse ordem para ir à mão armada exigir as satisfações, que lhe eram recusadas, recebe com grande surpresa instruções para dissimular os agravos passados,

¹ Op. cit., fl. 121 v.º e s.

² Ibid. fl. 124 v.º.

³ DR. SALGADO DE ARAÚJO, *ibid.*

que o general diz serem sem importância, e para estar prevenido, a fim de tomar satisfação logo que houvesse causa mais ponderosa.

¿Que significava êste procedimento de Fernão Teles, que parece desmentir o brio pundonoroso e assomadiço que lhe estava na índole, e de que deu várias provas? Tal procedimento tem, a meu ver, uma única explicação, que não seja desonrosa para o general. É que já se lhe tinha radicado no espírito a suspeita de que Brás Garcia era um vil traidor, que mantinha inteligências com o inimigo, e lhe queria dar entrada entregando-lhe o castelo que governava. Esta acusação formal e precisa, que êle lhe faz em documento official poucos meses depois, já a êsse tempo existia latente no espírito do general.

Fernão Teles estava desde o princípio mal disposto contra Brás Garcia, em quem não depositava confiança. Tendo denúncia da correspondência trocada com o governador de Albergaria clandestinamente, segundo êle supunha, viu nela um indício claro, senão uma prova de traição, e desde êsse momento assentou para si que Brás era traidor.

Quando o governador de Alfaiates lhe comunicou os agravos recebidos do castelhano, longe de vêr nessa narrativa a explicação natural e sincera da correspondência, considerou tudo um embuste, e o começo da execução do plano de entrega. Brás queria desgarnecer Alfaiates a pretexto de ir castigar Albergaria; entretanto viriam os castelhanos, e sem resistência se apossariam da fortaleza desgarnecida. Daqui a resposta dissimulada que deu, formando desde então o propósito de fazer vigiar de perto o capitão Brás Garcia, até obter provas materiais da sua traição. Factos posteriores confirmam esta minha suposição, que me parece bem fundamentada.



Conta-nos Brás Garcia um episódio, em que foram protagonistas sete soldados seus, sucedido numa das escaramuças entre espanhois e portuguezes, perto da raia.

Seja o poeta que narre o caso ¹:

Índa os há tais não menos resolutos,
Tanto dignos, & mais de serem cridos:
Sete soldados meus, entre outros mutos,
De Espeja ² se volvião rebatidos,

¹ V. T. XII, 22-23.

² Espeja é uma povoação na fronteira espanhola, a E.-S.-E. de Fuentes.

Solicitando as brenhas como astutos
Retirando se vinhão divididos
Das Tropas Castelhanas, que os seguião,
Por ver se em campo raso os opprimiaõ.

Os sete, que eram todos Mosqueteiros,
Sendo de duas Tropas rodeados,
Em campo raso vnindo-se guerreyros,
O quartel engeytaram de alentados.
Marchando, & mosqueteando aos cavalleyros,
Tanto assegurão tiros alternados,
Que os deyxam livres ir os Inimigos,
Tanto a resoluçam val nos perigos ! ¹.



Entretanto iam aumentando em audácia os espanhois.

Apenas decorridos quatro dias sôbre o roubo dos carneiros, que deixamos narrado, atravessa a raia uma fôrça de quarenta cavalos junto de Forcalhos, rapinando alguns bois. Como da aldeia houvesse sinais a pedir socôrro, Brás Garcia corre lá, mas não chega a tempo; passa a raia, segue no encalce dos castelhanos, que haviam tido tempo de se colocar em seguro, recolhendo-se com os bois ao castelo de Albergaria. Encontrando porêem algum gado a pastar, o capitão Brás apreende-o; mas sae-lhe do castelo uma fôrça de cavalaria comandada por um alferes, que êle desbarata pondo a maior parte dos soldados em debandada, e recolhe a Alfaiates com o gado, trazendo prisioneiros nove soldados e o alferes comandante.

Este procedimento de Brás Garcia era de molde a desfazer todas as suspeitas que contra êle se haviam avolumado, e a reabilitá-lo no conceito do general. Parece que realmente as suspeitas se desvaneceram um pouco, pois vamos encontrar Fernão Teles, dias depois, a pedir-lhe o voto em conselho de guerra; mas êsse voto não é seguido, apesar de ser o mais autorizado de todos, e daqui em diante vemos sempre afastado e posto de banda sistematicamente o governador de Alfaiates, todas as vezes que era necessário vibrar algum golpe contra os castelhanos.



Era indispensável castigar tanta audácia dos soldados de Castela. Chegavam além disso avisos de que o inimigo continuava a

¹ Traz a 1.^a ed. do *V. T. perigrinos*, manifesto êrro tipográfico, que se manteve na 2.^a edição.

juntar gente na fronteira, e projectava uma incursão para muito breve.

Fernão Teles toma então as suas precauções.

Sabendo que Brás Garcia tinha ido explorar os três castelos espanhois em tempo de D. Álvaro, manda-o chamar e tem com êle uma conferência, em que se informa por meúdo do assunto.

Destaca da Guarda o tenente-general da cavalaria João de Saldanha com uma fôrça de 100 cavalos para Alfaiates, e o mestre-de-campo D. Sancho Manuel com parte do seu terço de infantaria para Castelo-Bom; nessas duas fortalezas ficam de prevenção, para acudirem a onde quer que seja necessário.

Isto succedia na quaresma de 1642.

João de Saldanha foi encontrar o governador de Alfaiates perfeitamente a par do que se passava do lado de além da raia, mercê do excelente serviço de espionagem que continuava a ter montado; mas D. Sancho Manuel, sem informações dignas de crédito, enviou soldados que fossem à fronteira espanhola, e prendessem alguns castelhanos para dêles saber o que havia, podendo de caminho saquear o que achassem a geito. Fôram, e voltaram com três prisioneiros, e com quarenta bois.

Não se fez esperar a resposta.

O inimigo sai logo de Albergaria, cai sôbre a povoação de Forcalhos que é saqueada, e leva para Espanha muita gente prêsa.

Fizeram-se avisos ao mestre-de-campo e ao tenente-general, que acodem prontamente. João de Saldanha com a sua cavalaria, vindo ali de perto, chega logo e marcha até à vista do castelo de Albergaria em perseguição dos espanhois, sem os poder alcançar; ja estavam recolhidos com a prêsa.

Calcule-se o furor dos nossos officiaes e soldados, tendo de reconhecer a sua impotência ante as muralhas da praça!

¿ Que fazer agora? Voltar costas e retirar, ouvindo os chascos e injúrias que o inimigo lhes dirige de trás das ameias? ; Vergonha!

— *Ha aqui perto um lugar bastante rico, Casillas, no qual nos podemos desforçar*, informa o capitão Diogo de Afonseca Coutinho, muito conhecedor daquêles sítios.

João de Saldanha mete a mão no seio e tira uma planta corográfica da região. Não há dúvida, lá está Casillas, a uma légua para Sueste.

Manda immediatamente marchar sôbre aquella povoação o capitão Diogo de Tovar com a sua cavalaria, indo na vanguarda Diogo de Afonseca Coutinho a descobrir campo e guiar. O tenente-general

fica ali, com o resto da fôrça, a fim de cortar o passo aos de Albergaria, se quiserem sair a socorrer Casillas.

De Albergaria ninguêm se atreveu a sair. Os nossos tomaram Casillas sem resistência. Chegou nesta altura D. Sancho Manuel, que vinha de Castelo-Bom com a infantaria em socôrro. O logar foi saqueado e queimado, ficando tudo em ruínas, e muita gente prisioneira. O saque foi abundante e rico, sendo tudo transportado para Alfaiates.

Ao ter conhecimento do ocorrido, o general Fernão Teles deu ordem para que se conservasse em depósito todo o despojo trazido, até ver se o inimigo solicitava nova concórdia, em que se fizessem restituições e se soltassem os prisioneiros duma e outra parte.

Apareceu efectivamente no dia seguinte um bolatim do duque de Alba, a afirmar em nome dêste que as entradas, que se haviam feito na fronteira portuguesa, eram simples desmandos dos soldados, não autorizados superiormente, e a propor a restituição mútua do saqueado e a soltura dos prêsos, com a garantia de que não se repetiriam mais semelhantes perturbações.

Fernão Teles concordou, e assim mandou que se fizesse.

Quem executou a ordem do general foi, como era natural, o governador de Alfaiates, Brás Garcia de Mascarenhas. Mandou soltar os prêsos e entregar o gado e mais despojos depositados na sua praça. Assistiu êle mesmo em pessoa a esta entrega, e nessa ocasião disse aos espanhois que se restituía tudo o que os soldados ou paisanos roubassem em assaltos; mas que tal se não faria se alguma cousa se tomasse em guerra perfeita, com bandeiras despregadas ou campo formado. Se porventura êles castelhanos pudessem nestas condições vir-lhe conquistar a sua praça de Alfaiates, que o fizessem, pois muito bem tomada era; e que êle, podendo, procederia da mesma forma com as praças de Espanha.

Foi apenas um lugar comum que o capitão Brás enunciou; entretanto as suas palavras fôram estranhadas, repetidas com ampliações, e certamente desfiguradas. Salgado de Araújo ¹ entendeu que devia registá-las no seu livro, provavelmente para as reduzir à sua expressão verdadeira. ¿ Como chegaram elas aos ouvidos de Fernão Teles? ¿ Não haveria quem lhe dissesse que ouvira o capitão combinar com os espanhois que lhes entregaria a praça, logo que viessem sôbre ela? Afigura-se-me estar nêste episódio o principal fundamento da acusação gravíssima, que pouco depois vemos formulada oficialmente contra Brás Garcia pelo próprio general em seu relatório ².

¹ Op. cit., fl. 127.

² Doc. XLVI.



Decorridos poucos dias sôbre êstes acontecimentos, deu-se um novo assalto de espanhois vindos de Valverde, do castelo de Eljas e de S. Martinho de Trebejo. Passaram a portela chamada *puerto de San Martin* e caíram sôbre Foios, cêrca de duas léguas desviado de Alfaiates para Sul. Levaram dali perto de mil cabeças de gado.

Era o rompimento manifesto do contrato feito em nome do duque de Alba.

Mandou logo o governador de Albergaria desculpar-se: — Que tanto êle como toda a gente subordinada ao duque de Alba fôra estranha àquêle assalto, feito por soldados do exército comandado pelo governador da praça e distrito de Badajoz. Tal desculpa não colhia, pois S. Martinho, por onde êles passaram para entrar em Portugal, era da jurisdição do duque de Alba, que lá tinha autoridades suas, que podiam e deviam impedir a passagem.

Brás Garcia escreveu logo para a Guarda a participar ao general o ocorrido. Respondeu-lhe dizendo que na segunda feira da próxima semana iria pernoitar a Alfaiates, e então conversariam.

Conservava-se ainda em Alfaiates o tenente-general João de Saldanha; tinha lá a sua companhia, as dos capitães Cristóvão de Mendonça e Diogo de Tovar, e ainda o regimento de franceses do coronel Mahé. Era uma concentração de tropas ordenada por Fernão Teles, sem dizer com que fim. Por ordem do general marchou também para Nave, légua e meia a Noroeste de Alfaiates, o mestre-de-campo D. Sancho Manuel com umas companhias de infantaria, na fôrça de 300 soldados.

Na tarde do dia marcado, segunda feira da semana santa, 14 de abril, chega Fernão Teles a Alfaiates, e na mesma tarde, cumprindo as instruções recebidas, comparece também ali D. Sancho Manuel, tendo deixado a sua tropa em Nave.

O general chama logo a conselho o mestre-de-campo, o tenente-general, o coronel Mahé e o governador da praça, e declara-lhes que, em face dos últimos acontecimentos, está resolvido a não dissimular por mais tempo, e a entrar imediatamente em Castela; pede porêmi conselho sôbre o melhor modo de levar a efeito esta resolução.

Falou primeiro o capitão governador Brás Garcia de Mascarenhas, sendo de opinião que se dividisse a tropa em três corpos, e se fizessem três entradas simultâneas, tomando ao mesmo tempo os três castelos que tanto afrontavam a região: — Albergaria, El Payo e Eljas. Pareceria emprêsa arriscada, dizia êle, mas não o era. Tinha infor-

mações seguras de que neste momento estavam mal guarnecidos, e de que havia lá muito descuido. Ele conhecia-lhes bem os fracos, e subministraria o plano de ataque de cada um, podendo assegurar que, se houvesse segredo, habilidade e audácia, eram três golpes certíssimos, sendo os castelos tomados

..... por sorpresa,
Que hê das empresas a melhor empresa ¹.

Para se realizar êste plano não era necessário, nem convinha, um grande exército, que mal poderia manobrar: três mediócrs corpos de bons soldados, era quanto bastava, pois

.....
Dos mediócrs destros, & animosos
Sam pequenos, & grandes destroçados;
Não vencem muytas mãos com mais presteza,
Vence o valor, a astucia, & a destreza ².

E concluiria a sua fala com um remate semelhante àquele que em seu poêma pôs na boca de Briseo, emitindo também parecer em um conselho de guerra:

.....
Favorece a fortuna aos atrevidos,
Se ousados investirmos, venceremos.
Este he meu parecer; & se hà quem diga
Outro mais importante, esse se siga ³.

Foi unânimemente rejeitado por temerário tal parecer.

Brás mordeu despeitado o bigode. ; Êle que tinha absoluta certeza da exactidão do que dizia, êle que era o único naquêle conselho que conhecia perfeitamente o assunto, pelos elementos excepcionalíssimos de que estava de posse, êle que via claramente o grande alcance que teria a adopção do seu plano, ser assim pôsto de parte como leviano, como temerário! ; Não devia, não podia ser!

Insiste pois, transigindo em parte. Já que receavam atacar simultâneamente os três castelos principais daquela raia, ao menos se acometessem ao mesmo tempo o castelo importante de Eljas, o inferior de Trebejo, e a vila de S. Martinho de Trebejo. Nesta emprêsa o mais difficil era tomar o castelo de Eljas; pois bem, deixassem-no a êle ir só com a sua companhia, e responsabilizava-se por entrar no castelo, que conhecia como as suas mãos, e assenhorear-se hia dêle.

¹ V. T. IV, 53. — ² V. T. XIX, 18. — ³ V. T. IV, 55.

Era tal o tom de convicção e sinceridade que punha nas suas palavras, que o general sentiu-se dominado, e pondo de parte a antipatia e desconfiança que tinha a respeito de Brás, deu mostras de concordar; mas os oficiais do conselho mais uma vez rejeitaram o voto do capitão.

Prevaleceu o parecer do coronel Mahé, com o qual concordaram D. Sancho Manuel e João de Saldanha: — Que era perigoso dividir as forças, especialmente neste primeiro ataque em forma. Bastaria, para desafronta das ofensas recebidas do inimigo, e para fazer entrar este na linha de respeito, ir tomar o castelo e vila de Eljas ¹.

Por fim, e depois de larga discussão, assentou-se nisto: — O general partiria de Alfaiates para Valverde, que certamente se entregaria sem grande resistência, e em seguida avançaria a atacar Eljas; o mestre-de-campo, saindo de Nave, iria logo directamente a Eljas, onde se juntaria ao general para o ataque ao castelo.

¿E Brás Garcia? Esse ficaria em Alfaiates, vinculado ao seu posto de governador da praça, como o papagaio prêso ao estaleiro; mas a sua companhia, a afamada *companhia dos leões*, iria na expedição comandada pelo seu alferes. ; Calcule-se a contrariedade e aborrecimento do nosso capitão, vendo partir os outros, e sendo obrigado a ficar, como se já pertencesse à classe dos inactivos!

Até aqui, para servir, para trabalhar, para dar informações, foi sempre admitido e ocupado; ; agora, para colher as honras e saborear

¹ Não deixa de ser interessante sabermos qual era o feito e envergadura moral deste coronel francês, cujo parecer foi unanimemente preferido ao de Brás Garcia de Mascarenhas no conselho de guerra que, sob a presidência do capitão-general Fernão Teles de Meneses, funcionou na praça de Alfaiates a 14 de abril de 1642.

Não nos socorreremos de testemunho suspeito. Ouçamos o que a 20 de outubro deste mesmo ano informava Lanier, representante de França em Lisboa, em carta dirigida ao seu govêrno:

— «Je vous enuoye aussy la relation de ce que s'est passé en leur dernière occasion ou le dit Popiliniere commandait la caurie Mr. Mahé estan isy depuis trois (ans?) a mener la plus infame vye du monde, et après auoir esté payé de tout or que luy estoit debu, a demandé son congé qu'on luy a tres vollontiers accordé, son gñal fernando Telles ayant mandé comme il n'estoit d'aucun service. Sa maté l'auvoit consideré au commencement comme parment envoyé par S. E. du quil il se disoit fauory et pour donner conseil aux aff.^s plus importants de la guerre. Mr le Marquis le Brezé pensa le renuoyer en France dans ung brulost pour les desordres quil fist dans la mayson du Roy avec ung nombre de filoux au commencement quil en arriva isy. Il ne promet rien moins que de ruyner les aff.^s de cet estat par le descry qu'il en donnera par de la». — (Arquivos do Ministério dos Estrangeiros de Paris, *Correspondance de Portugal*, vol. I, fl. 164, apud *História do exército português*, por CRISTÓVÃO AYRES, vol. II, pág. 204).

o fruto já sazonado, arredam-no como inútil! Razão pois teve o poeta quando, mais tarde, rememorando êste enorme desgosto por que o fizeram passar, compara a sua sorte à do zângão, que as abelhas admitem na colmeia enquanto dêle precisam, mas depois, quando se trata de saborear o mel, o põem fora ¹.



Quanto ao itinerário da expedição, havia dúvidas sérias, e o caso era dificultoso.

O terreno não podia ser mais áspero e acidentado, tendo de se vencer a barreira natural dos contrafortes da serra de Gata, que estendem o seu espinhaço, cortando as comunicações entre a bacia do rio Côa, donde partia a expedição, e a do rio Elgas, para onde se dirigia.

Há dois *portos* (*puertos* lhe chamam ainda hoje os espanhois, *portelas* dizemos nós usualmente em linguagem moderna), por onde melhor se pode vencer a dificuldade da passagem: o de S. Martinho e o de Santa Clara. Brás Garcia aconselhava que tanto o general como o mestre-de-campo seguissem pelo de Santa Clara, que era melhor caminho, embora mais longo; mas havia conselhos divergentes. Quis D. Sancho reconhecer primeiro o território, e convidou o capitão a ir-lho mostrar dum alto. Foram, e o mestre-de-campo voltou satisfeito, porque a sua infantaria por aquele caminho poderia marchar ordenadamente, e debaixo de forma.

Ao regressarem a Alfaiates desta pequena viagem exploratória, encontraram lá espias, que vinham avisar o governador de que actualmente o castelo de Eljas estava desguarnecido pela saída de tropa, havendo dentro dêle, de hoje para amanhã, apenas quatro soldados e um rebanho de cabras. Era pois necessário aproveitar a ocasião, e cair sôbre esta fortaleza na próxima noite, sem falta.

Em face desta informação resolveu-se que D. Sancho recolhesse a Nave, e concertasse a sua tropa para partir esta mesma tarde, seguindo pelos atalhos apesar da extrema dificuldade e aspereza da serra, por forma que surpreendesse o castelo antes de amanhecer.

O mestre de campo corre pois a Nave do Sabugal, manda preparar as tropas, e depois de as ter formadas faz-lhes uma alocução patriótica, e dá voz de marcha.

¹ V. T. XIV, 86.



Eram cinco horas da tarde do dia 15 de abril, terça feira da semana santa, quando partiram.

Contava-se com uma noite bela e clara, por haver sido a lua cheia dois dias antes; mas formaram-se densas nuvens de trovoadas, que toldaram o ceu, e dificultaram mais a marcha ¹. Houve lugares onde os soldados tiveram de desfilar a um de fundo, dando-se as mãos uns aos outros. Entretanto o conhecimento dos guias experimentados que levavam, e a coragem e entusiasmo dos oficiais e soldados, venceram todas as dificuldades.

Chegaram a Eljas ainda antes de ter chegado a Valverde o general, que partira de Alfaiates ao sol posto, cêrca de duas horas depois de D. Sancho partir de Nave, e que foi guiado pelo capitão Diogo de Afonseca Coutinho, muito perito nêstes caminhos e passagens.

Quem tiver a curiosidade de conhecer por meúdo as peripécias desta expedição, recorra à chronica, já por nós tantas vezes citada, de Salgado de Araújo; nós limitar-nos hemos a apontar os resultados.

Fernão Teles reduziu sem resistênciã os habitantes de Valverde a prestarem vassalagem a el-rei de Portugal, do que se lavrou escritura pública. Aclamaram D. João IV por seu rei e senhor, arvoraram-se bandeiras portuguezas, estabeleceram-se autoridades em nome do rei de Portugal, e comprometeram-se os moradores a sustentar o presídio de Eljas, de cuja rendição chegou aviso nêste momento. Cometeu entretanto o general a imprudência de não garantir êste contrato com alguns refens, escolhidos entre os principais moradores da vila, o que constituiria a única segurança eficaz. Feito isto, partiu com as tropas para Eljas.

D. Sancho Manuel encontrara êste castelo guarnecido apenas por um alferes e sete soldados; mas como a praça era forte e bem fechada, ainda teve dificuldade em a entrar, dificuldade que foi vencida pela audácia e coragem dos seus officiais. A vila de Eljas, protegida pelo castelo, entregou-se sem resistênciã, prestando solenemente vassalagem ao rei de Portugal. Quando o general chegou, estava o

¹ Labora num equívoco o Dr. SALGADO DE ARAÚJO ao falar-nos da *terribilidade em escuridão da noite* (Op. cit., fl. 131). Embora as nuvens se acastelassem densas, como era ocasião de lua cheia, a escuridão deveria ter atenuada a sua *terribilidade*. Entretanto a dificuldade da marcha não podia deixar de ser enorme, pela natureza do terreno.

feito concluído, sendo êle mesmo que, na qualidade de representante de D. João IV, recebeu juramento de fidelidade do alcaide-mór do castelo.

Em toda esta empresa não houve baixa alguma no nosso exército; ao inimigo morreram ao todo 8 ou 9 homens ¹.

Teria feito bem Fernão Teles de Meneses, se arrasasse o castelo para inutilizar esta arma nas mãos do inimigo; conservá-lo em nosso poder era muito difícil, e as vantagens não compensavam o sacrificio. Fiou-se porém nas promessas e juramentos dos adversários, e poupou-o, deixando nêle a guarnece-lo o mestre-de-campo com 300 soldados de infantaria. Em breve havia de reconhecer o êrro cometido, êrro que talvez estivesse presente ao espirito do poeta ao escrever êstes versos :

Fiem-se os Capitães de quem vencerão,
E verão presto, como se enganarão;
Que de muytos sabemos, que souberão
Vencer, e das victorias mal uzarão :
Porque huns, em se deterem, se perderão,
Outros em se apressar, se despenharão ;
Que daña, emquanto o sangue não se enxuga,
De ter o alcance, & seguir a fuga ².

Partiu o general nessa mesma tarde de quarta feira para Penamacôr, onde andava cuidando da reparação da fortaleza. Sofreu em marcha uma horrível tempestade de trovões, chuva e neve, que se desencadeou durante a noite.

A facilidade com que se renderam Eljas e Valverde, o descuido em que se verificou encontrarem-se os espanhois, mostraram bem que, se tivesse sido adoptado o parecer de Brás Garcia, os três castelos que êle apontava cairiam todos em poder da nossa tropa.

Falando de si, e do seu voto rejeitado pelo conselho de guerra em Alfaiates, o poeta, depois de fazer referência à tomada da fortaleza de Eljas e à de Valverde, nas quais se verificou, como êle anunciara,

... que em nocturna sombra de repente
Se toma a mais difficil facilmente,

acrescenta com espirito :

Não se renderão mais, por não ser crido,
Ou por não ficar mais acreditado :

¹ Doc. XLVI.

² V. T. III, 87.

Zãgão ¹, pera aquentar, serà admittido,
 Pera o favo gostar, fôra deytado.
 Etc..... ².



Não tardou o duque de Alba a procurar a possível reparação ao desastre da tomada do castelo de Eljas.

Mandou ocupar por tropa um monte, padraço ao castelo, e levantar nêle um reducto. De lá faziam fogo nutrido contra a fortaleza, e molestavam grandemente os nossos.

Os habitantes da vila faltaram ao seu juramento, merecendo que o mestre de campo a mandasse queimar e arrasar.

D. Sancho previne logo o general da sua situação crítica, escrevendo-lhe estas simples palavras: — *Fico a braços co inimigo. V. S.^a faça o que for servido.*

Não se descuidou Fernão Teles em acudir com 6:000 infantes, em cujo número ia a companhia de Brás comandada pelo seu alferes, e com 200 cavalos.

Foi pela pascoela que o general apareceu junto de Eljas com estas tropas. D. Sancho saiu fora do castelo a encontrar-se com êle, conferenciando os dois sôbre a maneira de atacar o inimigo.

Esperava o general que no dia seguinte pela manhã apparecesse guarnecido com gente nossa um outro monte que havia superior aquêle donde os castelhanos nos molestavam; entretanto amanheceu, sem que êsse outro padraço fôsse ocupado.

Fôra o caso que Fernão Teles, ao partir, enviara ordem ao governador de Alfaiates para mandar preparar 150 soldados de infantaria, que, comandados pelo capitão Simão da Costa Feo, atravessariam a serra nessa noite e ocupariam o padraço, e no dia seguinte, ao amanhacer, estariam a fazer fogo sôbre o reducto dos castelhanos.

O capitão Brás Garcia viu-se dêste modo mais uma vez excluído de ir comandar a sua gente; cumpriu porém o dever de executar o que o general mandava, e preparou os soldados, segundo as ordens recebidas.

Mas até ao declinar da tarde não appareceu o capitão Costa Feo. Então o governador de Alfaiates resolve ir êle mesmo à frente dos soldados. Tinha chegado o coronel Diogo Ribeiro Homem com alguma gente da ordenança; entrega a êste o govêrno da praça,

¹ *Zagão*, encontra-se na edição primeira, por êrro; deve lêr-se *zãgão*.

² V. T. XIV, 85-86.

manda tocar a reunir, e, quando ia dar a voz de marcha, eis que chega o capitão Feo, que protesta ruidosamente contra a deliberação tomada pelo governador em contrário às ordens e instruções expressas do general, requerendo que lhe seja entregue o comando da fôrça. Brás Garcia fica muito contrariado com êste novo incidente, mas cede por espírito de disciplina.

Era sol posto quando partiu o capitão Feo a cavalo, à frente dos soldados. Anoi-teceu; noite escura e sem luar, pois dentro de dois ou três dias ia ser lua nova. Enormes eram as dificuldades da serra, áspera e fragosa. O cavalo em que montava o capitão tropeçou e chapou-se, ficando o oficial bastante magoado. Não esteve com mais cerimónias; abandonou a fôrça, e regressou a Alfaiates a pretexto de se sangrar.

Ao vê-lo, e ouvir-lhe dizer que os soldados haviam ficado abandonados na serra, o governador ficou furioso; em vez de mandar sangrar o capitão, exigiu-lhe a espada, e prendeu-o.

Estava casualmente na praça o capitão de Vilar-Torpim, a quem Brás Garcia enviou à cata dos soldados, com ordem de ir ocupar o padraço, segundo as determinações do general, caso fôsse ainda possível chegar a tempo. A fôrça apareceu, mas pouco depois amanhecia sem ter vencido a serra. Assim falhou o plano da ocupação do monte durante a noite.

Vendo pela manhã que o padraço não fôra ocupado, o general resolve que seja tomado à valentona o reducto dos castelhanos, trepando os nossos a íngreme e quasi inacessível encosta, e arrostando de frente e a peito descoberto as balas do inimigo. Não podia empregar-se cavalaria nesta empreza; só infantaria arrojada e sem amor à vida era capaz de tal fazer.

Foi para isso escolhida a companhia do capitão Brás Garcia de Mascarenhas, já conhecida pelo seu valor destemido, e por isso cognominada *companhia dos leões*. Reforçou-se com cêrca de cinquenta mosqueteiros valentes, escolhidos por D. Sancho, e foi dividida em dois troços de cento e tantos homens cada um. Para os comandar nomeou o general os capitães Manuel Feo de Melo e Luís de Paiva. Este apresentou várias escusas, com que ficou alcunhado de poltrão, e foi substituído pelo ajudante Simão Ferraz de Faria.

Do castelo mandou D. Sancho dar uma descarga cerrada para o padraço; os que o ocupavam responderam-lhe em continente descarregando as suas armas sôbre o castelo. Aproveitaram êste momento os dois troços de infantaria para saírem e começarem a trepar o monte, cada um por seu lado, vencendo algum espaço enquanto os castelhanos realizavam a demorada operação de carregar armas.

Depois foi um despejar de balas sem medida sôbre os soldados portugueses, que continuavam trepando pelo monte arriba.

Foi mais feliz o troço do comando de Feo de Melo, que acertou com o lado um pouco mais acessível do monte; subiu mais depressa por entre as balas que como granizo lhe enviavam de cima os trezentos e tantos espanhois que guarneciam o reducto. Chegáram às primeiras guarnições, que desalojaram, e avançando até ao reducto principal obrigaram o inimigo a abandoná-lo e pôr-se em fuga, com morte de cinco ou seis soldados. O capitão Feo contou então os seus, e encontrou 110, isto é, todos os que lhe haviam sido entregues. ¡Nenhum havia sido victima da sua intrepidez!

Razão pois tinha o poeta, quando escrevia:

.....
 Custava a guerra antiga muyta gente,
 Porquanto pelejava mais chegada;
 A de hoje, como ao largo se combata,
 Muyta polvora gasta, & poucos mata¹.

Ao assenhorearem-se os nossos do reducto, vêem entrar do outro lado Simão de Faria com o seu troço, que se não mostrou menos destemido.

— ¡*Estremado valor!* exclama o cronista dr. Salgado, ao dar conta da façanha. — ¡*Foi hum dos mais arriscados, & honrados feitos, que se fizeram em toda aquella frôteira!*²

Teriam neste ataque conquistado o justo epíteto de *companhia dos leões* os soldados de Brás Garcia, se não fossem já designados por êsse nome.



Logo no mesmo dia marchou o general com o mestre-de-campo e toda a gente disponível a pernoitar em Valverde, cujos habitantes protestaram submissos que não eram coniventes na rebelião dos de Eljas, antes pelo contrário queriam ser considerados como os mais fieis vassallos de el-rei de Portugal. Bem conhecia Fernão Teles a falta de sinceridade daquela gente, mas convinha-lhe dissimular.

No dia seguinte caminhou sôbre a vila de S. Martinho de Trebejo, que era das mais ricas povoações de toda a serra de Gata. Encontrou-a prevenida, bem fortificada e guarnecida de cavalaria e infanta-

¹ V. T., IV, 28.

² Op. cit., fl. 135.

ria, com officialidade escolhida, munições abundantes, sob o comando do mestre-de-campo D. Benito de Queiroga, militar de muito valor.

Apesar da grande bravura dos nossos, que se bateram como herois, especialmente D. Sancho Manuel, que mais uma vez deu provas de sua extraordinária valentia, o general teve de desistir da emprêsa ao fim de quatro horas de combate, e de haverem os nossos tomado uma parte da vila, porque desatou a chover tanto, que não houve meio de evitar que se molhasse a pólvora, morrão e cassoletas, tornando-se as armas inúteis. Entretanto alguns officiais mostraram o grande desgosto que lhes causou a ordem de retirar, especialmente D. Sancho e João de Saldanha, que mesmo sem pólvora queriam ir àvante e concluir a tomada da vila. Sofreu o inimigo cêrca de 120 mortes e muitos prejuizos materiais; nós tivémos também algumas baixas, embora em número bastante inferior.

O general retirou-se com o exército, indo pernoitar outra vez em Valverde, donde no dia seguinte foi a Eljas mandar dismantelar o castelo, que só nos podia servir de embaraço, e recolheu de noite a Penamacôr, debaixo de um temporal desfeito.



Seguiu-se uma entrada de espanhois na nossa fronteira, por vários pontos, quási simultâneamente.

A Espanha, continuando a sustentar guerras em muitas partes, não podia acudir à fronteira portugûesa, e assim, não pensando sequer por agora em vir ocupar Portugal, mantinha junto da raia um pequeno exército, que guarnecia as praças, mas não era capaz de fazer uma incursão em forma pelo território portugûês, a conquistar os nossos castelos, apesar da fraca resistênciã que nós podiamos opôr-lhe. Limitavam-se os soldados a estas pequenas correrias de destruição e de pillagem por surpresa. Teem perfeita applicação a esta fase da guerra da restauração os versos do nosso poeta:

Com forças igualmente quebrantadas
Se prosegue depois mais branda a Guerra:
Como as ondas do mar, quando empoladas,
Húas ao golfo vão, outras à terra;
Assi entrando, & fazendo retiradas,
Huns, & outros, cada qual por fim se encerra
Em seus limites, como os passarinhos,
Que feyto o furto, fogem pera os ninhos ¹.

¹ V. T., III, 90.

O primeiro troço de soldados espanhois que nesta ocasião passou a raia veio da serra de Gata: assaltou sem resistência os lugares de Lageosa, Aldêa-Velha, Aldêa do Bispo e Foios, saqueou e queimou estas povoações, e retirou-se com grande presa de gados.

Houve sinais a pedir socôrro, e o governador de Alfaiates, que os ouviu, acudiu logo com a sua guarnição, que então era reduzida, e constando apenas de infantaria; mas o golpe fôra tão rápido, que, quando êle chegou, já o inimigo recolhia de Foios em direcção ao Sul. Brás Garcia, conhecedor, como era, da região, e já escarmentado de outras vezes, em que o inimigo se escapara com a prêsa enquanto os soldados de cavalaria escaramuçavam, em vez de lhe seguir no encalce, ladeou sem ser presentido, tomou-lhe a deanteira, e caminhando por atalhos foi emboscar-se no porto de S. Martinho, por onde os castelhanos iam fatalmente passar.

Madeira de Castro na sua biografia do poeta, e quantos depois dele lhe teem seguido as pègadas, collocam o porto de S. Martinho no rio Águeda, supondo-o um porto fluvial. Basta lançar a vista sôbre um mapa, e ver que o rio Águeda forma a raia portugûesa apenas desde o Douro até Escarigo, mais de dez léguas distante de Alfaiates, para reconhecer a inverosimilhança de ir o governador daquela praça dar caça aos espanhois a tão larga distância. O porto ou portela de S. Martinho fica, já nós o vimos, a menos de uma légua a sul de Foios. É uma passagem estreita, uma garganta que corta a serra, dando trânsito de uma para outra banda. Se tivesse ido cavalaria, só serviria de embaraço e impedimento.

Não os pode ajudar cavallaria,
Que inutil fica entre a aspera estreyteza ¹.

Brás dispôs a sua gente escondida entre o mato e as fragas, a um e outro lado, sobranceira à passagem, com as armas carregadas e aperradas.

Ia executar um golpe de surpresa, um desses golpes de que êle tanto gostava, em que tomava para exemplo e modêlo a águia, e de que fez a apologia no seu poema:

A princesa das Aves nos insina,
Como ha de ser a guerra executada:
Nam vedes como dece repentina,
Sobre a caça, que pasce descuydada?
E que não pára nunca em tal rapina,

¹ V. T., I, 96.

Senão que pello ar arrebatada
A vem comer sobre hum penhasco duro,
Que inda que bruta, julga-o por seguro?

Alegres, satisfeitos e descuidosos iam os soldados espanhois conduzindo a valiosa prêsa. Pelo desfiladeiro

Entra a cafila espessa, & numerosa,
De animo pobre, & de despojos rica².

Súbitamente estrondeia-lhes sôbre as cabeças uma descarga cerrada de fusilaria, e alguns caem feridos. A fôrça parou um momento surpreendida e apavorada.

De cada lado foy logo investida
Atraz cercada, & bem cortada ávante,
Pagando seu descuydo com a vida,
Que da morte se faz sempre distante.
Procura cada qual com a fugida,
Remedear o perigo circunstante,
E em cada parte discorrendo tudo
Vaí seu peyto encontrar com ferro agudo³.

Foi uma victória que bem pouco custou aos soldados de Brás Garcia. Recolheram os ricos despojos que os espanhois levavam, e com alguns presos voltaram a Alfaiates.



Quando revertia à sua praça, todo satisfeito do bom éxito da expedição, uma notícia bem desagradavel surpreende o nosso governador.

Durante a sua ausência um outro bando de espanhois entraram dos lados de Albergaria, e assaltaram Aldêa-da-Ponte. Encontraram bastante resistência neste logar, que era defendido por trincheiras. Muitos sinais de lá fizeram, a ver se de Alfaiates lhes acudiam; mas o governador estava ausente, e a guarnição ficára reduzida à expressão mais simples, não sendo possível i-los socorrer. A trincheira foi tomada, os moradores refugiáram-se na igreja, que também não poude resistir, e assim foi o logar saqueado e queimado, perdendo a vida muitos dos moradores. Dali os espanhois seguiram a fazer o mesmo

¹ V. T., II, 51. — Note-se que nestes dois versos, e na estância que se segue, Brás não refere o golpe de surpresa por êle planeado e executado, mas episódios da guerra viriatina, para a qual freqüentes vezes transporta os seus próprios feitos.

² V. T., II, 65. — ³ V. T., II, 64.

em Forcalhos, que saquearam pela segunda vez e queimaram sem resistência, e depois regressaram a Albergaria.

Não foi isto mais que uma parte dos assaltos que o duque de Alba mandou fazer à nossa fronteira da Beira. No mesmo dia outros bandos assaltaram Nave-de-Haver e Freineda, Val-de-la-Mula e Vila de Coelha, e mais ao norte Escarigo.

Disse-se depois que os moradores de Val-de-la-Mula, aldêa que não chegava a ter trinta e cinco fogos, vieram pessoalmente a Almeida pedir socôrro ao governador, e que Rodrigo Soares Pantoja lho recusou; mas que dez soldados da guarnição da praça, vendo a recusa do governador, fôram por sua conta à aldêa, afugentaram o inimigo que já tinha posto fogo às casas, e trouxeram alguns despojos.

Um cúmulo de mentiras, armadas sem ter em atenção nem sequer a verosimilhança. Pensemos um pouco, e vejamos se isto era possível. Os soldados vieram saquear e incendiar aquela aldêa insignificante, o que fizeram rapidamente e sem resistência alguma; pois apesar dêssa rapidez, houve tempo para tudo isto: — irem os moradores a Almeida, que pelos caminhos de então dista sete quilómetros e não *só meia legua* como no seu relatório escreveu Fernão Teles, — requisitarem socôrro que lhes foi negado pelo governador Pantoja, — recorrerem aos soldados que, ofendendo gravemente a disciplina, e depois de se terem armado e municiado, partiram contra as ordens do comandante, e ainda lá encontraram os espanhois, que provavelmente se estavam a aquecer ao fogo das casas que ardiam! — Ainda isto não é tudo: os dez soldados bateram os espanhois, derrotaram-nos, espantaram-nos, e no fim pegaram nos despojos que os moradores tinham deixado nas casas e trouxeram-nos para Almeida!

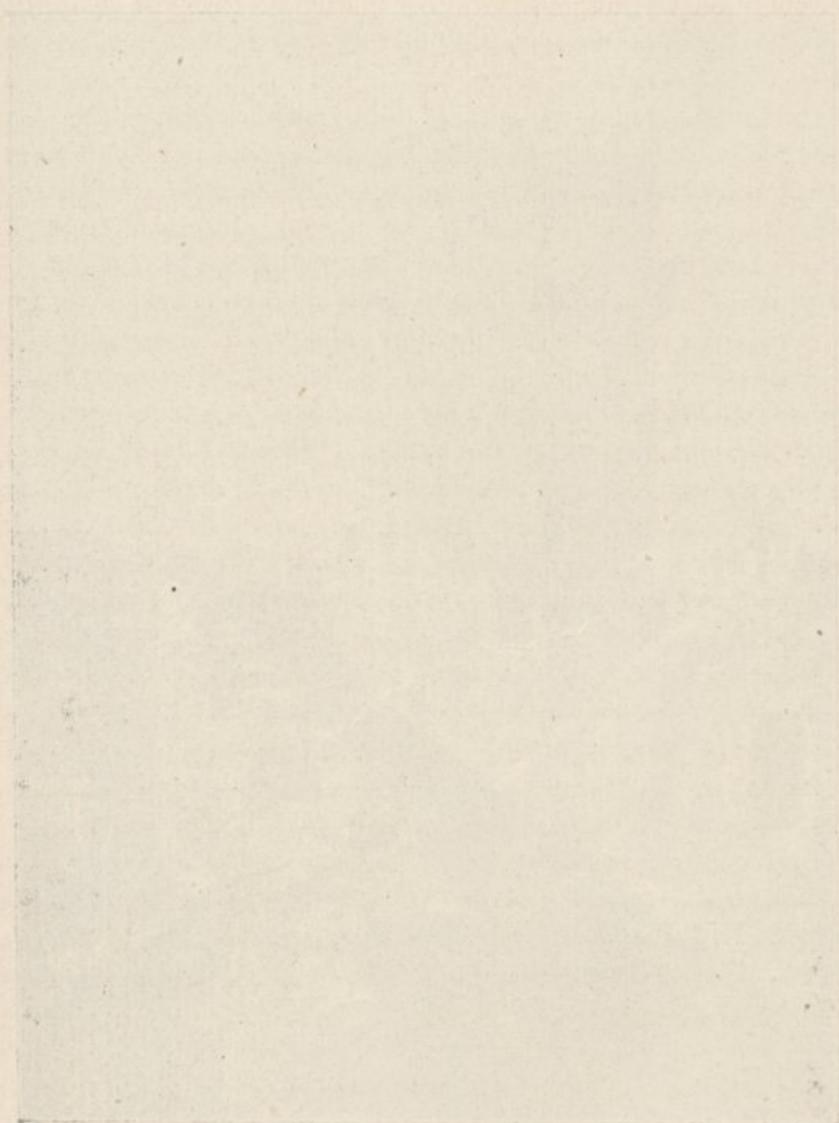
Isto lê-se, e custa a crer que fôsse escrito a sério. Entretanto lá está no relatório oficial dos acontecimentos, escrito pelo próprio punho do capitão-general Fernão Teles de Meneses, e que eu li com os meus olhos! ⁴.

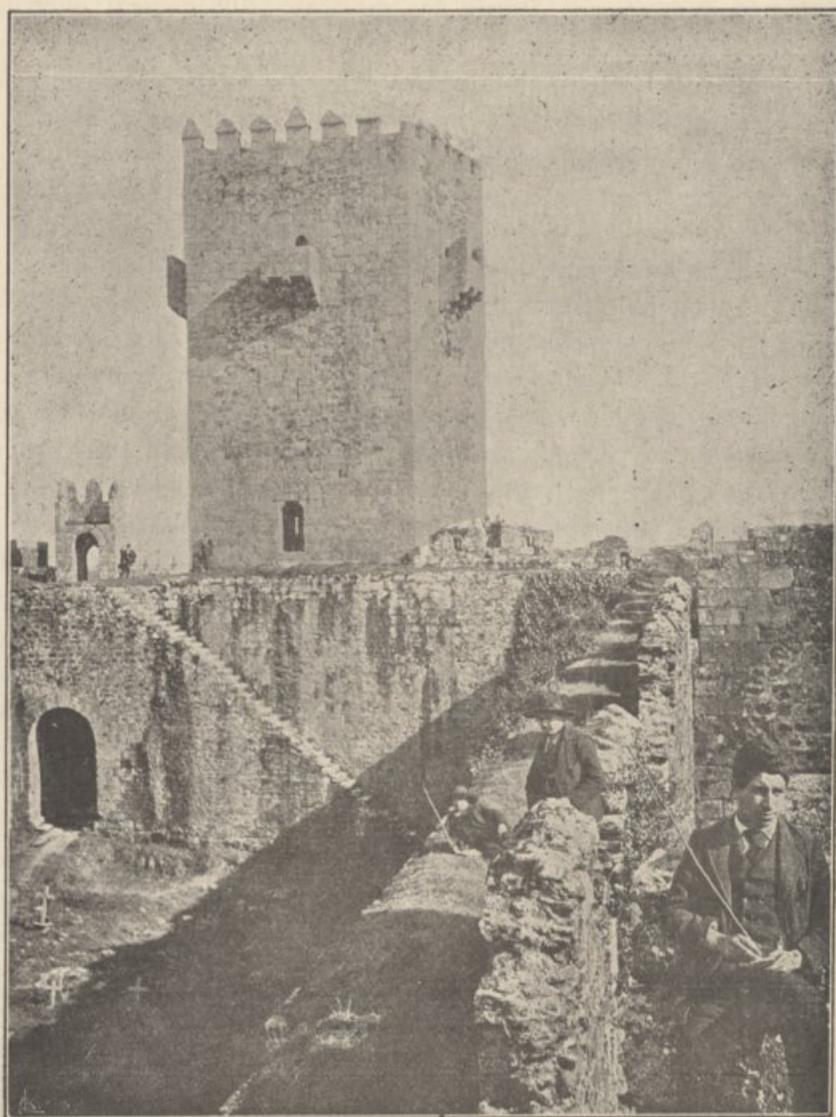
Quando estes factos se deram, ainda se conservava em Penamacôr o general.

Apenas tem noticia das novas incursões, parte immediatamente a informar-se por si dos acontecimentos.

Chega a Alfaiates, e abre uma devassa contra o governador da

⁴ Doc. XLVI.





praça, para que todas as pessoas que conheçam alguma circunstância relativa ao facto da invasão a vão declarar em segredo.

O resultado dessa devassa é conhecido nos seus traços gerais, apesar de ter levado sumiço o processo, naturalmente destruído por ordem do próprio D. João IV, enjoado e aborrecido com as calúnias e infâmias mal urdidas, que o entreteciam. Conhecemos esse resultado pela notícia dada por Bento Madeira de Castro ¹, já muito alterada, e com um sabor acentuado da lenda, que bem cedo envolveu o poeta guerreiro, e pelo relatório oficial redigido e escrito por Fernão Teles de Meneses ².

Segundo o que se apurou, Brás Garcia de Mascarenhas era um traidor, que tinha tratos de inconfidência com os castelhanos, mantendo correspondência muito íntima e inconfessável com o governador da vizinha praça de Albergaria. Combinára entregar-lhe a praça de Alfaiates, e para isso desguarneceu Aldêa-da-Ponte, a fim de o inimigo chegar à porta daquela praça sem embaraços. Segundo esta combinação, entrou a fronteira uma fôrça castelhana, mas, encontrando em Aldêa resistência inesperada por parte dos moradores, já não pôde chegar a Alfaiates, e assim não se realizou a projectada entrega. Entretanto a fôrça espanhola, deixando Aldêa-da-Ponte e não podendo ir até à porta de Alfaiates, que imediatamente lhe seria aberta, *como lhe tinha prometido o dito Brás Garcia*, andou a bater a fronteira, e *se foi fazendo algũ dano nas aldeas daquella araya como são forcalhos, fuinhos, lageoza, aldea velha, queimando em cada hua destas aldeas algumas cazas* ³.

É tão alheia à verdade, tão contraditória e absurda esta narrativa, que nem me dou ao trabalho de lhe apontar os dislates e inverosimilhanças, que são bem patentes.

O general Fernão Teles fez comparecer perante si o governador, capitão Brás Garcia de Mascarenhas, e sem o ouvir, sem lhe admitir defêsa, deu-lhe voz de prisão.

;Boa recompensa a tantos e tão valiosos serviços prestados à pátria!

Acompanhado de uma fôrça é remetido ao castelo do Sabugal ⁴, onde fica prêso alguns meses.

De Alfaiates passou logo o general a Almeida, e ali prende também por traidor, depois da devassa do estilo, o sargento-mór governador

¹ Doc. CXII. — ² Doc. XLVI. — ³ Doc. XLVI.

⁴ A estampa em frente representa a torre de menagem do castelo do Sabugal, com as ruínas das construcções anexas. Devo esta fotografia à amabilidade do sr. engenheiro António Rosado, director das Obras Públicas do districto da Guarda.

daquela praça, Rodrigo Soares Pantoja, e com êle muitas outras pessoas, classificadas de reus de alta traição! ¹.

¡Estava consumada a iniquidade!



Sucedia isto em princípios de maio de 1642. A 22 deste mês escrevia Fernão Teles uma carta a el-rei, dizendo ser já a quarta via por que mandava a exposição nestá contida. Queixava-se amargamente de lhe haverem fugido muitos soldados, achando-se com pouquíssima gente ². Nesta mesma queixa insistia aflitivamente em nova carta, datada de Almeida a 18 de junho ³. ¿Que queria êle que fizessem os soldados, ao verem como eram premiados os oficiais mais distintos, e de maior prestígio e serviços? ¿Que havia de fazer a *companhia dos leões*, composta em grande parte de fidalgos, parentes e amigos de Brás Garcia, e que serviam por dedicação patriótica e por satisfazerem aos desejos deste, depois de verem infamemente caluniado e preso o seu querido e respeitado capitão? Esta deve ter sido a principal causa das deserções em massa, embora para muitas tenha concorrido o motivo, pelo general apontado, de ser mal paga a gente ⁴.

Também naquela carta de 22 de maio pedia o general a el-rei que lhe enviasse *pessoa de grande experiência e de grande talento*, para governar a praça de Alfaiates, que *he a chaue de toda esta provincia da Beira* ⁵. ¡Cêdo começou a sentir-se a falta que fazia o nosso heroi!

Para governar interinamente Alfaiates nomeara o general o sargento-mór Lourenço da Costa Mimoso, de quem fazia o mais elevado conceito, informando a el-rei, em suas cartas de 5 e 7 de novembro do mesmo ano, que *êle é pessoa de valor e experiencia, que serve ha 19 annos em Africa, India, Brasil e nestas partes, e merece maiores postos* ⁶.

Lourenço da Costa Mimoso, que foi ocupar o cargo de governador de Alfaiates, quando Brás Garcia ía preso para o Sabugal, era de Linhares da Beira, povoação situada entre a Guarda e Gouveia, filho de Bernardo Madeira da Costa, de Avô, o qual era irmão de Gaspar

¹ Doc. XLVI.

² T.T. — *Consultas do Cons. de G.*, m. 2, n.º 160.

³ T.T. — *Consultas do Cons. de G.*, m. 2, n.º 185.

⁴ Doc. XLVI. — ⁵ Doc. XLV.

⁶ T.T. — *Consultas do Cons. de G.*, m. 2, n.º 403.

Dias da Costa, padrinho de Brás, pai da sua antiga namorada, e avô da que brevemente seria sua mulher ¹.

;Estranho capricho da sorte! ;Notável coincidência!

¿E seria uma simples coincidência?

(*Continua*)

A. DE VASCONCELOS.

DOCUMENTOS

LXXXIX

ESCRITURA DE INSTITUIÇÃO DE UM VÍNCULO, PELOS IRMÃOS E IRMÃS DO POETA,
PARA, POR MORTE DO ÚLTIMO DELES,
SER ADMINISTRADO E POSSUIDO POR SEUS DOIS SOBRINHOS,
TOMÁS, FILHO DE BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS, JÁ FALECIDO,
E MARIA, FILHA DE FELICIANA MONTEIRO,
E PELOS LEGÍTIMOS DESCENDENTES DÊSTES

(30 de dezembro 1659)

Saibam quantos este publico instrumento de testamento e doacam e instituição de Capella e Morguado na melhor forma e uia de direito que ser posa e melhor aja lugar uirem como no anno do nacimiento de noso Senhor Jesus Cristo de mil e seis centos e sesenta annos por ser pasado dia de natal em os trinta dias do mes de dezembro no fundo do ual do Castinca junto a estrada que uem do lugar do Sobral do termo da uilla de Ouoa estando ahi presentes o Doutor Manoel gracia e seu hirmão pantaliã gracia prior de trauanqua e o Reuerendo padre Matias gracia seu hirmão e bem asim suas hirmãs Maria gracia e ana monteira Isabel gracia e Antonia gracia naturais da uilla de auo todos maiores de uinte e cinco annos todos pesoas reconhecidas de mim tabaliã loguo por elles todos juntos e cada hum de per si foi dito perante mim tabaliã e testemunhas todas ao diante nomiadas e assignadas que elles em nome da santissima trindade padre e filho e espirito santo tres pesoas e hum so deos uerdadeiro em cuja fee protestauam uiuer e morer asim como o tem e defende a santa madre jgr^a de Roma e seja notorio a todos os que este instrumento uirem que estando todos elles sobreditos jrmaos e hirmãs de pai e mai naturais da dita uilla de auo e por nam terem herdeiros forcados queriam e hera sua uontade instetuir e faser de todos seus beñs de Rais auidos e por auer huma Capella e morguado como em direito melhor se possa diser com obriguacã de cinq^{ta} misas que se ham de diser por suas almas e de seus defuntos no Conuento de Santa Cruz de busaquo he isto em cada anno e emquanto o mundo durar em altar preuillegiado ou na sua Capella delles instituidores que he da inuocacã de sam Joseh sita no mesmo Conuento por estarem contratados com o Reuerendo prior e padres do dito mosteiro no padroado della em as quais misas se dira hum responso sobre a sua sepultura que lla tem pellas

¹ *Notas genealog.* III, 1, 3; — *Esquemas genealog.* II A.

almas delles instituidores disendo mais elles ditos instituidores que faziam inReuoguaueu doacam dos ditos seus bñs huns aos houtros e a dita Capella e instituam por administradores della huns aos houtros sobreditos instituidores e o que delles ultimamente ficar uiuo sera o ultimo adeministrador com obriguacam das ditas misas e por morte do ultimo que delles ficar socedera em ametade dos ditos seus bñs tomas gracia mascarenhas filho de seu hirmão bras gracia que deos tem e na houtra ametade sua sobrinha Maria monteira filha de sua hirmã feleciana monteira moradora na anadia e sendo caso que se peca em algum tempo alguma diuida que seu pai Marquos gracia que deos tem deuese aos absentes tios da dita sua sobrinha Maria monteira sera hella obriguada ou seus sucesores a pagar a dita diuida toda e por sua morte delles ditos administradores tomas gracia Mascarenhas e Maria monteira sucederam na dita Capella seus filhos machos mais uelhos legitimos auidos de legitimo matrimonio e nam tendo filhos machos sucederam a filha mais uelha legitima de legitimo matrimonio cada hum na sua miacam como dito tem e nam tendo a dita filha filhos ou faltando em algum tempo em sua decendencia sucesor legitimo sucedera na dita admenistracam o parente mais cheguado de cada hum dos ditos sucesores sucedendo sempre em macho e nam no auendo a femia sendo sempre de legitimo matrimonio indo sempre em nossa linha direita e sendo caso que algum dos ditos sucesores seus sobrinhos primeiros instituidores diguo primeiros adeministradores nam tenham erdeiros de sua linha direita em tal caso a sua ametade sucedera ao outro admenistrador que uiuo for e pera que fique a dita Capella sempre conjunta em seus direitos sucesores com declaracam que qualquer dos sucesores e admenistradores seram sempre Cristãos uelhos sem raca de mouro ou judeu ou de outra nacam infecta e cometendo algum delles crime de lesa magestade diuina ou humana hum dia dantes que o cometa o ham elles doadores por priuado da dita admenistracam e ham por chamado e metido de pose della o que auia de suceder como se elle naturalmte morrera e querem que em nenhum tempo o fisquo entre nella nem leue emolumento algum e sendo caso que algum dos que nella entrar legitimamente dispojs diso casar com alguma pesoa infamada de decender de alguma infecta nacam pello mesmo caso ham por priuado de todo o direito que na dita Capella e bñs a ella auiculados tinham e ham por metido de pose delles o que lhe auia de suceder se elle morrera e outrosi querem que nesta Capella nam suceda frade nem freira e se algum suceder porfesar em alguma Religiam ainda que se faca pas de bñs em comum loguo pase ao legitimo sucesor e que houtro sim queriam que na dita Capella nam sucedese pesoa douda ou de tal modo desatinada que nam tiuesse admenistracam de seus bñs proprios mas isto se nam entendera no que o nam tiuer por defeito de idade porque este a tera e admenistrará por seu tutor ou curador ate chegar a sua legitima idade nem outrosim sucedera nella surdo ou mudo ou mudo somente nem cego de ambos os olhos nem coxo de ambos os pes porem se depois de suceder legitimamente lhe suceder diguo lhe sobreuier alguma das sobreditas aleijois ou todas nam sera dellas priuado se ainda ficar com juiso em forma pera admenistrar seus bñs por seus procuradores e he sua uontade que o segundo que delles dotadores suceder faca inuentario de todos os ditos seus bñs de Rais dentro de hum anno depois de qualquer delles falecer do qual se mandara hum treslado autentico aos Religiosos do dito Conuento de busaquo e se guardara pera sempre em seu Cartorio os quais bñs andaram sempre conjuntos sem se poderem uender aliar nem escambar por modo algum nem outro sim se poderam danefiquar e sendo caso que algum dos admenistradores danefique os ditos bñs e fazenda ou alguma della ou deixar de reparar os detrimentos que naturalmente ou por obra de maos sobreuierem se refa-

ram a sua custa por conta dos bñs propios que delle fiquarem e bem assim as aruores que cortarem pera isto se fazer melhor cada hum que suceder dispois do ultimo delles doadores dara fianca na uilla de auo a entregar a dita fazenda melhorada ao que lhe ouuer de suceder e sera obriguado a guastar do rendimento da dita fazenda no primeiro anno no reparo e acrecentamento della e sera outrosim obriguado a mostrar todos os annos aos uisitadores da dita uilla certidam do prior do dito conuento em como tem paguo a esmolla das misas naquelle anno e o tratado e dara ao dito uisitador duas gualinhas ou sua justa ualia por tomar a dita conta e sendo caso que se descude hum anno a satisfaser a pagar a dita esmolla o dito uisitador ou uiguario geral deste bispado faram soquestro nos ditos rendimentos da dita fazenda e pelo faserem com efeito na forma ordinaria teram mais houtras duas gualinhas que uem a ser quatro duas polla conta que ham de tomar e duas por porem o dito soquestro em-efeito o qual se nam leuantara sem primeiro se pagar tudo o que se estiuer deuendo e desta Capella nam poderam ministro algum secular tomar conta saluo os eclesiasticos forem negligentes por tempo de dois annos porque em tal caso o corregedor ou prouedor da guarda poderam constringer o dito admenistrador e fazer o dito soquestro e aueram a pitança que os menistros eclesiasticos aueriam se o formasem e constringesem na forma que fica dito e sendo caso que o pam do cerco auincullado a esta Capella se rima sera o admenistrador obriguado a empreguallo dentro em seis meses em fazenda bem parada que nam seiia de pesoa mais poderosa que elles e morrendo sem o empregar dentro em os ditos seis meses seus erdeiros o empreguaram dentro em tres immediatamente seguintes e toda a perda que nesta parte ouuer se auera por seus bñs propios e fianca e querem e sam contentes que as ditas misas se diguam loguo e comecem a correr da feitura desta em diante por tencam delles doadores e de seus erdeiros em fee e testemunho de uerdade asim o outorguaram e de tudo mandaram ser feito este Ínstormento nesta nota que todos assignaram ao que foram testemunhas presentes Manoel pires morador em laguares do termo da uilla de pena coua que assignou pellas ditas doadoras a seu Roguo e foram mais testemunhas presentes An^{to} fran^{co} e Melchior Rõiz e bertolameu fran^{co} e acenso Rõiz e domingos duarte todos moradores no lugar de trauanqoa que todos nesta nota assignaram sendo-lhe primeiro lido e declararam mais elles doadores que os admenistradores da dita Capella uisto serem dois paguaram cada hum ametade da esmolla das misas que daixam em cada hum que se diguam no dito Conuento de Santa Crus de busaquo e eu Manoel de lindos (?) tabaliam que o escreui e desta nota pediram os traslados necesarios e eu sobredito o escreui — O P.^e Matias gracia — pantaliam gracia — Manoel gracia — Manoel pires — melchior rõis t.^a — Acenso rõis t.^a — An.^{to} fran.^{co} t.^a — D^{os} duarte t.^a — bertolameu fran.^{co} t.^a = he eu Joam fran^{co} taballiam do publico judisiall he notas nesta uilla de sam joam da-reias seu termo por el rei noso S.^{or} etc. treslladei de meu lliuro de notas ben he fiel m.^{te} he asinei de meu sinall publico e raso que tall he oje uinte he tres de agosto de mill he seis semtos nouenta he sinco annos he asinei de meu p^{co} sinall, . . meu publico j o raso que tall he

||
||

JOAM FRANCO

(Logar do ✕ signal público)

(Traslado autêntico existente em meu poder. As repetições extravagantes que se encontram na subscrição do tabelião, que autenticou o traslado, explicam-se pela conveniência de completar a página, onde já não cabia o aparatoso sinal público, que por este artificio tabeliônico passou para a página imediata.

XC

ASSENTO DO ÓBITO DE D. MARIA DA COSTA, MULHER DO POETA

(4 janeiro 1660)

Dona Maria molher de Bras gracia desta Villa faleceu em os mesmos 4 dias do mes de Janr.^o da diitta era de 1660 esta enterrada dentro Igr.^a Recebeu todos os sacram.^{tos} não fes manda dia mes era ut supra.

O P.^c GASPAS NUNEZ(Cota marginal) — tense satisfeito com todos os off.^{os}

misa prezente dita.

(C.S. — Registo paroquial de Avó, l. 1, cad. 3.^o, fl. 105).

XCI

ESCRITURA DE COMPRA DE UMA CAPELLA, EXISTENTE DENTRO DO CONVENTO DO BUÇACO,
FEITA AO PRIOR E RELIGIOSOS DAQUELE ERMITÉRIO
PELO PADRE PANTALEÃO GARCIA, PARA SUA SEPULTURA

(30 março 1660)

Saibaõ quantos este publico Instrumento de Carta de venda de Capella, ou como em Direito melhor se possa diser ou chamar de hoje para todo o sempre virem que no anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo, de mil seiscentos e sessenta annos, aos trinta dias do mes de Março do mesmo anno em o Convento de Santa Cruz do Bussaco na Caza da Hospedaria adonde Eu Taballião fui, e estando ahi presentes o Muito Reverendo Padre Frei Sabastião de Santa Maria Prior do dito Convento e os mais Relligiosos abaixo assignados, e bem assim estando ahi presente, o Reverendo Padre Pantelliaõ Gracia Prior da Igreja de Sam Thiago de Travanca, Logo pelo dito Padre Prior Frei Sabastião de Santa Maria, emais Relligiosos do dito Convento, que elles tinhaõ concertado com o dito Padre Pantelliaõ Gracia Prior da dita Igreja de Sam Theago de Travanca de lhe venderem huma Capella que tem no dito Convento que está a banda do Evangelho com respondente a Capella dos Reis para sempre e em quanto o Mundo durar aqual lhe vendiaõ deste dia para todo o sempre como fica dito e lhe davam o Padroado della para elle comprador e as pessoas que sucederem pelo tempo adiente na forma de huma Escripura de Doaçãõ que entre ele Comprador e sseus Irmaons, e Irmaõ tem feito em que ordenaõ que no altar Privelligiado ou nesta Capella se lhe digaõ sincoenta Missas em cada hum anno as quaes o Admenistrador da dita Capella sera obrigado a pagar em cada hum anno ao dito Convento pelo mez de Dezembro a sessenta reis por cada Missa, e a dita Capella lhes vendiaõ em preço de sessenta mil reis os quaes logo receberaõ da maõ do comprador em dinheiro de contado moeda ora corrente neste Reyno sem faltar nada perante mim Taballiaõ, e Testemunhas ao faser desta Escripura com o que se deraõ por pagos intregues e satisfeitos e por todo davaõ ao comprador e seus successores por quites e livres de hoje para todo o sempre, e que dimitiaõ de si, e trespassavaõ nas maons e poder delle comprador todo o Direito que tem e podiaõ ter na dita Capella e nella seria sepultado o corpo delle comprador se elle assim o ordenar, e todos o mais seus descendentes com a obrigaçãõ delle dito comprador e os ditos seus descendentes serãõ

obrigados a toda a fabrica da dita sua Capella para a qual fabrica dará elle comprador vinte mil reis os quaes os ditos relligiozos poderaõ dar a ração de juro para renderem para a dita fabrica e estes por huma vez somente com aquelle comprador e sseus descendentes ficaõ desobrigados da dita Fabrica para sempre; outrosim por morte do Padre o Doutor Manoel Garcia Irmaõ delle comprador hum calix deprata com mais ornamento que tem em a ssua Capella de Avó, e os vinte mil reis da fabrica dará elle comprador dentro em hum anno para se darem a ração de Juro como fica dito, e pelos ditos Padres Prior, e mais religiosos foi dito que elles se obrigaõ em seu nome e de seus sucessores a sempre terem a dita Capella livre e fabricada na forma que fica dito, o que tudo o dito Comprador dice aceitava com todas as clauzullas, e obrigaçoens aqui declaradas; e em ffé e testemunho de verdade assim o quiseram e outorgaraõ, e de tudo mandaraõ fazer este Instrumento de carta de venda de capella neste Livro de Nottas aonde asignaraõ, e delle mandaraõ dar ao comprador hum Instrumento deste Theor; Testemunhas que a tudo foraõ presentes Leonardo da Silva murador em villa nova de Monssarros, e Antonio Antunes morador em luzo, e Joaõ Francisco da Pampilhosa que todos aqui asignaraõ com o dito comprador e os relligiosos vendedores, e Eu Miguel Ribeiro Taballiaõ que o escrevi.

FREI SABASTIÃO DE SANTA MARIA PRIOR

FREI MAURO DE SANTA ISABEL

FREI JOÃO DO ESPIRITO SANTO

FREI VALLERIO DO ESPIRITO SANTO

FREI JOSÉ DOS SANTOS

PANTALIÃO GARCIA

FREI INOCENCIO DE SANTO ALBERTO

FREI MANOEL DA AÇUMPSSÃO

FREI JOÃO DA TRINDADE

FREI ANDRÉ DE SANTO ANGELO

FREI THOMÁS DOS REIS

LEONARDO DA SILVA

ANTONIO ANTUNES

JOÃO FRANCISCO

(Duma certidão passada a 24 set. 1824 por José da Costa de Carvalho e Lemos, escrivão proprietário dum dos officios da Correição e chanceler da comarca de Viseu, em face de outra certidão passada a 26 maio 1757 por José de Moraes, público tabelião de notas no couto de Vacariça, em face do respectivo livro existente no seu cartório, onde se encontrava esta escritura, a fl. 109 v.º — Pertence ao sr. António da Costa Mesquita, de Avó).

XCII

ASSENTO DO ÓBITO DO PADRE PANTALEÃO GARCIA, IRMÃO DO POETA

(14 outubro 1660)

Aos quatorze dias do mes de 8br.º de 660 annos faleção o R.º P.º Pantaleão Garcia Prior desta Igr.ª de Santiago de Travanca recebeu os sacramentos por mim o p.º Manoel glz.º está sepultado no mostr.º de Busaco em hũa Capella de S. Joseph que elle comprou ao prior e mais religiosos fes testamento in scriptis.

(Cota marginal) — Estão feitos os offisios todos, e seis mezes de estassão.

(C S. — Registo parochial de Travanca-de-Farinha-Pôdre, l. 1, cad. 5.º, fl. inumer.).

XCIII

ASSENTO DO CASAMENTO DE ANA DUARTE, MÃE DE MANUEL GARCIA DE MASCARENHAS,
SOBRINHO E GENRO DO POETA

(5 outubro 1661)

Em os sinquo dias do mes de 8bro de 1661 annos feitas as denunciacois premitidas em tres dias santos continuos proximos a este e não auendo impedim^{to} algũ eu o P.^e Ant.^o da fon.^{ca} cura nesta Igr.^a de S. Tiago de Trauanqua perguntei a Sebastiam Marques homem ueuo morador neste luguar de trauanqua e Anna duarte f.^a de João gorge e de sua m.^{er} Maria Duarte deste lugar de de Trauanqua desta freg.^a e con consentim^{to} de ambos em face da Igr.^a em minha presença conforme ao concilio tridentino e constituicois deste Bispado se receberam por marido e mer aos quais dei as bençõs matrimoniais de q̄ forão mais t.^{as} Grabiell Leitam de Magualhães e Gil de fg.^{do} de Castro morador em Louão e m.^{tas} mais pessoas, e eu Ant.^o da fon.^{ca} que o escreui hoje era ut supra.

ANT.^o DA FON.^{CA}

(C.S. — Registo paroquial de Travanca-de-Farinha-Pódre, l. 1, cad. 4.^o, fl. 41 v.^o).

XCIV

ASSENTO DO ÓBITO DO DR. MANUEL GARCIA, IRMÃO DO POETA

(21 janeiro 1662)

Anno de 1662 —

O D.^{or} M.^{el} Gracia faleceo em 21 de Janeiro da era sobredita recebeo todos os sacramentos esta enterrado dentro da ig.^{ra} desta u.^a iunto ao altar de nossa Senhora do pranto, e não fez manda de q̄. fiz este no mesmo dia ut supra.

O P.^e M.^{EL} DIAS

(Cota marginal) — missa presente dita.

feitos off.^{os}

(C.S. — Registo paroquial de Avó, l. 1, cad. 3.^o, fl. 108 v.^o).

XCV

ASSENTO DO ÓBITO DE ANA MONTEIRA, IRMÃ DO POETA

(10 fevereiro 1663)

Anna montr.^a f.^a de marcos Garcia desta uilla faleceo em os dez dias de feueiro da era de 1663 Annos. ias enterrada dentro da ig.^{ra} iunto da porta principal. a parte do norte. e por verdade. asinei, ut supra. recebeo os sacram.^{tos}.

MATTOS

(Cota marginal) — missa presente dita.

officios de noue licois

 3.

(C.S. — Registo paroquial de Avó, l. 1, cad. 3.^o, fl. 109).

XCVI

DEPÓIMENTOS DE DUAS TESTEMUNHAS, E INFORMAÇÃO DO VIGÁRIO DE AVÓ,
 NA INQUIRÇÃO *de genere, vita et moribus*,
 PARA A ORDENAÇÃO DE TOMÁS DE AQUINO GARCIA DE MASCARENHAS, FILHO DO POETA

(8 maio 1664)

Em os oito dias do mes de Maio da era acjma declarada (1664) nas pousadas e moradas do Reverendo prior de Couas¹ ahí em lugar secreto e apartado tiramos as testemunhas abaixo assinadas cuios ditos e nomes sam os seg.^{tes} de que elle me mandou fazer este termo de asentada que assinou e Eu o padre gaspar nunes escriuão que o escreuj.

COSTA

.....
 Bento de paiua homem cassado e official de çapateiro morador em a uilla de Avó testemunha nomeada pelo parrocho do ordinando...

E perguntado elle testemunha pello contheudo no mandado atras que lhe foi lido e declarado pello Reuerendo Arcipreste disse elle testemunha quera uerdade que elle conhecia muito bem ao dito ordinando thomas gracia o qual he filho legitimo de Bras gracia e de sua molher Dona Maria ia defunctos moradores que forão da uilla de Auó e outrosi disse que tambem conhecera os Auos paternos do dito ordinando assaber Marquos gracia e sua molher ilena madeira ia defunctos moradores que forão da dita villa e outrosi disse elle testemunha que tambem conhece os Auos Maternos assaber ioão Manoel da fonsequa e sua molher Maria madeira moradores da dita uilla de Auo e que todos estam tidos e auidos por christãos uelhos e elle testemunha por tal os tem sem auer fama nem Rumor em contrario e so disse elle testemunha que sendo vigairo da igreija de Avó Roque dias de mattos tiuera duuidas com o padre ermitão Simão madeira e lhes chamara christão nouo de que elle lhe leuou huma iniuria e prouou ser christão uelho e o dito vigairo desia que no dito Simão madeira auia a dita Raça por decender de huma molher que uiera de Tomar que chamauão a Regateira da qual tambem era decendente o dito bras gracia mas elle testemunha sabe que o dito bras gracia tinha tres irmãos clerigos e hū frade e elle era caualeiro professo da ordem de Sam Bento por donde a dita fama ser falsa e o dito ordinando e seus ascendentes serem christãos uelhos como dito tem.

E perguntado elle testemunha pellos mais interrogatorios do mandado que todos lhe forão lidos e declarados pello Reuerendo Arcipreste disse elle testemunha que era uerdade que ella não sabia impedimento algum por donde o dito ordinando deixasse de ser promovido as ordens que pertendia e mais nam disse e assinou com o Reuerendo Arciprestc e Eu o padre gaspar nunes escriuão que o escreuj.

COSTA

BENTO DE PAIUA

¹ O licenciado Manuel da Costa Brandão, arcipreste do distrito.

.....
 Pedro Fernandes o gaio por alcunho uiuuo e morador en a uilla de Auó...

E perguntado elle testemunha pelo contheudo no mandado que todo lhe foi lido e declarado pelo Reuerendo Arcipreste disse elle testemunha què hera uerdade que elle conhece muito bem o ordenando Thomas gracia o qual he filho legitimo de Bras gracia e de sua molher Dona maria ia defunctos moradores que foram da uilla de Auo deste Bispado e por tal estaua tido e auido e Reputado e outrosi disse elle testemunha que tambem conhecera muito bem os Auos paternos do ordinando assaber Marquos gracia e a sua molher ilena madeira ia defunctos moradores que forão na dita uilla de Auó e outrossj disse que tambem conhece os Auos maternos do dito ordinando assaber ioam Manoel da fonsequa e a sua molher Maria madeira moradores da dita uilla de Auó aos quais todos elle testemunha conhece e conheceu por christãos uelhos limpos de boa geração somente disse elle testemunha que no tempo que o vigairo Roque dias de mattos era uiuo que foi vigr.^o na uilla de Auó chamara iudeu a hũ clerigo por nome Simão madeira que era parente do dito ordinando mas que sabe elle testemunha que o dito clerigo Simão madeira tiuera sentença contra o dito vigairo e lhe fizera pagar as custas e ficara o dito clerigo com sentença por sua parte e alem de que o pai do dito ordinando era caualheiro professo de Sam bento e tinha tres irmaos clerigos em que elle testemunha pelo que sabe sempre teue aos sobreditos assi a huns como outros por christãos velhos e dos principais destes pouos o que elle testemunha sabe por ser seu natural e uisinho e sempre desde o tempo de que tem lembr^a a esta parte nunqua uiu nem ouuiu diser que os sobreditos fossem com uerdade enfamados de Raça de iudeu ou de mulato ou de outra qualquer infecta nação e por serem todos vesinhos e naturais tem elle este conhecimento e sempre assi o uiu e ouuiu sempre deser.

E perguntado elle testemunha pello mais contheudo no mandado que todo lhe foi lido e declarado pelo Reuerendo Arcipreste disse elle testemunha quera uerdade que elle não sabia empedimento algum por donde o dito ordenando deixasse de ser promovido as ordens que pertendia e mais não disse e assinou com o R.^{do} Arcip.^{te} e Eu o padre gaspar nunes escriuão que o escreuj.

COSTA
 Po † ÑZ

Certefiquo eu Gaspar dias de mattos vigr^o em a parochial Igr.^a da V.^a de Auo que sendo em os 27 do mes de abril de 664 annos em a Estaçam da missa da terça publiquei a meus fregueses hum m.^{do} q̄ me apresentou Thomas Garcia p.^a ordens menores e nam me sahio empedimento algum mas antes conheço do ordinando ser Benemerito das ordens q̄ pretende christam uelho sem Raça de mouro nem Judeo nem de outra infecta naçam de boa vida e costumes e frequente na Igr.^a e os sinais sam os seg.^{tes} cabelo crespo e castanho sobrançella cerrada Buxigoso. e do meu liuro dos bautizados consta... (*transcreve o assento de batismo*). E tudo o sobredito passo asi e o iuro in uerbo sacerdotis e por uerdade assinei oie 8. dias de maio da era de 664. Annos.

GASPAR DIAS DE MATTOS

(C.E. — Processo para a ordenação de Tomás Garcia).

XCVII

ASSENTO DO ÓBITO DO PADRE MATIAS GARCIA, IRMÃO DO POETA

(23 dezembro 1664)

O P.^e Mathias Garcia cura que foi em Anceris faleceu em os 23 dias de dezembro de 664 Annos. recebeu os cram.tos da s.^{ta} madre igr.^a não fes manda e ias emterrado dentro da igr.^a na cepultura de seus irmãos e para lembrança fiz e acinei, em fe de verdade oie. 24 dias do dito mes em que recebeu sepultura. dia mes e anno ut supra.

MATTOS

(Cota marginal) — missa presente dita

oitos officios	

(C.S. — Registo paroquial de Avó, l. 1, cad. 3.^o, fl. 113).

XCVIII

DEPOIMENTO DUMA TESTEMUNHA SÔBRE O CONFLITO

HAVIDO ENTRE O PADRE MATIAS GARCIA E BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO

(16 março 1668)

Pedro Dias Escrivão das cizas e décimas de sua magestade nesta dita villa de Avo junto ao hjrol testemunha nomeada pelo Parocho a quem o Reuerendo Senhor Commissario (*Dr. João Ferreira Barreto, Desembargador da Relação Eclesiástica de Coimbra, Juiç Commissário da Inquirição sôbre a pureza de sangue do dr. Matias Jácome de Figueiredo, filho de Bernardo Duarte de Figueiredo*) deu juramento dos santos Euangelhos em que pos sua mão E prometeo dizer uerdade, e de sua idade disse ser de sincoenta e tres Annos pouco mais ou menos.

E perguntado elle testemunha se conhecia ao Justificante Mathias Jacome de figueiredo e seus pais e Auos donde erão naturais e moradores, disse elle testemunha q̄ conhece muito bem ao dito Justificante Mathias Jacome de figueiredo, e sabe q̄ he filho legitimo de Bernardo Duarte de figueiredo Sargento major desta villa, e nella morador, e natural da de Pombeiro, e de Maria Jacome natural e moradora nesta dita villa; E perguntado se conhecera aos Auós paternos do Justificante disse que somente conheçera a Saluador Duarte pai do dito Bernardo Duarte, o qual Saluador Duarte vinha a esta terra algumas vezes por ser rendejro do Reuerendo Cabido de Coimbra, e quando o dito seu filho tam ao b diguo tambem nesta cazara com a dita Maria Jacome. E perguntado elle testemunha pla limpeza do sangue do dito Justificante pla parte parte paterna disse que elle testemunha teue e tem por Christão uelho ao dito Bernardo Duarte; e somente sabe que o dito Bernardo Duarte indo para Ansaris se encontrara com o Padre Mathias Graçia cura do dito lugar, e com elle tuiera differenças sobre humas Elleisois q̄ se tinham tratado nesta dita villa de Auó das quais differensas resultou chamar o dito Padre Judeu ao dito Bernardo Duarte, o qual se apeou e deu alguns cintarosos em o dito Padre, e offerio de q̄ resultou demandar o dito Padre ao dito Bernardo Duarte em Coimbra plo sacrilegio, e o dito Bernardo Duarte ao dito Padre pla dita Injuria, o qual teue sentenças contra o dito Padre, e a ultima deu o uigario geral de Vizeu, o que elle testemunha sabe por ver a dita Sentença, e noteficar por ella ás Irmãs

do dito Padre Mathias Graçia; E perguntado pla rezam do seu dito no tocante a briga q̄ disse tiuera o dito Bernardo Duarte de figueiredo com o dito Padre Mathias Graçia disse q̄ estando em Ançaris na dita occasião ouuira rumor e bulha dizen-dosse q̄ o pai do Justificante e o dito Padre brigauão, e acodindo elle, uira ao pai do Justificante porse a caualo e o dito Padre uir apee pera Auó, e logo ahi se disse publicam.^{te} q̄ elles brigarão, e tiuerão rezois na forma q̄ dito tem; E que outro sim sabe q̄ o dito Bernardo Duarte teue hum Irmão Inteiro que chamauão Marcos Duarte o qual Marcos Duarte tem hum filho cleriguo saçerdote q̄ esta em Lisboa em caza do Conde de Pombejro, e tem outro filho frade de samfran.^{co} q̄ foi tomar o Abito a figueira o que elle testemunha por conhecer aos sobreditos e os uer nesta terra; E perguntandolhe testemunha plos Auos maternos do Justficante disse q̄ os conheço munto bem e se chamauão Simão Madeira e Isabel Nunes, naturais e moradores nesta dita villa, E que tambem conheço aos pais dos ditos auos maternos q̄ se chamauão Gaspar Dias da Costa, o qual ouuiu dizer uiera de villa coua de sob Auo para esta villa e nella cazara com Susana Manoel natural e moradora nesta villa; E que tambem conhessera a dita diguo a Maria Jacome a uelha uisauo do Justificante natural desta villa, e q̄ a maj do dito Justificante, e seus Auos maternos na forma que declarado tem sam e foram todos Christãos velhos intejros sem raça alguma de Judeu, mouro ou mulato, nem de outra infecta nação, e que por tais foram sempre tidos e reputados geralmente de todos nesta dita villa e seus arredores, sêm fama nem rumor em contrario, e que erão dos principais desta villa, e q̄ seruirão nella os cargos honrrosos da Igreja, e Republica, o que elle testemunha disse q̄ sabia por ser natural e morador em esta dita villa, e conhesser, e tratar as sobreditas peçoas na forma q̄ tem declarado. E al não disse nem do costume sendolhe perguntado. E sendolhe lido seu testemunho plo dito reuerendo Senhor Comissario disse estaua escripto na uerdade. E assinou com o dito Senhor Juis Comissario, E eu João Perejra notario Apostolico o escreuj.

FERREIRA

PEDRO DIAZ

(C.E. — *Processo para a ordenação de Matias Jácome de Figueiredo*, cad. final, fl. 55 v.º-56).

XCIX

ALVARÁ DO PRÍNCIPE-REGENTE D. PEDRO,
CONCEDENDO A D. ISABEL DE MASCARENHAS DA FONSECA, FILHA DO POETA,
A PROPRIEDADE DO OFÍCIO DE ESCRIVÃO DAS CISAS E PANOS DE AVÓ,
PARA SER EXERCIDO PELA PESSÔA, COM QUEM ELA VIER A CASAR

(6 agosto 1670)

Eu o Principe como regente e gou.^{or} destes Rejnos de Portugal e dos Algarues faco saber aos que este meu Aluara uirem que temdo Respeito a vagar por fallecimento de Bras garcia o officio de escriuão das sisas e dos pannos geraes da villa do Auo o qual seruiu com satisfação alguns annos e por sua morte lhe ficarem sinco filhos dous machos e tres femeas, e ser a mais velha Dona Izabel Mascarenhas da fonsequa com pouco Remedio: Hey por bem de lhe faser m.^{ce} da propriedade do d.^o officio de escriuão das sisas e pannos da uilla de Auo, a d.^a Donna Izabel Mascarenhas da fonsequa pera a pessoa que com ella çazar, e para minha lembranca e sua goarda lhe mandey dar este Aluara que se inteiramente como nelle se comtem pello coal se pacara carta a pessoa que çazar com a d.^a Donna Izabel Mascarenhas sendo auta para o seruir e este não pacara pla chans.^a sem

embargo da ordenação em contrario e ualera como carta posto que seu effeito aja de durar mais de hum anno, e pagou de dir.tos nouos trinta rs que se carregarão ao Thez.ro delles Aleixo pr.^a a fl. 287 do liuro de sua R.^{ta} plo escriuão de seu cargo, Manoel gomes de oliu.^{ra} o fes em lisboa a seis de Ag.^{to} de seis centos e setenta annos: Seb.^{am} da gama lobo o fes escreuer.

PRINCEPE

(T.T. — Chancelaria de D. Afonso VI, l. 29, fl. 153).

C

MATRÍCULA E FREQUÊNCIA UNIVERSITÁRIAS DE THOMÁS DE AQUINO GARCIA DE MASCARENHAS,
FILHO DO POETA BRÁS

(Anno lectivo de 1672-1673)

MATRÍCULA NO CURSO DE INSTITUTA

¶ Thomas gracia M.^{as} f.^o de Bras gracia M.^{as} do V.^a de Auo consertidão do p.^{ro} d8^{bro}

THOMAS GARCIA MAS^{q̄}.

THOMAS GARCIA MAS^{q̄}.

THOMAS GARCIA MAS^{q̄}.⁴

(A.U. — *Matriculas*, vol. 16. l. 3.^o (1672-73), fl. 109 v.^o).

FREQUÊNCIA

¶ Thomas gracia Mascarenhas de auóo

prouou cursar com sertidão do p.^{ro} d8^{bro} de 672 ate fim de Mayo de 673
4 enstituta t^{as} Ant.^o frasão e Fr.^{co} de serq.^{ra}— João Correa da Sylua o fiz.

O G.^{OR}

FR.^{CO} CERQ.^{RA}

ANTONIO FRAZÃO

¶ O Mesmo Thomas gracia Mascarenhas de auoo

prouou Resedir aos bb. os meses de Junho e Julho de 673. t.^{as} Roque Rib.^o
E Me^l Alz^c— João Correa da Silua fiz.

O G.^{OR}

ROQUE RIB.^{RO} DE AUREU

M.^{EL} ALZ^c BRAMDÃO

(A.U. — *Provas de curso*, vol. 37, l. 1.^o (1672-73), fl. 223 v.^o).

CI

ASSENTO DO ÓBITO DE BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS, FILHO DO POETA

(25 novembro 1673)

Em os uinte e sinco de nouembro de 673 anos faleseu bras grasia marquare-
nhas moso solteiro não fez testam.^{to} de q̄ fiz este termo q̄ asinei dia mes era ut
supra.

LUIS VELHO MIRANDA

(Cota marginal)

Officios

(C.S. — *Registo paroquial de Avó*, l. 1, cad. 3.^o, fl. 123).

⁴ Estas três assinaturas correspondem às três épocas do ano, em que os alunos eram obrigados a ir assinar e termo de matrícula, para assim provarem a sua residência em Coimbra.

CII

ASSENTO DO ÓBITO DE THOMÁS DE AQUINO GARCIA DE MASCARENHAS, FILHO DO POETA

(9 abril 1674)

Em os noue de Abril Da era 674 Annos faleseu tomas grasia mascarenhas casado q̄ era em Coimbra teue todos os sacram.^{tos} e por uerdade pasei esta q̄ asinei dia mes era ut supra.

LUIS VELHO DE MIRANDA

(Cota marginal)

fes hũ officio os mais
em Coimbra.

(C.S. — Registo paroquial de Avó, l. 1, cad. 3.º fl. 124).

CIII

ASSENTO DO ÓBITO DE D. MARIA DE MASCARENHAS, FILHA DO POETA

(20 julho 1675)

Aos 20¹ de julho de 1675 Annos faleseu M.^a mascarenhas desta villa resebeu todos os sacram.^{tos} não fes testam.^{to} e por uerdade fis esta lembransa.

MIRANDA

(Cota marginal)

Ofisos
feittos

(C.S. — Registo paroquial de Avó, l. 1, cad. 3.º, fl. 124 v.º).

CIV

ASSENTO DO ÓBITO DE D. ISABEL DA FONSECA DE MASCARENHAS, FILHA DO POETA

(8 janeiro 1676)

Era de 1676

.....
Em os oito dias do mes de janeiro era asima faleseu isabel da fonsequa mascarenhas fes testam.^{to} esta en terada nesta ig.^{ra} e por uerdade fis esta lenbransa dia mes era ut supra.

(Cota marginal)

Oficios
feitos

MIRANDA

(C.S. — Registo paroquial de Avó, l. 1, cad. 3.º, fl. 125).

¹ O vigário Luís Velho de Miranda, ao exarar o assento, deixou um espaço em branco para depois acrescentar o dia do falecimento. O número 20 foi depois escrito por mão diferente

CV

ALVARÁ DO PRÍNCIPE REGENTE D. PEDRO,
 PROVENDO O LOGAR DE ESCRIVÃO DAS CISAS GERAIS E PANOS DE AVÔ,
 VAGO POR TER FALECIDO SEM DESCENDÊNCIA D. ISABEL DA FONSECA DE MASCARENHAS,
 FILHA DO POETA

(10 julho 1676)

Dom Pedro etc. faco saber aos q̄ esta minha carta virem q̄ tendo resp.^{to} a estar vago of.^o de escrivão das sisas geraes e panos da V.^a davó por falecim.^{to} de D. Izabel Mascarenhas a quem não ficarão f.^{os} como constou por jnformação do Prou.^{or} da Com.^a da Ci.^{de} da guarda e cõfiar eu de fran.^{co} do couto frz. q̄ naquillo em q̄ o emcarregar me seruira bem e fielm.^{te} como cumpre a meu seruiso... hej por bem faser lhe m.^{ce} da propi.^{de} do d.^o off.^o o qual tera e seruira emq.^{to} eu ouuer por bem e não m.^{dar} o contr.^o con declaração q̄ hauendo de lho tirar ou estinguir em algũ tempo por qual cazo q̄ seia minha faz.^a lhe não ficara por isso obrigada a satisfação algũa co o qual off.^o hauera de mantim.^{to} a elle ordenado em cada hũ anno 1200 q̄ he o mesmo que tinhão e auião as maes pessoas q̄ antes delle o siruião q̄ lhe erão pagos a custa dos rend.^{os} das d.^{as} sisas q.^{do} forem arend.^{as} e q.^{do} não a custa de minha faz.^a e todos os proes e precalsos q̄ dir.^{ta}m.^{te} lhe pertenserem. Pello q̄ m.^{do} a uos prou.^{or} da com.^a da d.^a ci.^{de} lhe deis a posse do d.^o of.^o e lho deixeis siruir e delle uzar e auer o d.^o ordenado proes e precalsos como d.^o he dando lhe prim.^{ro} juram.^{to} dos santos avang.^{os} q̄ bem e uerdadeiram.^{te} o sirua guardado em tudo meu seruiso e as p.^{tes} seu dir.^{to} de q̄ se fara asiento nas çostas desta q̄ se conprira tão intr.^am.^{te} como nella se contem e não pagou nous dir.^{tos} por ser hũ dos cau.^{os} do despeio de tangere como se uio por certidão dos off.^{es} da Chr.^a que foi roto ao assinar desta minha Carta q̄ por firmesa de tudo lhe m.^{dei} dar ao d.^{to} fran.^{co} do couto sellada cõ o meu sello pendente. o Prinsepe nosso snõr o mandou pello Conde de villar major do seu cons.^o gentilhomen da sua cam.^a vedor de sua faz.^a M.^{el} da Silua pinh.^o a fis em lx.^a a dez de julho de 1676 SeB.^{do} da gama lobo a fis escrever.

O CONDE DE VILLAR MAJOR

P.^o MARCHÃO THEMUDO

(T.T. — Chancelaria de D. Affonso VI, l. 42, fl. 362 v.^o).

CVI

ASSENTO DO CASAMENTO DE D. QUITÉRIA GARCIA DE MASCARENHAS, FILHA DO POETA

(11 fevereiro 1677)

Aos onze dias do mes de feu.^{ro} de mil e seis centos e setenta e sete annos em presença de mim o p.^e cura abaixo asinado, e de Miguel Marques, e de sua m.^{er} Maria Brandoa, e de João pegado e de sua m.^{er} e de outras pesoas se Receberão Manoel gracia mascarenhas e Qiteria gracia mascarenhas moradores na villa de Avô, por hũa ordem q̄ me mostrarão do Sr. Bispo p.^a q̄ em minha presencia se pudesem receber de q̄ fiz este asiento q̄ asinei dia e era ut supra.

O P.^e MEL DA COSTA BOTELHO

(C.S. — Registo paroquial de Galiçes, l. 1, cad. 2.^o, fl. 102 v.^o).

CVII

ESCRITURA DE INSTITUIÇÃO DUM VÍNCULO
 PELAS DUAS ÚNICAS IRMÃS DO POETA SOBREVIVAS AO TEMPO,
 COM REVOGAÇÃO DE SEMELHANTE ESCRITURA ANTERIOR, DE 30 DE DEZEMBRO DE 1659,
 DEVENDO ÊSTE VÍNCULO SER POSSUIDO E ADMINISTRADO
 POR QUITÉRIA GARCIA DE MASCARENHAS, FILHA DE BRÁS,
 E POR SEUS DESCENDENTES LEGÍTIMOS

(27 janeiro 1681)

Saibam quantos este publico Instrumento de Instituição perpetum fidei comisso, ou como em Direito melhor lugar haja, virem que no Anno do Nascimento de nosso Senhor Jezus Christo de mil e seis centos oitenta e hum, sendo em os vinte e sete dias do mez de Janeiro do dito anno em esta villa de Avo casas e muradas de Isabel Garcia e Antonia Garcia muradores em a dita villa que hé correição da cidade da Guarda, e pessoas conhecidas de mim Taballiam e por elles e por cada hum delles foi dito perante mim Taballiam e das testemunhas ao diente nomeadas e assignadas que que elles ambos juntos com sseus Irmaons Manoel Garcia, e Mathias Garcia e Pantellião Garcia e Anna Monteiro e Maria Garcia tinhaõ feito hum testamento, e Doaçam de mam comum em o qual avinculavaõ todos seus bens em dois vinculos e que por morte do ultimo que delles ficasse testador e Duadores sucederia em hum dos vinculos os filhos de Brás Garcia Mascaranhas e ssua Irmaã¹ murador que foi nesta uilla de Auô; e no outro vinculo sucederiaõ nos filhos de Felliciana Monteiro morador em Anadia, e porque estas Instituiçoens foram feitas por via de testamento e ella dita Antonia Garcia e Isabel Garcia podiaõ revogar a dita Instituição e testamento e o podem todas aveses que o quizerem revogar e for sua vontade como tambem a podiaõ revogar se fora feita por Doaçação porquanto naõ foi aceita pelas partes nem por Taballião que fez a dita Instituição, ou por outra alguma pessoa que tivesse direito poder para o aceitar digo para o poder aceitar em nome das ditas partes, e para discargos de ssuas consciencias e de suas proprias e livres vontades no que toca as suas partes de todos os seus bens revogavaõ a dita Instituiçam na melhor forma que haja lugar e em dereito ser possa de sser fasiaõ de novo nova Instituição de vinculo e perpeto fidei comisso por Doação entre vivos valledora na forma e maneira seguinte=Diceraõ elles ditos Isabel Garcia e Antonia Garcia maiores de vinte e sinco annos pessoas que Eu Taballião reconheço que ellas em nome da Santissima Trindade Padre filho e Espirito Santo tres pessoas e hum so Deos verdadeiro em cuja ffé protestavam viver e morrer assim como o tem e dependem² a Santa Madre Igreja de Roma e seja notorio a todos que este Instrumento virem que estando ellas sobre ditas duas Irmans de Pay e May, naturais e por naõ terem Erdeiros forçados dispunhaõ dos seus bens na forma seguinte = Primeiramente diceram que reservavam para si de todos os seus bens os uzos e frutos que ao presente avinculavão a este Morgado em ssuas vidas a dez mil reis para cada huma para delles poder testar e que nomeavam por admenistrador do dito vinculo e perpeto fidei comisso por morte da ultima que ficar a Quitéria Garcia Mascaranhas sua sobrinha filha de Brás Garcia Mascaranhas seu Irmaõ e mulher de seu sobrinho Manoel Garcia Mascaranhas muradores em esta villa de Avó, e por

¹ Aliás seu Irmaõ. — ² Aliás defende.

morte della administradora sucederá em ella seu filho varaõ mais velho, e dahi por diante hira correndo a dita successão na forma que sucedem os mais Morgados, e bens avincullados perferindosse sempre os machos as femias, e andara sempre na familia, e Jeracaõ dellas Isabel Garcia, e Antonia Garcia para consservacam e memoria de geracam dellas Isabel Garcia, e Antonia Garcia e os ditos bens andaraõ sempre avincullados conjuntos e sem se poderem alienar nem vender somente se poderaõ trocar com condiçaõ que sempre o dito Morgado fique melhorado, e não piorado com a dita troca, mas que não poderá ser vendido, qualquer peça delle por via alguma e que não sucederá, este vinculo por pessoa fidei comisso senam os filhos de legitimo matrimonio, e declararaõ ellas Isabel Garcia e Antonia Garcia que neste vinculo Frades nem clerigos havendo filhos legitimos de legitimo matrimonio nem fosse digo matrimonio nem sucederaõ Judeos nem Mouros, nem outras qualquer pessoas de enfeta Naçaõ nem os que sucederem em este vinculo poderaõ casar com pessoa da sobredita raça, e fazendo o contrario perderaõ o dito vinculo e passará a pessoa que por direito havia de passar por sua morte, e sendo caso que alguns dos successores deste cometam algum crime por donde seus bens hajam desser confiscados passará logo ao futuro successor por que as suas vontades della Isabel Garcia e Antonia Garcia he averemno por excluido dois dias antes de cometerem o tal crime, e serem os ditos seus sobrinhos primeiro nomeados como as mais pessoas que suscederem em o dito vinculo, e lhe mandaraõ diser pelas almas sobreditas Isabel Garcia e Antonia Garcia como desseus Irmaons, e Irmans ja defuntos sincoenta Missas cada hum anno em quanto o Mundo durar em assua Capella que he da invocassãõ de Sam Jose sita em o Convento de Santa Cruz do Bussaco, e aonde tem sua sepultura; e outro sim diceraõ ellas sobreditas Izabel Garcia, e Antonia Garcia que os successores do dito Morgado traram os bens melhorados e não piorados; e por estar presente a dita Quiteria Garcia de Mascaranhas, e sseu Marido Manoel Garcia de Mascaranhas foi dito que aceitavaõ o vinculo asima na forma dita por si, e em nome de sseus filhos presentes, e mais futuros successores do dito Morgado a quem aceitaçaõ do dito Morgado tocasse e aceitavam na melhor forma que em direito podiam e lugar ouvesse, e declararaõ ellas Izabel Garcia, e Antonia Garcia que logo ademetiam todo o dominio que tinhaõ nos ditos bens e toda a posse actual, e corporal para que os ditos seus sobrinhos primeiro nomeados neste vinculo possam tomar por si, ou por autoridade de Justiça qual mais quizerem posse e que em quanto a não tomarem se constituiaõ por suas simples Colonas e Inclinas, por quanto para sim só transferiaõ todo o dominio e posse que tinhaõ em os ditos bens; E declararaõ ellas mais ditas Izabel Garcia, e Antonia Garcia que quando fizeraõ a primeira Instituiçaõ com os ditos seus Irmaons Manoel Garcia Mathias Garcia Pantelliaõ Garcia e Anna Monteiro e Maria Garcia ja defuntos fizeraõ a dita nomeaçãõ filha de sua Irmã Felliciana Monteiro foi com a condiçaõ que ella nomeada havia de pagar toda a divida que seu Pay Marcos Garcia devia a seus filhos digo a seus thios absentes d'Anadia, e por quanto não cumpriraõ a dita condiçãõ mas antes os avexaram e executaraõ por cento e setenta mil reis, ou mais na melhor forma que em direito melhor lugar tiver, e possa ser revogavaõ tambem a dita Instituiçaõ nos que podiaõ acontecer dos ditos seus Irmaons Manoel Garcia Pantelliaõ Garcia Mathias Garcia, e Anna Monteiro ja defuntos e todos anexavaõ a esta nova Instituiçaõ e os anexavaõ pela qual haõ por revogada a primeira e só esta querem que valha na melhor forma que em Direito haja lugar com as condicoens asima recontadas e ao todo cumprirem em Juiso e fora delle ao que obrigaram suas pessoas e bens e de tudo mandaraõ fazer este publico Instrumento na nota de mim Taballiam como pessoa publica stipullante e aceitante astipullei, e aceitei em nome

de quem tocar aceitação dos bens do dito Morgado a quem tocar; E outro sim diera e declararaõ que os bens que nomeavam e avinculavão, e obrigavam a esta Capela ou Morgado ou como em Direito melhor se deva chamar e lugar haja herãõ os seguintes — Porquanto nas Instituições que tinhaõ feito os naõ tinhaõ nomeados—primeiramente, as cazas em que vivem que partem com João Gomes Botelho e Rua publica, — E assim mais outras cazas que tem e parte defronte das em que vivem que partem com Manoel Garcia Madeira com sseu quintal, e com Damasio Madeira de Viseu — E assim mais hum cham pumar que tem defronte das nossas casas que parte com João Gomes Botelho, e Maria Madeira da Costa, e caminho que vae para a fonte dos piolhos — E assim mais huma orta que está por baixo da ponte nova a porta de Sam Bráz que parte com o Rio Alva e casal de Antonio Francisco — E assim mais um soito que está a fonte dos piolhos que parte comigo Taballiaõ, e com Antonio Francisco Thomé Chicharro de Villa pouca — E assim mais outro soito que esta por sima da fonte que parte comigo Taballiaõ onde chamaõ ao covam, e com Maria Madeira da Costa, e com João Gomes Botelho — E assim mais outro soito que está aonde chamaõ as Moutas que parte com Passais da Igreja desta villa, e com o Rio Alva e com Erdeiros de João Rodrigues de Moomenta — E assim mais outro soito que está aonde chamaõ ao Sarrilho que parte com os Erdeiros de Manoel Luis Guerra e com Antonio Matheus — E assim mais outro soito que está aonde chamaõ a Filgueira que parte com Maria Madeira da Costa, e com Erdeiros de Manoel Alves Ferreiro — E assim mais outro soito que está aonde chamaõ as Infestas com ssuas terras que partem com Manoel de Brito Barreto de Pomares e Antonio Afonso — E assim mais hum soito que está aonde chamaõ ope deira que parte com Antonio de Moraes e Antonio Nunes do fundo do lugar de Aldeia — E assim mais hum soito ao Porto do Mosteiro que parte com Domingos Antunes desta villa e caminho que vae para a Aldea — Mais hum olival que está aonde chamaõ avajum que parte com Erdeiros de Isabel da Fonsseca e Matheus Fernandes desta villa — E assim mais outro digo mais nove oliveiras que estam no Tapado de nossa Senhora do Rosario aonde chamaõ a do Pereiro — Mais hum olival tapado sobre sim que está onde chamaõ a do Pereiro que parte com Erdeiros de Isabel da Fonsseca, e olival da Confraria do Senhor desta villa — Mais hum olival que está aonde chamaõ a Siseira que parte com Antonio da Costa desta villa e com Manoel de Brito Barreto de Pomares — Mais hum olival a de Marianes no mesmo sitio que parte com Erdeiros de João Rodrigues de Moomenta e Manoel de Brito de Pomares — Mais hum olival as quelhas que parte com Erdeiros de Pedro Gomes e Erdeiros de Domingos Antunes — Mais cinco oliveiras aos Mullatos que partem com Maria Madeira da Costa e com João Dias de Asanha — Mais hum olival ao porto das Noivas que parte com Antonio Dias Madeira e passal da Igreja — Mais hum cham aonde chamaõ ao Cabreiro que parte com Antonio Francisco, e Erdeiros de João Rodrigues de Moomenta — Mais hum cham aonde chamaõ aos chapeleiros a do carvam com outro pedaço de cham que esta por sima do caminho que vae para o cabreiro pegado ao sobredito que partem com Manoel Barata de Gois e com o Doutor Pedro Madeira — Mais hum Tapado aonde chamaõ a Santo Andre com ssuas terras de fora que partem com o caminho que vae para Santa oVaija, e Damazio Madeira de Viseu Mais huma orta tapada com suas terras de fora que está ao Loureiro que parte com Manoel Madeira desta villa, e com Fellipe Madeira de villa pouca — Mais hum Tapado aonde chamaõ a Barranha que parte com Erdeiros de João Rodrigues de Moomenta e Miguel Nunes Ribeiro desta villa — Mais humas terras que estaõ aonde chamaõ a dona Maria que partem com Erdeiros de Antonio do Abrantes de Aldea e caminho que vae para o dito Lugar — Mais hum tapado aonde chamaõ a Portella

que parte com Manoel Lopes desta villa, e Joaõ Alves de villa cova—Mais humas terras a Matosa que partem com Antonio Alves desta villa, e com Francisco Fernandes Tareco—Mais hum Forno com ssua caza junta que está nesta villa que parte com Erdeiros de Joaõ Alves e Praça publica—Mais hum carvalhal que esta aonde chamaõ a Lorangeira que parte com Manoel Madeira, e Joaõ Gomes Botelho, e Erdeiros de Braz Garcia Mascaranhas—E assim mais huma orta com suas terras de fora aonde chamaõ ao Casal que partem com Manoel Garcia Madeira e Maria Madeira da Costa. = Os quaes bens asima nomeados e declarados e Comfrontados estaõ no limite desta dita villa e diceram serem se digo e diceraõ heraõ seus livres sem foro ou senssus, sem encargo algum o vinculavaõ ao Morgaõo digo algum onus o vinculavaõ ao Morgado asima com a obrigaçaõ declarada e sollemnidades em Direito necessarias, e requisitos, e que alguma fazenda que ao presente naõ especificaõ nem fazem menssaõ della em esta Epoteca, he que a deixaõ de fora para della poderem testar na condicçaõ declarada dos dez mil reis a cumprimento de ssuas almas, e que crescendo alguns dos bens de que ao presente naõ fazem menssaõ, por seus fallecimentos pagos os Legados pios o que acrescer se acumulle a este Morgado; E por de tudo serem contentes assim o quezeraõ e outorgaraõ, ouviraõ ler e por ellas assignaraõ Manoel Garcia Madeira o qual assignou a rogo de Isabel Garcia, e Domingos Pinto Ribeiro de Pomares que assignou a rogo de Antonia Garcia, e Simão Madeira da Costa que assignou a rogo da dita Quiteria Garcia como aceitavam, de que foram mais testemunhas a tudo presentes, Manoel da Costa e Gaspar Garcia todos desta villa, e Eu Alexandre de Figueiredo Jacome publico Taballião oEscrevi.

DOMINGOS PINTO RIBEIRO
 MANOEL DA COSTA
 MANOEL GARCIA MADEIRA
 SIMÃO MADEIRA DA COSTA

(Duma certidão passada a 24 set. 1824 por José da Costa de Carvalho e Lemos, escrivão proprietário dum dos officios da Correição e chanceler da comarca de Viseu. — Pertence ao sr. António da Costa Mesquita, de Avô).

CVIII

ASSENTO DO ÓBITO DE MANUEL GARCIA DE MASCARENHAS, GENRO DO POETA

(18 agosto 1686)

Em dezouto de Agosto da era de mil e seis centos e outenta e seis annos falleceo manoel gracia mascarenhas desta villa jas sepultado dentro desta igr.^a e por verdade fiz este assento era ut supra.

LUIS VELHO DE MIRANDA

(Cota marginal)
 officios feitos

(C.S. — Registo paroquial de Avô, l. 1, cad. 3., fl. 131).

CIX

ASSENTO DO ÓBITO DE ANTÓNIA GARCIA, IRMÃ DO POETA

(11 setembro 1686)

Em onze de setembro da era de mil e seis centos e oitenta e seis faleceu Ant.^a gracia mosa soltr.^a ¹ desta uilla foj sepultada dentro desta Igr.^a junto ao altar da sr.^a da piedade e por uerdade fis este asento, era ut sup'.

LUIS VELHO DE MIRANDA

(C.S. Registo paroquial de Avó, l. 1, cad. 3.º, fl. 131 v.º).

CX

ASSENTO DO ÓBITO DE ISABEL GARCIA, IRMÃ DO POETA

(11 setembro 1686)

Em onze de setembro da era de mil e seis centos e oitenta e seis annos faleceu Isabel gracia mosa soltr.^a ² desta villa jas sepultada dentro desta Igr.^a junto ao Altar da sr.^a da piedade, e por uerdade fis este asento, era ut sup'

LUIS VELHO DE MIRANDA

(C.S. — Registo paroquial de Avó, l. 1, cad. 3.º, fl. 131 v.º).

CXI

ASSENTO DO ÓBITO DE D. QUITÉRIA GARCIA DE MASCARENHAS, FILHA DO POETA

(13 abril 1690)

Quitéria Garcia Mascarenhas desta uilla faleceu ab intestada aos treze dias de abril de seiscentos e nouenta annos ias sepultada dentro da igr.^a ao pe da porta traves da porta do norte de q̄ fiz este termo q̄ assinei hera ut supra.

O P.º AFFONSO RÍZ ALUAREZ

(C.S. — Registo paroquial de Avó, l. 1, cad. 3.º, fl. 138 v.º).

¹ Não se estranhe que seja denominada *môça* uma dama de 78 annos de idade como Antónia Garcia, ou de 81 como sua irmã Isabel Garcia, de quem fala o documento CX. Entre os variados sentidos em que se empregava nos documentos antigos a palavra *môça*, não há, por vezes, referência à idade, mas à condição, ao estado e à reputação. Assim encontramos designadas mulheres que por serem solteiras, e gozarem boa reputação de honestidade, se consideravam virgens ou donzelas. É este o caso presente.

² Vid. nota precedente.

CXII

NOTAS BIOGRÁFICAS SÔBRE BRÁS GARCIA PELO SEU AFIM BENTO MADEIRA DE CASTRO,
PUBLICADAS Á FRENTE DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO VIRIATO TRÁGICO

(1699)

BREVE RESUMO
DA VIDA DE
BRAS GARCIA MASCARENHAS
AUTHOR DESTE POEMA

A Patria, q̄ nos deu este Homero Portuguez, he a nobre, & antiga Villa de Avó não longe da Serra de Estrella na Provincia da Beyra, Bispado de Coimbra, emnobrecida cõ hum Castello, & duas Pontes fabrica primorosa do Senhor Rey D. Diniz: he retalhada de dous rios o Alva, & o Rio de Pomares, como a ambos chama Abraham Ortelio em suas taboas geograficas, & muyto mimosa de excellentes frutas. Aqui a 3. de Fevereyro na era de 1596. nasceo Bras Garcia Mascarenhas, seu pay se chamava Marcos Garcia; — & sua Mãy Helena Madeyra — gente nobre, & da principal da terra. Passada a infancia, & puericia, em companhia de outros seus Irmãos, que estudavaõ tomou algũas noticias da lingoa Latina, que ao depois soube com perfeição por sua muyta, & natural curiosidade, & prompto engenho, que certo foy muyto particular, & pera tudo universal. Vindo a Coimbra assistir a hũas festas celebradas no terreyro de Sãosam por correspõdencias com hũa Dalila perdeo a liberdade sendo prezo na cadea da Portajem, da qual depois de algũs mezes de prizaõ ao recolher de hũ grande, & industrioso presente se escapou entre muyta gente deixando mal ferido o Carcereiro; & bem montado na Ponte por não voltar ao Cativoiro de ambas as liberdades se passou a Madrid Corte de Hespanha, & tambem nesse tempo de Portugal; & passado hũ anno neste Emporio do mundo, enfadado já da estancia, ou a instancia da bolsa se partio, & se embarcou em o porto mais vesinho em hum Pataxo, que fazia viagem a Lisboa: Apenas se tinhaõ feito ao largo quando deo sobre elles hũa forçosa Nao de Turcos, & pondo-se em resistencia tão desiguaes no partido em pouco tempo forão mortos quasi todos, & destorçado o Pataxo; Eisque antes de se renderem lhes assoma por barlavento hũa poderosa Fragata de Hereges Cossarios, à vista da qual fugirão os Turcos, & elles ficando preza dos Hereges. que os roubaraõ, & finalmente expuzeraõ em hũa praia de Italia: Aqui à custa de suas perigrinações tomou muytas noticias da Italia, França, & Hespanha pera onde voltou por mar, & terra, até que outra vez chegou à sua patria aonde ainda não esquecerão suas juvenilidades, & não se dando ainda por seguro, nem cabendo seu animo em taõ curtos limites se passou á Cidade do Porto, & deahi ao novo mundo, & ambicioso de noticias, & gloria militar discorreo, naõ sem naufragios, por todo o Brasil, & ahi por espaço de nove annos militou contra Olandeses servindo de Alferes reformado, & obrando sempre como esforçado, & ardiloso: Porem vencido ja do amor da Patria pera se achar presente á Restauração do Reyno remeou outra vez o Oceano, & a pezar de tormentas, & inimigos tomou Lisboa, & voltou à Patria aonde ja era esquecido, mas logo se fez lembrar rebatendo hũa briga em que ouve mortos, & feridos por conservar hum seu Irmaõ no Priorado de Travanqua; Porèm como neste comenos se levantasse o Reyno reconhecendo a seu legitimo Rey o Senhor D. João o Restaurador, teve occasião com esta revolta de se fazer esquecido ao crime, & lembrado na guerra;

por quanto ajuntou hũa Companhia de mancebos nobres, & lusidos das terras circunvesinhas, que levados de ambição da honra, & gloria militar, que elle lhes persuadia espontaneamente se apresentarão em a Praça de Pinhel, & o tomarão por seu Capitaõ como experto, & practico na guerra, & com tanto esforço, brio, & generosidade se portarão nas emprezas, que por abono lhe chamarão a Companhia dos Leoens, como ainda hoje testemunhão esses poucos, que ainda vivem. Deste posto foi assumpto pera Governador da Praça de Alfayates em que se ouve com muyto acerto, & aceitação, não sem utilidade da Praça, que fortificou na forma, que hoje permanece eternizando-se em seus marmores por Amphion desta Thebas. Mas nesta mayor prosperidade voltou a fortuna a roda, & cahio no antigo fado sendo a causa, que entrando pellas nossas terras um trosso de Cavallaria, & Infantaria Castelhana depois de feitas muytas hostilidades se retiravão carregados de despojos, & com mais de vinte mil cabeças de gados; Chegou-lhe ordem de Dom Sancho Manoel, que não sahisse da Praça pella não expor a perigo, por quanto logo chegaria com socorro; & no mesmo dia chegou recomendação de Fernando Telles de Meneses, que de outra parte o avizava visse se podia impedir o passo ao inimigo; a esta segunda ordem, como mais gloriosa, se lhe acomodou o animo, & deixadas algũas Companhias de presidio, sahio com duzentos mosqueteiros, & os dispoz de emboscada sobre o rio Agueda em o porto de S. Martinho dividindo-os em dous montes, que abrião o valle por donde necessariamente avião de passar os Inimigos, os quais sendo ja chegados passaraõ diante todos os gados, & entrados ja no valle lhes sobrevierão tais cargas de mosquetaria, que se derão por obrigados a virar as costas persuadidos ser muyto numeroso o poder contrario, & deixando muytos mortos, & toda a preza se retirarão fugitivos: com taõ glorioso successo se voltou o nosso Governador triunfante à sua Praça de Alfayates, aonde logo chegou (como prometera) D. Sancho Manoel, & achando já a empreza vencida, sentindo, ou a perca desta gloria em que tambem hia interessado, ou naõ se guardar a sua ordem, quando o Governador se saboreava nas esperanças do premio, de improviso se achou prezo na Torre do Sabugal, & accusado a El-Rey por falsario, que tinha tratos occultos com Castella, allegando por fundamento hũa correspondencia urbana, que tinha com hum seu grande, & antigo amigo chamado vulgarmente o Maçacam Governador de hũa fortaleza fronteyra; nesta prizão solitaria o privaraõ de toda a communicação, & subtrahindolhe pouco a pouco o mantimento, lhe pretendião abreviar os dias; atèque vendo-se ja desemparado de todo o favor humano se valeo de sua industria mandando pedir pello seu servente, que ao menos lhe mandassem hũ livro seu ordinario alivio, já que lhe não consentião o divertimento de escrever, & juntamente que pera seus achaques lhe mandassem farinha, & linhas, & tisoura pera refazer seus vestidos: logo lhe mandaraõ hum Flos Sanctorum dizendo, que era o que mais lhe servia pera se encomendar a Deos, & com o livro lhe mandarão as mais miudezas que pedia, & pegando da tisoura foi cortando as letras hũa a hũa as que lhe servião do livro; fez cola da farinha com a qual unindo-as com muyto vagar, & industria compaginou hũa discreta carta em verso muy limado pera o Senhor Rey D. João o IV, em que relatava sua prizão, & innocencia. & dependurando-a pellas linhas da muralha no escuro da noute falou a hum soldado da guarda seu confidente, que a entregasse a seu Irmaõ pera que logo a levasse a Lisboa, como succedeo; & lendo o paternal Rey a carta tambem lançada, despedio logo hum decreto em q̄ ordenava apparecesse sem demora em Lisboa Bras Garcia Mascarenhas. Chegou à Corte rodeado de guardas, & quando todos agouravão final sentença a sua vida, lhe deu o piadosissimo Rey audiencia affavel, na qual de tal sorte se limou, & inteirou o seu negocio, que sahio despa-

chado com Abito de Avís, & boa tença, & restituído por entre tanto ao seu Governo de Alfayates. Voltou a Lisboa triunfando da inveja, & do odio, & repetida a posse do seu Governo a pezar de seus emulos, aconselhándose consigo se retirou a patria, assim por não irritar mais a impaciência de seus adversos, como tambem pera lograr algum descanso devido a sua idade, & muytas perigrinações por mar, & terra em que os trabalhos sempre acompanharão a este Hercules; & pera q̄ o ocio fosse divertido o fizerão Superintendente da Cavallaria da Comarca de Esqueyra, que rectamente administrou. Finalmente ordenada sua familia se consagrou todo às Musas, sendo tambem oraculo nas emprezas de seus Comilitoens, que veneravão seu parecer por muyto acertado, & em especial seus grãdes amigos D. Rodrigo de Castro D. Alvaro de Abranches, que alem de o buscarem, por carta, quando a campanha permitia ferias, afroixavão o arco em companhia, & casa deste seu prezado amigo, que lustrosa, & amigavelmente os hospedava. Aqui instituiu, & celebrou cõ versos a festa das 40. horas, q̄ hoje logramos em Avò, & festejou muytos Santos cõ Comedias, que ainda existem pera credito de seu engenho; mais deu a luz hũ Tomo de Sanctos, & Remanses varios dignos de aureos Caracteres, que da sua letra hoje existem; sobre tudo suspira nosso affecto por hũ Tomo, que cõpoz quando se voltou do Brasil, intitulado Ausencias Brasilicas, pois nesses copiosos cadernos, que durão, nos excita as saudades do que quasi gastou o tempo, & o descuido. Finalmente este Tomo de Viriato como morgado de sua affeyção tendo-o composto quando militava o pretendia dar à estampa, & purificar, se a morte lhe não atalhasse os intentos, que agora em parte logramos na publicação deste seu volume. Não refiro outras particulares poesias, & que passando de caminho por Coimbra em occasião que se publicarão premios aquem melhor expressasse o sentimento Portuguez na morte do Senhor Principe D. Duarte de saudosa memoria, se deteve algum tempo, & sahio cõ hũa nova esquipação de poema vulgar, que de todos os lados se lia com diversos sentidos, & todos certos na medida, & animados com epigrama ao intento, que intitulou — Laberintho do Sentimento — Pello qual poema lhe julgou, sem opposição de outro aventureiro, a Vniversidade o primeyro, & melhor premio, sendo mayor o da fama, que adquirio excedendo os raros engenhos, que illustravão esta Athenas Lusitana, calificando-se por não menos favorecido de Marthe, que mimoso de Apollo. Finalmente em madura, & robusta velhice faltou aos dias na era de 1656. a 8. de Agosto sem faltar às eternas memorias, que seu valor, & poemas enthesourou no archivo de toda a posteridade mais entendida, q̄ desapaixonada o venera immortalizado em suas obras, & animado em seus escriptos, que o zelo patrio, & affinidade propinqua agora nos dà a estampa pera eterno obelisco do Heroe decantado, & credito immortal do engenhoso Author desta Lusiada Viriatina.

CXIII

EXCERPTOS DOS DEPOIMENTOS DE ALGUMAS TESTEMUNHAS
 NA INQUIRIÇÃO *de genere, vita et moribus*,
 PARA A ORDENAÇÃO DE BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS, FILHO DE D. QUITÉRIA,
 E NETO DO POETA

(3 e 4 março 1702)

Em os tres dias do mes de Março de mil sette centos e dous annos nesta villa de Auo e na capella de Santo Antonio da dita villa ahi em segredo o Reverendo

Arcipreste ¹, comigo escriuam perguntou as testemunhas que pelo Parocho desta villa foram dadas a Rol para a inquiriçam de genere vita & moribus do ordinando Bras garcia Mascarenhas natural desta villa cuius ditos nomes e sobre nomes sam os que ao diante se seguem de que mandou fazer este termo de asentada que asinou. Manoel Godinho da Costa escriuam ² que o escreui.

M. el Nunes Marques

.....
 Lourenço Nunes homem casado que vive de sua fazenda natural e morador nesta villa testemunha dado a rol pello Parocho. . . — Ao segundo disse que conhece ao ordinando Bras garcia Mascarenhas natural desta villa filho legitimo de Manuel garcia Mascarenhas e de Domna Quiteria garcia Mascarenhas e por seu filho legitimo esta tido e havido e de todos geralmente reputado sem cousa em contrario e o dito seu Paj Manoel garcia Mascarenhas nasceu em o lugar de trauamca de farinha podre e sendo menino uejo para casa de suas tias e aqui se criou, e a dita Donna Quiteria garcia he natural desta villa aos quais todos conheceu e uiuiam de sua fazenda e eram dos principais desta villa e mais nam disse a este. — Ao terceiro disse que o ordinando é netto dos Auos que nomeja em sua petiçam a saber pella parte de seu Paj e netto de Mathias garcia natural desta villa e teue o Paj do ordinando assistindo em trauanca de farinha podre sendo ainda leigo e dipois se ordenou e fez sacerdote de Missa porem nem conheceu a molher de quem o teue, porem por seu filho foi tido e hauido e reputado de todos o que he publico, e sabe por uer que o dito Mathias garcia fazia caso delle e o criou e sempre o teue em casa de suas tias Maria garcia, e Isabel garcia Irmãs do dito seu Paj e por morte lhe deixaram seus bens cre que he seu Auo paterno e declarado na petição. E pella parte Materna he o ordinando netto de Bras garcia Mascarenhas e de Donna Maria da Costa naturais e moradores que foram nesta villa aos quais conheceu e com elles tratou por mais de trinta annos indo a sua casa algumas vezes e eram os principais desta villa, e elle foj gouernador nos tempos da guerra ³ e conhecido por homem de grande prestimo, e delles nasceu a dita Donna Quiteria garcia Mascarenhas Maj do ordinando e sam seus Auos Maternos declarados na petiçam o que nam tem duuida e tambem conheceu o Paj de Bras garcia que se chamou Marcos garcia, e tambem conheceu o Paj de Donna Maria que se chamou João Manoel de Affonseca que sam os Bis Auos do ordinando e todos eram dos principais desta villa e mais nam disse a este. — Ao quarto disse que o ordinando por si, seus Pais, Auós e Bis Auos que conheceu he legitimo e inteiro Christam uelho limpo e de limpo sangue e geraçam sem raça de Iudeu, mouro, mourisco, mulatto, herege ou de outra nassam infecta das reprouadas em direito contra nossa santa fee catholica e por legitimos e inteiros e inteiros Christãos velhos sam e foram sempre tidos hauidos e de todos geralmente reputados sem fama ou rumor em contrario, e elle testemunha por tais os conhece e conheceu seu Pae porque sendo de tanta idade e criandosse e uiuendo sempre nesta villa nunca ouuiu o contrario do que tem dito e mais não disse a este —

(Sam contestes com este os depoimentos das testemunhas Bento Nunes, Pedro Gonçalvez, Affonso Gonçalvez, Estevão Alvarez de Siqueira, Padre António Ribeiro, e Miguel Simões, todos de Avó, que depuseram neste dia).

¹ Manoel Nunes Marques, arcipreste de Galizes e seu distrito.

² Escrivão do arciprestado.

³ «e foi capitam de infantaria», acrescenta no seu depoimento a testemunha Padre António Ribeiro.

Aos coatro dias do mes de Março de mil e sete centos e dous nesta casa de Nossa Senhora das ermidas (*em Travanca-de-Farinha-Podre*) aonde estaua o R.^{do} Arcipreste Manoel Nunes Marques para tirar a inquirição do ordinando Bras Gracia Masquarenhas pella parte de sua auo Anna Duarte natural do lugar de Trauanca e por estar empedido o seo escriuão com legitimo impedimento me elegeo a mim o P.^e João Ribeiro natural e morador em farinha podre para escriuão desta deligencia e para isso me deu juramento dos Santos Euangelhos sob cargo do qual me encarregou escreuesse na uerdade tudo o que por elle me fosse dito e mandado o que prometti cumprir. . .

Sendo no mesmo dia asima dito elle R.^{do} Arcipreste comigo escriuão preguntou as testemunhas que lhe forão dadas a rol pello R.^{do} Prior de Trauanca cujos ditos e nomes são os que adiante se seguem de que mandou fazer este termo de asentada que assinou e eu o P.^e João Ribeiro escriuão que o escreui.

M.^{el} NUNES MARQUES

Manoel Gonsalves home uiuuo que uiue de sua fazenda natural e morador no lugar de Trauanca. . . — Ao terceiro diçe que munto bem conhesera Anna Duarte natural do lugar de Trauanca como tambem conheceo seo pai João Jorge e sua mai Maria Duarte, e esta Anna Duarte teue hum filho de Mathias Garcia da Villa de Auo sendo ainda leigo, e assistindo no dito lugar em casa do Prior Pantalião Gracia seo Irmão e ouuiu diser que este tal casara com huma sua prima direita filha de Bras Gracia e que tiuerão filhos e hum delles he o ordinando com que he esta sua auo paterna e a mesma nomeada na petição, e hera dos bons do dito lugar e mais não diçe a este. — Ao quarto diçe que o ordinando por seu pai e sua auo paterna que tem dito he legitimo e inteiro Christão uelho sem rasa de mouro, mulato, mourisco, judeo, herege, ou outra nação infecta reprouada em direito contra nossa santa féé catholica e por legitimos e inteiros christãos uelhos são e forão sempre tidos e reputados sem fama nem rumor em comtrario e mais não diçe a este. —

(São contestes com este os depoimentos das testemunhas António Rodriguez, João Henriquez, e António Francisco, todos de Travanca-de-Farinha-Pôdre, que depuseram neste segundo dia).

(C.E. — Processo para a ordenação de Brás Garcia de Mascarenhas).

CXIV

APONTAMENTOS ESCRITOS POR LETRA DO PRIOR DE TRAVANCA-DE-FARINHA-PÔDRE

ANTÓNIO MARTINS GOULÃO, NO FIM DUM LIVRO DE BAPTISMOS.

DÊLES CONSTÃO OS USOS E COSTUMES DAQUELA FREGUESIA

SÔBRE O QUE ERA O PRIOR OBRIGADO A FORNECER Á IGREJA,

E O QUE PERCEBIA DE OFERTAS, DÍZIMOS E PRIMÍCIAS,

E BEM ASSIM QUAIS OS BENS ECLESIASTICOS IMÓVEIS DA PARÓQUIA,

TODOS OU QUÁSI TODOS USUFRUÍDOS PELO PÁROCO

(1711, ou um pouco posterior)

Tem obrigação o R.^{do} Prior de por o Cirio e Candieiro das treuas, e a Candelilla; e por duas uellas no altar todos os Domingos e Santos excepto na festa do Natal athe a segunda oitaua e a Semana Santa e Domingo de Pascoa e a primeira oitaua e Domingo do Spirito S.^{to} e a primeira oitaua.

Dia de S.^{ta} Anna, e tambem excepto todos os domingos terceiros dos Mezes.

Tem obrigação o R.^{do} Prior

Ao reparo da Capella Mor, e a Samcristia me diçe o R.^{do} Vizitador q̄ pertencia ao pouo sem embargo q̄ todos os Priores a vam reparando.

O R.^{do} Prior tem obrigação

de dar seis alqueires de azeite todos os annos p.^a a Lampada, e se faltar algũ, o darão os Mordomos do Senhor; e anda com quem cobra a renda. E isto despom hũ Statuto da confraria moderno, que fez Lourenço de Albuquerque, Prior q̄ foi desta Igr.^a e o aprouou pello Senhor Bispo sem ter breue, nem bulla apostolica p.^a por esta pensão á Igr.^a

Do pr.^o domingo de Majo athe o S. João se pagam todos os domingos dizimo de lejte.

— Usos e costumes nesta Ig.^{ra} de S. Tiago da Trau.^a de Farinha Podre.

De pam trigo, vinho e azeitona, e castanhas, linho, gado, bacoros, lentilhas e granis fruta de maçans, peras, de cada dez se paga hum. e tambem de cebollas, alhos, & milho, feijão e boletas.

Do gado huns Priores do q̄ não chega a sinco accejtam almoedas 4 reis (?) de cada cabeça, outros as ajuntam de huns ãnos p.^a outros e tanto q̄ fazendo o numero de 5 desimão meja cabeça. Elles não querem estar quietos mas p.^a se defêderem tem a posse quebrada, q̄ lhe era necessario continuada.

Custumão ajuntar bacoros enxames ao gado e intão dezimão.

Mas melhor dezimarião se fosse na forma da Constituição.

Em os baptizados custumão dar sua vela e offerta voluntaria em dinheiro.

Q.^{do} nos Off.^{os} sendo de 9 licois tem os clerigos de cantoria em cada hum 150 e o mesmo tem o Parocho tem mais as ofertas q̄ se podem uer na Sn.^a ¹ junta q̄ esta junta em o liuro q̄ estaua p.^a seruir do inuentario dos bens e moueis &c. mas não seruiu.

Tem cazas de residencia e hoje não estão más e reparadas.

Hũa vinha m.^{to} boa com chans e hum oliual e pomar em o assento da Ig.^{ra}.

Tem hũa courella de terra entre os bens do R.^{do} Miguel Cord.^{ro} q̄ sahe la fora a portella, e pella outra parte fora da vinha athe a fazenda de Fran.^{co} João o Morejra.

Tambem hum oliual ou oliu.^{ras} em o cham da bica, cujo cham he tambem da Ig.^{ra} e de assento, como tambem a tem aonde esta o Pombal e quasi por toda a parte marcado mas não ha Tombo, mas a posse he immemorial.

Hum oliual com sua terra em Lagares.

Hũa orta pequena entre o chão do R.^{do} Miguel Cord.^{ro} p.^a o verão com poço dentro.

E tem mais hũa vinha aqual deixou perder M.^{el} Cord.^{ro} e hũa tem junto que a dej de graça por quatro annos a João Rõiz da Portella aonde chamão a Serra, na Portella.

Tem mais hũa oliuejra cam.^o da Fonte.

Tem mais hum cazal q̄ possuem os goncalues, e pagam todos os ãnos dous alq.^{res} de trigo.

Tem mais outro cazal que paga M.^{el} Cord.^{ro} cujdo (?) chamado da Rione-

¹ Sentença.

qua (?) de q̄ paga M.^{el} Cord.^{ro} tambem dous alq.^{res} de trigo, e consta q̄ o R.^{do} Prior João Philippe mandava cobrar pellas ejras os cabaços.

Os herd.^{ros} do R.^{do} Prior João Philippe de S. Pajo derão as madejras e taboas de pinho p.^a as alcobas, e dezasete mil reis para o reparo das cazas, com o q̄ entendendo q̄ so o D.^{or} Fajardo deu o sustento p.^a os officiais, e não tratou de reparar as cazas.

.....
Tem mais tres casas hũa serue de adega, outra de palheiro, e outra onde esta o lagar com uara, fuso a pezo, e hũa dorna de pedra.

Declaro q̄ toda a fazenda q̄ esta pegada com a Ig.^{ra} se chama assento, e sam necessarios cem annos p.^a prescreuer.

A fazenda q̄ tem fora do assento se chamão passais, e p.^a prescreuer bastam 40 ãos assim se pratica na prouincia do Minho.

.....
Pagasse primicia do uinho mejo almude de pam trigo de cada des hũa 4.^a e chegando a 40 hum alq.^{re} e dahi p.^a não paga cousa algũa.

No cazal da Aguejra tem assim de ojtavo como o do foro de sinco tem o morgado do Alborge tres e a Ig.^{ra} dous e sempre esteue a Ig.^{ra} de posse ha mais de 400 anos, e não ha memoria em contrario o foro o seu dizimo.

Esta Ig.^{ra} cobra o dizimo por intejro dizem elles q̄ se fizer a cobrança em azeite q̄ pagam de 12 hum alq.^{re} e assim o fazem os de fora da freg.^a.

Agora os lagarejros querem uintena e cujdo se pagam de cada uinte hum e so este ano o dizem mas eu não estiue quieto e não consentj.

O lagar do portello paga hum alq.^{re} de azejte de auença todas as uezes q̄ chega a lancarse a moer.

O lagar nouo mejo alq.^{re} de azejte no ãno q̄ se lanca a moer.

Fazendose hum off.^o so de corpo de presente he mais offertado e prefere a todas as diuidas, como a sepultura e habito.

(C.S. — Registo paroquial de Travanca-de-Farinha-Pódre, l. 1, cad. 3.^o fl. 41 e segg.).

CXV

EXCERPTOS DOS DEPOIMENTOS DE ALGUMAS TESTEMUNHAS NA INQUIRIÇÃO *de genere*
PARA A ORDENAÇÃO DE MANUEL GARCIA DE MASCARENHAS, FILHO DE D. QUITÉRIA,
E NETO DO POETA

(11 janeiro 1715)

Aos honze dias do mes de Janeyro de mil e sete sentos e quinze, nesta Igreja de Samtiago de Trauanca de Farinha podre adonde veyo com migo escriuam o Rd.^o Ld.^o Juliam Ribeyro pera com migo escriuam preguntar as testemunhas dadas em Rol pelo Rd.^o Prior desta Igreya pera a Inquiricam do Habilitando Manoel Garcia Mascarenhas pela parte de sua avo paterna Anna Duarte natural e moradora, que foj deste dito lugar e freguesia, os quais notificados por mim escriuam mandou uir a noca prezemca pera por elle serem preguntadas, na forma da commissam as quais, e seus testemunhos, sam os que ao diente se seguem, de que mandou fazer este termo de asentada, que eu o P.^e Domingos de Oliueyra escriui.

Antonio Francisco laurador, natural e morador deste lugar, e freguesia de Santiago de Trauanca de farinha podre...—Ao quarto interrogatorio dice que co-

nheceu muto bem a Anna Duarte avo paterna que se diz ser do Habilitando Manoel Garcia Mascarenhas da Villa de Avo, a qual dita Anna Duarte sabe assim se chamava, e que nesta freguesia viveu dos rendimentos de suas fazendas como lauradora e filha de lauradores dos principais desta freguesia donde tambem foi natural, e Batizada nesta Igreja de Santiago aqual sobredita Anna Duarte, diz elle dito testemunha, que conheceu ja casada com Sebastião Marques seu marido tambem desta freguesia natural, e ao dipois de viuva sempre nesta freguesia moradora e com ella falou e conversou por tempo de quinze annos pouco mais ou menos athe seu falecimento por serem ambos vizinhos da mesma freguesia por cuya causa sabe o q̄ dito tem e mais nan dice deste — Ao seisto artigo dice q̄ sabe q̄ a dita Anna Duarte foj por sim, seus pais, e todos seus assidentes intejra e legitima Christam velha limpa e de limpo sangue e geracam sem raca ou descendencia alguma de Christam noua judia negra mulata, moura ou de outra alguma infecta nacam das reprovadas indirejto contra nosa santa ffe Catholica, nem de pessoas a ella noua mente conuertidas; e tambem dice elle testemunha, que sabe que sendo o dito Habelitando Manoel gracia Mascarenhas seu neto como alega he por esta parte digno das ordens q̄. pertende sem impedimento algum na limpeza do sangue e procedimentos destes seus Ante pasados porq̄ todos e cada um de percim foram sempre muj tementes a Ds' e zelosos da Igreja e de todos geralmente tidos e auidos nomiados, conhecidos e estimados por intejros e legitimos Christians velhos e por tais os tem e teue sempre elle dito testemunha sem fama, noticia, suspejta, ou rumor algum, em contrario o que tudo neste seu testemunho declarado dice elle testemunha que sabe he uerdade por ser homem velho noticioso natural e sempre morador deste lugar e freguesia donde o foj a dita avo paterna do ordinando per cuya cauza sabe o q̄ dito tem e tinha rezam de saber o comtrario se o ouuera, e mais não dice...

Miguel Francisco laurador, natural e morador deste lugar e freguezia de Santiago de Trauanca... — Ao tercejro interrogatorio dice que muto bem conheceu a Manoel Garcia Mascarenhas, paj que se diz ser do Justificante Manoel gracia Mascarenhas, o qual assim se chamou, e sabe que foi natural deste lugar e freguezia de Trauanca, e Batizado nesta Igreja de Santiago de Trauanca, adonde assistiu mutos annos com hum seu tio Pantaliã gracia Prior desta dita Igreja e daqui foj pera a uilla de avo ser morador, adonde tambem cazou ao qual elle testemunha conheceu pois com elle tratou, e conversou assim no tempo que aqui assistio soltejro, como no tempo de cazado em avo assistente por tempo de mais de trinta annos ate seu falecimento, por elle dito testemunha Ir mutas vezes a Villa de Avo, e o dito M.^{el} Gracia vir mutas vezes a esta freguezia, e mais nam dice deste. — Ao quarto Interrogatorio dice que sabe que sendo o dito Habilitando filho do dito Manoel Gracia Mascarenhas como alega, he nepto pela parte paterna de Anna Duarte desta freguezia, e por tal tido e auido a qual Anna Duarte assim se chamou, e teue este dito Manoel gracia Mascarenhas seu filho sendo soltejra de hum Matias gracia Mascarenhas Irmã de Pantaliã gracia Prior desta Igreja adonde assistia, sendo natural da vila de Avo, e ao dipois de ter o dito filho cazou com Sabastiam alves deste mesmo lugar e freguezia donde hera natural e sempre foj moradora, e nesta Igreja batizada, e viveo sem outro algum officio mais que so o dos rendimentos de suas fazendas como lauradora e filha de lauradores, e dos principais desta freguezia adonde elle testemunha a conheceu soltejra, e cazada, e depois viuua, por tempo

de vinte annos pouco mais ou menos e pelo mesmo tempo com ella falou e conversou como vizinha sua, e mais nam dice deste. — Ao seisto Interrogatorio dice que sabe que o dito Justificante pelo dito seu Pai e avo Paterna asima nomeados he legitimo Christam velho, limpo e de limpo sangue e geraçam sem raça de Christam nouo, Iudeu, negro, mulato, mouro, mourisco nem de outra alguma imfeta nasam das reprovadas imdirejto contra nosa santa ffe Catholica nem de pesoas a ella noua mente comuertidas; e tambem dice que sabe que nenhum assendente do dito Justificante por esta parte foj preso pelo Santo Officio, nem lhe pagou finta ou pedido lancado a gente de nacam ebrea nem commeteu crime de erezia comtra leza Maestade Deuina, nem emcorreo em infamia publica de feyto ou de direjto, nem de tais cousas foram os desta geraçam em tempo algum infamados; mas sim foram sempre todos e cada hum de per cim tidos e auidos, nomeados conhecidos e geralmente de todos estimados por imtejeros e legitimos Christans velhos, e por tais os tem e teue sempre elle dito testemunha sem fama noticia ou rumor algum em contrario. o que e tudo o mais que dito tem neste seu testemunho dice sabe he uerdade por ser homem velho natural e sempre morador desta freguezia donde o foram os assendentes do Justificante por esta parte por cuya cauza sabe ser uerdade o que dito tem e tinha rezam de saber o Comtrario se o ouuera e mais não dice...

(São contestes com estes dois depoimentos os das testemunhas Matheus Gonçalves, Ursula Diaz, e Isabel Simões, todos da freguesia de Travanca-de-Farinha-Pôdre).

(C.E. — Processo para a ordenação de Manuel Garcia de Mascarenhas).

CXVI

CERTIDÃO PASSADA PELO PRIOR DE S. TIAGO DE FARINHA-PÔDRE,
DONDE CONSTA QUE MANUEL GARCIA DE MASCARENHAS, GENRO DO POETA,
NASCEU E FOI BAPTIZADO NA FREGUESIA DA BOBADELA

(2 março 1715)

MANDADO

O D.^{or} Manoel Mor.^a Rebello, Prothonotr.^o Ap.^{co} de Sua Sanctid.^e Juiz dos cazam.^{tos} habilitacoins de Gr.^e e Provisor em esta Cid.^e e Bispado de Coimbra pello Ill.^{mo} Sñr. Bispo Conde &c.^a Mando em virtude de S. obediencia, e sob pena de excomunhão mayor ao R.^{do} Parocho de Travanca q̄ sem a p.^{te} intervir nem outrem q̄ por elle o fassa no q̄ m.^{to} lhe encarrego sua consciencia fassa exacta delegencia nos liuros dos baptizados dessa freguezia e delles tire por certidam jurada o thior do assento do Baptismo de Manoel Garcia Mas.^{cas} Pay do habelitando Manoel Garcia Mas.^{cas} n.^{al} da V.^a de Avó o qual M.^{el} Garcia Mascarenhas pay do d.^o habelitando foi f.^o de Mathias Garcia Mas.^{cas} da d.^a V.^a de Avo e de Anna Duarte dessa freg.^a de Trauanca de Farinha podre, a qual certidam passara nas costas desta que em carta fechada remetera por via segura ao Escrivam da Camera do Bispado e delle hauera seu sellario p.^a o q̄ o declarara ao pe da mesma certidão. Dada em Coimbra sob o meu signal som.^{te} ao prim.^o de M.^{co} de 1715. Francisco Maciel Malheiro Escriuão da Camr.^a Ecclez.^a o sobscreuuj.

REBELLO

Ordem secreta p.^a o R.^{do} Pr.^{co} de Travanca de Farinha podre satisfazer ao q̄ nella se lhe ordena &c.^a

CERTIDÃO

Obedecendo hordem do m.^{to} Rd.^o S.^r D.^{or} Prouisor deste Bispado de Coimbra certifico eu Antonio Míz goulão Prior de S. Tiago da Trau.^a de farinha Podre, que eu ui de uagar e con toda a exação os assentos dos baptizados q̄ fizeram M.^{el} Gracia, e Pantaliã Gracia Priores q̄ foram nesta Igreja, e não achej o assento que se me pede, so me informej q̄ Mathjas Gracia sobr.^o do Prior Pantaliã Gracia digo Irmão do Prior tiuera hum f.^o chamado M.^{el} Gracia de Anna Duarte desta freg.^a a qual foj parir a Boadella que esta junto a Oliuejrinha dizem deste Bispado, onde presumo estara o assento pedido, por esta cauza não estara o assento no l.^o dos baptizados desta Ig.^{ra} e o d.^o M.^{el} Gracia se criou em caza do R.^{do} Prior depois de andar. O que tudo juro in uerbo sacerdotis. S. Tiago da Trau.^a 2 de Marco de 1715.

O PRIOR AN.^{to} MÍZ GOULAÕ

(C.E. — Processo para a ordenação de Manoel Garcia de Mascarenhas).

CXVII

CARTA DE TOMÁS CAETANO GARCIA DE MASCARENHAS,
A SEU SOBRINHO BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS, QUARTO NETO DO POETA,
EM QUE SE FAZ REFERÊNCIA AO DESAPARECIMENTO DE PAPEIS DE FAMÍLIA

(14 setembro 1824)

Sobrinho e amigo

Desejo te fellecidades, e a toda a tua familia; Como ha muito tempo não sahio de caza nem faço jornadas que excedaõ a huma ou duas Legoas, por isso não vou verte e dizerte pessoalmente os meus sentimentos, mas vou por este modo exporte que tenho quebrado a cabeça para alcançar a Instituição do vinculo desta casa, porem nem trasllado, nem propria aparece e porque tuas Thias ma sumiraõ, e não deixaraõ Trasllado algum e foi o motivo porque requeri hum Alvara a Sua Magestade para abolição delle de que juntei huma Rellação dos bens, que por tais sempre foraõ tidos, não tenho empenho em o abolir, só quero saber em que Ley vivo, e se o tal vinculo deve ser, ou não reputado tal, podes responder o que quizeres, porque a nada me oponho e fico pela decisaõ do Tribunal muito satisfeito, seja qual for o Despacho, porque como já dice quero saber em que Ley vivo, e vé se te sirvo de alguma cousa nestas terras que hei de mostrar, que sou

teu Thio, e amigo.

THOMÁS GARCIA MASCARENHAS

Avó de Setembro quatorze demil oito centos vinte e quatro.

SOBESCRITO

A Brás Garcia Mascarenhas meu Sobrinho goarde Deos muitos annos. Rio de Moinhos.

(Duma certidão passada a 24 set. 1824 por José da Costa de Carvalho e Lemos, escrivão proprie.
tário dum dos officios da Correição e chanceler da comarca de Visou, em face do próprio origina
— Pertence ao sr. António da Costa Mesquita, de Avô).

CXVIII

NOTAS BIOGRÁFICAS DE BRÁS GARCIA, ESTAMPADAS Á FRENTE DA SEGUNDA EDIÇÃO DO *Viriato Trágico* PELO DR. ALBINO DE ABRANCHES FREIRE DE FIGUEIREDO, PARENTE DA MULHER DO POETA

(1846)

Na antiga villa d'Avô, a 3 de fevereiro do anno de 1596, e de paes nobres, nasceu Braz Garcia Mascarenhas, na casa que elle descreve na est. 29 do canto XV deste poema. A qual foi propriedade daquelle famoso pagem do Sr. D. Fernando (como se vê de papeis antigos de sua familia, descendente deste pagem) que, servindo d'arraes na linda barca em que o monarcha portuguez foi ao encontro do hispanhol, pela elegancia da sua figura, concorreu para a exclamação do monarcha estrangeiro, referida pelos nossos historiadores.

Nas estancias seguintes á que acima refiro dá o poeta alguma noticia da sua vida; e, porisso, sobre este objecto só direi o necessario para melhor intelligencia dellas.

Indo a Coimbra por occasião de festas publicas, entrou em uma correspondencia amorosa de que lhe resultou ser preso na cadeia da Portage. Seus irmãos, que então frequentavam a universidade, fingiram um grande presente para o preso. Ao abrir-se a porta para entrar o presente, sahio o preso, á força, deixando o carcereiro perigosamente ferido, montou em uma cavalgadura que estava para isso preparada na ponte e, pôde assim evadir-se á multidão que o seguia. Daqui principiaram as suas longas viagens (a parte das quaes elle se refere neste poema) pelo Brazil, Italia, França, Flandres e Hispanha.

Já elle estava em Avô quando um seu irmão, que era prior do, então, rendoso priorado de Travanca, recolhendo de uma viagem que fizera a Roma, achou na sua igreja, que era d'alternativa, um intruso, appresentado na sua ausencia, por differente donatario.

Esta apresentação deu origem ao pleito, e rixa de que falla o poeta na est. 67 e seguintes do canto XV, e maiores trabalhos lhe produziria, se por esse tempo não occorresse a revolução de 1640, e se não houvesse conhecimento e necessidade dos seus talentos e serviços militares.

Depois de conquistada a igreja de seu irmão veiu á corte, e, com franqueza de soldado, expoz o succedido ao Sr. D. João IV, que lhe respondeu: — «Faze tu pela minha coroa, como fizeste pela igreja de teu irmão, e ficaremos reconciliados».

Voltou á patria, e inspirando á mocidade luzida della e suas visinhanças ambição pela honra e gloria militar, a persuadiu a formar uma companhia de cavallaria, para que elle foi escolhido commandante, honra esta que lhe era affiançada pela sua reconhecida valentia e experiencia militar.

Esta companhia occupou a praça de Pinhel, e deu do seu grande valor tão claras provas que mereceu ser reconhecida pelo nome de companhia dos leões.

Existiam no cartorio do convento das freiras daquelle cidade (onde então estava uma parente de Braz Garcia Mascarenhas) esclarecimentos relativos a esta companhia, que foram recolhidos, segundo me constou, pelo curioso antiquario, bispo que foi daquelle cidade, D. José de Mendonça Arraes, parente do poeta, e de alguns dos que então militavam com elle.

Fiz por obter estes esclarecimentos, dirigindo-me ao meu amigo o Sr. Joaquim

Pinto de Mendonça Arraes, sobrinho daquelle illustre prelado, porém não appareceram, talvez que por estarem nessa occasião em desordem os papeis pertencentes ao exm.^o bispo.

Do commando desta companhia foi Braz Garcia Mascarenhas mandado para governador da praça de Alfaiates, que logo fortificou com obras novas; e neste logar foi victima da prepotencia do general, governador das armas da provincia, D. Sancho Manuel.

Entrando pelas nossas terras um trosso de cavallaria, e infantaria castelhana, depois de feitas muitas hostilidades, se retiravam carregados de despojos, e com mais de vinte mil cabeças de gados; chegou-lhe ordem de D. Sancho Manoel, que não sahisse da praça pela não a expôr a perigo, por quanto logo chegaria com soccorro; e no mesmo dia chegou recommendação de Fernando Telles de Menezes, que de outra parte o avizava visse se podia impedir o passo ao inimigo. A esta segunda ordem, como mais gloriosa, se lhe accomodou o animo, e, deixadas algumas companhias de presidio, sahio com duzentos mosqueteiros, e os dispoz de emboscada sobre o rio Agueda em o porto de S. Martinho, dividindo-os em dois montes, que abriam o valle por onde necessariamente haviam de passar os inimigos, os quais sendo ja chegados passaram diante todos os gados, e entrados já no valle lhes sobrevieram taes cargas de mosquetaria, que se deram por obrigados a virar as costas persuadidos ser muito numeroso o poder contrario, e, deixando muitos mortos, e toda a pressa, se retiraram fugitivos.

Com tão glorioso successo se voltou o nosso governador triunfante á sua praça de Alfayates, aondo logo chegou (como promettêra) D. Sancho Manoel, e achando já a empreza vencida, sentindo, ou a perda desta gloria em que tambem ia interessado, ou não se guardar a sua ordem, quando o governador se saboreava nas esperanças do premio, de improvizo se achou prezo na torre do Sabugal, e accusado a el-rei por falsario, que tinha tractos occultos com Castella, allegando por fundamento uma correspondencia urbana, que tinha com um seu grande e antigo amigo chamado vulgarmente o Maçacão governador de uma fortaleza fronteira.

Nessa prizão solitaria o privaram de toda a communicacão, e, subtraindo-lhe pouco a pouco o mantimento, lhe pertendiam abreviar os dias. Até que vendo-se já desemparado de todo o favor humano se valeu de sua industria mandando pedir pelo seu servente, que ao menos lhe mandassem um livro, seu ordinario alívio, já que lhe não consentiam o divertimento de escrever; e junctamente que para seus achaques lhe mandassem farinha, e linhas e tisoura para refazer seus vestidos. Logo lhe mandaram um Flos Sanctorum dizendo, que era o que mais lhe servia para se encomendar a Deus, e com o livro lhe mandaram as mais miudesas que pedia. Pegando da tisoura foi cortando as lettras uma a uma as que lhe serviam do livro; fez cola da farinha com a qual unindo-as com muito vagar, e industria compaginou uma discreta carta em verso mui limado para o senhor rei D. João, IV em que relatava sua prizão, e innocencia, e dependurando-a pelas linhas da muralha no escuro da noite fallou a um soldado da guarda seu confidente, que a entregasse a seu irmão para que logo a levasse a Lisboa, como succedeu. Lendo o rei a carta tão bem lançada, despediu logo um decreto em que ordenava apparecesse sem demora em Lisboa Bras Garcia Mascarannhas.

Chegou á corte rodeado de guardas, e quando todos agouravam final sentença á sua vida, lhe deu o rei audiencia affavel, na qual de tal sorte se limou, e inteirou o seu negocio, que saiu despachado com habito de Avis, e boa tença, e restituído por entre tanto ao seu governo de Alfayates.

Voltou de Lisboa triunfando da inveja, e do odio, e repetida a posse do seu

governo apesar de seus emulos; aconselhando-se comsigo se retirou á patria, assim por não irritar mais a impaciencia de seus adversos, como tambem para lograr algum descanço devido á sua idade, e muitas perigrinações por mar, e terra em que os trabalhos sempre o acompanharam; e para que o ocio fosse divertido o fizeram super-intendente da cavallaria da comarca de Esgueira, que rectamente administrou. Finalmente ordenada sua familia se consagrou todo ás Musas, sendo tambem oraculo nas emprezas de seus commilitões, que veneravam seu parecer por muito acertado, e em especial seus grandes amigos D. Rodrigo de Castro, e D. Alvaro de Abranches, que, além de o buscarem por carta, quando a campanha permittia ferias, afrouxavam o arco em companhia, e caza d'este prezado amigo, que lustrosa e amigavelmente os hospedava.

Foi zeloso pelas coisas da egreja, como provam as obras e festas a que allude nas est. 62 e 63 do cit. canto,—as comedias que, segundo o gosto do seu tempo, fez a varios santos,—e, por ventura, a capella que os administradores do vinculo da sua familia possuiam no exemplar convento do Bussaco, instituida por esses tempos.

Falleceu a 8 d'agosto de 1656 na mesma villa em que nascera. Entre os seus manuscritos appareceu este poema que o auctor pretendia publicar, logo que o tivesse revisto e corrigido. A morte lhe frustrou os intentos, no que muito perdeu a obra não só na falta das correccões que o auctor lhe pretendia fazer, mas por ficar, assim, sujeita aos defeitos d'uma edição descuidada.

Bento Madeira de Castro, capitão-mór d'Avô, senhor da casa que hoje possui seu bisneto, o sr. Antonio de Brito, de Coimbra, proximo parente do auctor foi quem publicou o poema em Coimbra no anno de 1699.

Apezar de todos os defeitos da edição, em que visivelmente se mudaram algumas palavras como no verso 5.º da est. 5.ª do canto 6, em que se escreveu «Ataide» em vez de «d'alcaide,» na primeira palavra da est. 71.ª em que se escreveu «escuta» em vez de «escusa,» em outra parte «camas» em vez de «Canas» etc.; apezar, digo, de todos estes defeitos, e d'outros em que abunda a edição, é certo que muito se deve ao primeiro editor. Sem elle, ter-se-ia perdido este poema, assim como se perderam as Ausencias Brazilicas e outros manuscritos do mesmo auctor. Mas a edição, além de tudo o mais, foi escassa, e o poema estava outra vez em risco de se perder, se não fosse este meu esforço, inspirado pelos estímulos de patricio do auctor, e pelos do sangue, á similhaça do primeiro editor (como elle nos diz no fim do que escreve sobre a vida do poeta), e animado por alguns a quem movem iguaes razões.

Vai esta edição adornada com duas estampas. A que representa o juramento de Viriato depois da traição de Galba, referido na est. 102 e seguintes do canto VI, é copia d'outra muito conhecida, estimada e rara; a segunda é o retrato do auctor, copiado daquelle que se conserva na sua casa.

Desejava ter enriquecido mais esta edição, porém corre-se em taes publicações risco de grandes perdas, em um paiz que contem tão poucos leitores, como muito bem conhecem os que d'ellas tem practica.

A. DE VASCONCELOS.

Catálogo descritivo e iconográfico do Museu de Anatomia Patológica

DA FACULDADE DE MEDICINA DE COÍMBRA

LIVRO SEGUNDO

Lesões da pele e do tecido celular

Os exemplares referentes às lesões inflamatórias da pele, existentes no Museu, são pouco numerosos. Este livro é, pois, quasi exclusivamente constituído pela descrição de diversos tumores.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Lesões inflamatórias

150. — LUPUS TUBERCULOSO (fig. 54). — A peça consta duma cabeça conservada em álcool, completamente descorada, sendo mal distintas as lesões cutâneas. Vê-se, no entanto, que as cartilagens do nariz foram destruídas, estando as fossas nasais largamente abertas.

151. — LUPUS TUBERCULOSO. — Outra cabeça em que se nota uma depressão notável do nariz estando uma das ventas obliteradas.

Peça antiga, conservada em álcool, descorada também, sendo, como no exemplar anterior, pouco nitidas já as lesões da pele.

152. — SÍFILIS CONGÊNITA. — Peça composta duma série de retalhos de pele de diversas regiões do corpo dum recém-nascido, que se apresentam cobertos de pápulas de côr vermelha escura.

153. — LEPRO (fig. 55). — É a região anterior duma cabeça feminina mostrando as faces com uma coloração amarelo torrada. Á sua superfície encontram-se, proeminentes, diversas elevações no-



Fig. 54. — Lupus tuberculoso. — Redução $\frac{1}{2}$.

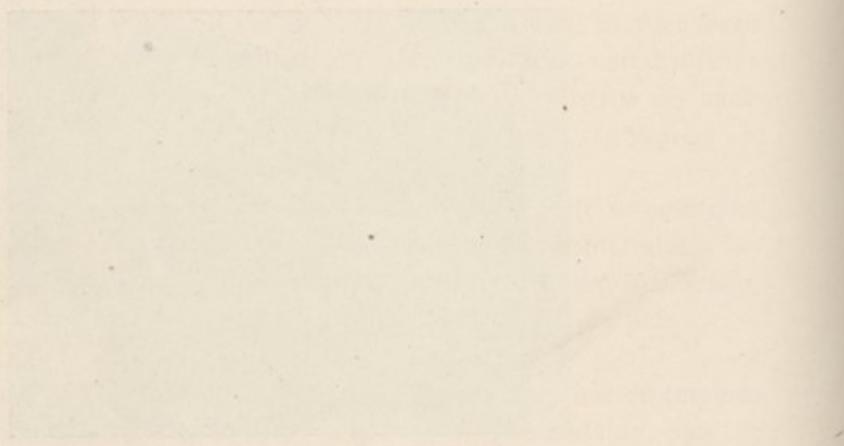


Fig. 55. — Elefantiasis da face. — Redução $\frac{1}{2}$.



Fig. 56. — Elefantiasis do pé. — Redução $\frac{1}{3}$.

1877



dulares, rugosas, espessas, de volume e dimensões variáveis, espalhando-se regular e simétricamente nas arcadas supra-ciliares, amontoando-se nas regiões malares, voltando a dispor-se simétricamente nas asas do nariz e nos bordos livres dos lábios que espessam e enrugam.

154. — ELEFTIASIS DO PÉ (fig. 56). — Peça constituída pelo pé e pelo terço inferior da perna. Está muito deformada. A sua pele foi substituída por uma camada de tecido eriçado de pequenas e irregulares elevações acuminadas, de côr amarelo escuro. A região da implantação dos dedos tem a forma arredondada com o aspecto duma pata de elefante. Na região maleolar interna não existe pele e os tecidos subcutâneos são de grande dureza. Na região tibio-társica encontra-se um nódulo espesso e rugoso.

CAPÍTULO SEGUNDO

Tumores

Sarcomas

155. — SARCOMA DA REGIÃO HIPOGÁSTRICA. — A peça é constituída pela parte anterior das regiões hipogástrica e infra pùblica, pelo pénis e pelos dois testículos.

A parede abdominal anterior faz saliência e tem o aspecto ovoide; a limitar uma cavidade do volume duma laranja, existe o peritoneu parietal fendido em alguns pontos.

A cavidade assim limitada está repleta de tecido friável semelhante carne triturada, de côr amarelo torrada. Tem uma consistência dura.

156. — SARCOMA DA REGIÃO FRONTAL ESQUERDA (figs. 57 e 58). — A peça é constituída por uma cabeça de criança, cujo crânio foi seccionado verticalmente, segundo a sutura coronária até aos ouvidos e horizontalmente desde êstes até à sutura lambdoide.

A fronte foi invadida por um sarcoma que, começando na sutura parieto-frontal esquerda, desce sôbre a face e invade o olho onde forma dois lóbulos; prolonga-se para o endocrânio, onde tem um aspecto esponjoso encostando-se à faceta triangular esquerda da apofise crista-gali. De côr cinzenta pàlida, liso na superfície e de consistência dura, parece continuar-se com outra massa tumoral, bosselada, que se estende sôbre a parte anterior da laringe.

Conservado em álcool.

Fibromas

157.—FIBROMA DA PELE.—É um volumoso fibroma, irregularmente bosselado, do volume duma laranja, levantando a pelle. Tem côr amarelada, muito consistente, tem doze centímetros de comprimento por dez de largo e oito e meio de espessura. Pesa 295 gramas.

Conservado em álcool.

158.—FIBROMA DA PELE.—É um pequeno fibroma de côr amarelada, ligado a uma pequena porção de pele por um curto e grosso pediculo e composto de tres lóbulos, tendo a sua superficie muito rugosa e cheia de depressões.

159.—FIBROMAS DA PELE.—A peça é a cabeça de um homem, tendo uma côr amarela em toda a sua superficie e com massas tumorais, espalhadas pela face e por todo o coiro cabeludo, onde são mais numerosas. Na região frontal existem quatro, três à direita e uma à esquerda. Do lado esquerdo, na parte superior do parietal, existe uma mais desenvolvida, e por cima da sutura lambdoide uma outra enorme, rugosa.

Na região parietal direita e na região frontal anterior encontram-se massas tumorais menos volumosas; a região malar está lisa; nas regiões occipital e mentoniana, encontram-se outros pequenos tumores.

160.—FIBROMA DA PELE (fig. 59).—Esta peça é constituída pela metade esquerda duma cabeça masculina. A sua côr geral é amarelo sujo, excepto na região posterior onde é esbranquiçada. Na região parietal junto à orelha e na parte da face correspondente, encontra-se um tecido rugoso, cuja espessura vai aumentando successivamente para a região occipital esquerda. Um pouco atrás da apofise mastoide, encontra-se, encravada, uma massa rugosa, mais escura, isolada por um profundo sulco circular. Junto da sutura lambdoide existe um orificio circular e profundo, donde emerge uma pequena massa pediculada e esférica.

Na orla superior da superficie rugosa existem pequenos orificios, de onde saem feixes de cabelos.

161.—FIBROMA DA PELE.—Esta peça tem uma coloração branco sujo e em alguns pontos manchas mais escuras; tem uma forma rectangular cujas dimensões são de $13\text{cm} \times 12\text{cm}$. Um pouco à esquerda do centro, existe uma elevação enrugada produzida pela pele.



Fig. 57. — Sarcoma da região frontal. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 58. — Sarcoma da região frontal. — Redução $\frac{1}{3}$.

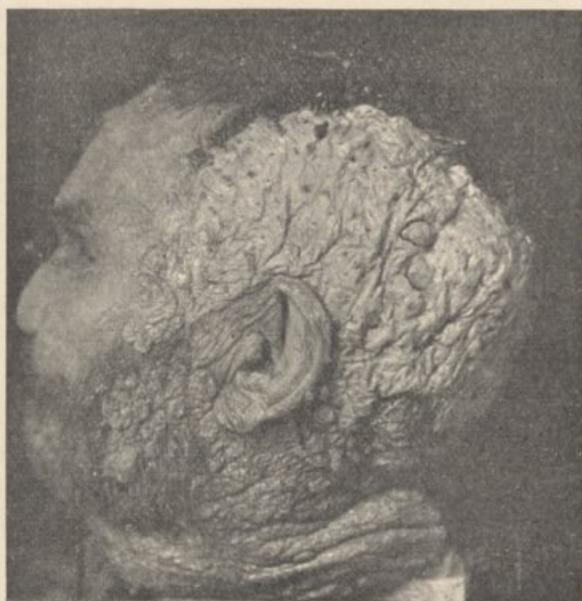
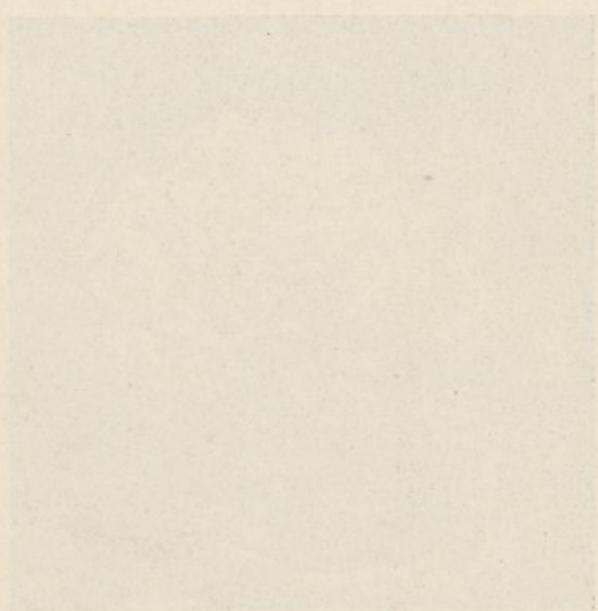
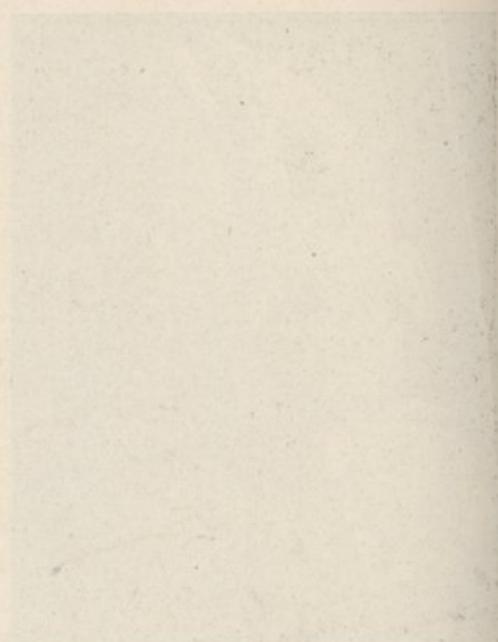


Fig. 59. — Fibromas da pele. — Redução $\frac{1}{3}$.



Disseminadas por toda a sua superfície, existem várias granulações, das quais, cinco tem o volume dum grão de milho, sendo as outras menores; umas são ovais, outras semi-esféricas.

162. — FIBROMATOSE DA PELE (fig. 60). — Esta peça é constituída por um regalo da pele da região da coxa, de côr amarelada, de onde a onde escura. Na parte superior, a 3 ou 4 cm. à esquerda do corte vertical, existem duas grandes massas tumorais, sendo a superior pediculada. Nódulos idênticos se encontram noutros pontos da pele, tendo dimensões variáveis e a mesma forma arredondada.

Lipomas

163. — LIPOMA. — Esta massa tumoral tem 27 cm. de comprimento, por 17 de largo e 7 de espessura; tem uma forma muito irregularmente ovoide, consistência elástica e a parte convexa é parcialmente coberta pela pele. É muito lobulado.

164. — LIPOMA. — Tem a forma arredondada, com 9 centímetros de diâmetro; é um pouco achatado, tem a côr amarelada, a superfície lisa, com sulcos pouco profundos. Tem a consistência elástica e é pouco volumoso.

Conservado em álcool.

165. — LIPOMA. — Peça constituída por um tumor liso, branco, com uma forma estrelada, aparentemente gelatinoso, de consistência mole, macio ao tacto e pesando 385 gramas. Uma das faces é um pouco côncava e a massa do tumor, mais volumosa no centro, adelgaça-se e enche-se de franjas para os bordos.

Conservação em álcool.

166. — LIPOMA. — O tumor é constituído por uma massa central com vários e volumosos prolongamentos. Tem 12 cm. de comprimento por 8 cm. de largura. Toda a superfície está cheia de sulcos mais ou menos profundos e de elevações, de volume e forma diferentes. Tem bastante consistência, o aspecto compacto e côr amarelada.

Conservação em álcool.

167. — LIPOMA DO COIRO CABELUDO. — Esta peça é constituída pela metade esquerda do frontal e do temporal do mesmo lado cortada segundo uma linha perpendicular à sutura frontal e sôbre os quais

repousa o coiro cabeludo. A pele tem a côr esbranquiçada. Três centímetros acima da arcada orbitária, na sua origem externa, encontra-se uma massa oval, lisa, formando sob a pele uma saliência arredondada de 4 centímetros de diâmetro, cujo conteúdo é gorduroso e avermelhado.

Conservação em álcool.

168. — LIPOMA DA REGIÃO CERVICAL. — A peça tem um estrangulamento que a divide em duas partes, uma mais volumosa tendo a forma e volume dum coração e apresentando em um dos bordos, junto da ponta, uma reintrância; a outra menos volumosa tem a aparência franjada. De côr amarelo claro e pouco consistente pesa 290 gramas.

Conservação em álcool.

169. — LIPOMA DA REGIÃO DORSAL (fig. 61). — A peça é constituída por uma massa tumoral volumosa, disforme, coberta pela pele da região, junto à qual o tumor toma a côr escura, e está em franca supuração. A massa do tumor divide-se em vários lóbulos, de formas e aspectos diferentes, salientando-se um lóbulo maior, avermelhado e duro.

170. — LIPOMA PEDICULADO DA REGIÃO DORSAL. — Tumor de côr escura, forma irregular, dimensões dum ovo de galinha e coberto pela pele muito enrugada.

171. — LIPOMA DA ESPÁDUA. — Peça constituída pelo terço superior do braço, articulado à omoplata e a uma pequena porção da clavícula.

O tumor que ocupa toda a face posterior da região da omoplata tem a forma arredondada e é muito volumoso, lobulado, de côr escura e aspecto gelatinoide.

Conservação em álcool.

172. — LIPOMA DA REGIÃO AXILAR. — Êste tumor tem a forma duma volumosa castanha, e é pediculado. Côr de creme, muito consistente e pesando 55 gramas, tem a superfície rugosa e na sua face interna é muito lobulado.

Conservação em álcool.

173. — LIPOMA DO BRAÇO. — Este tumor quando foi operado tinha 24 anos de existência. Com o peso de 690 gramas, tem a forma de uma semi-esfera. Ê pouco consistente, branco, e, tendo supurado



Fig. 60. — Fibromatose da pele. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 61. — Lipoma da região dorsal. — Redução $\frac{1}{3}$.

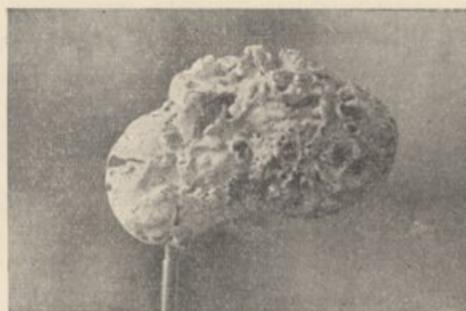
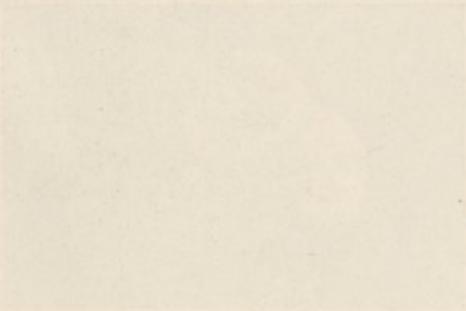
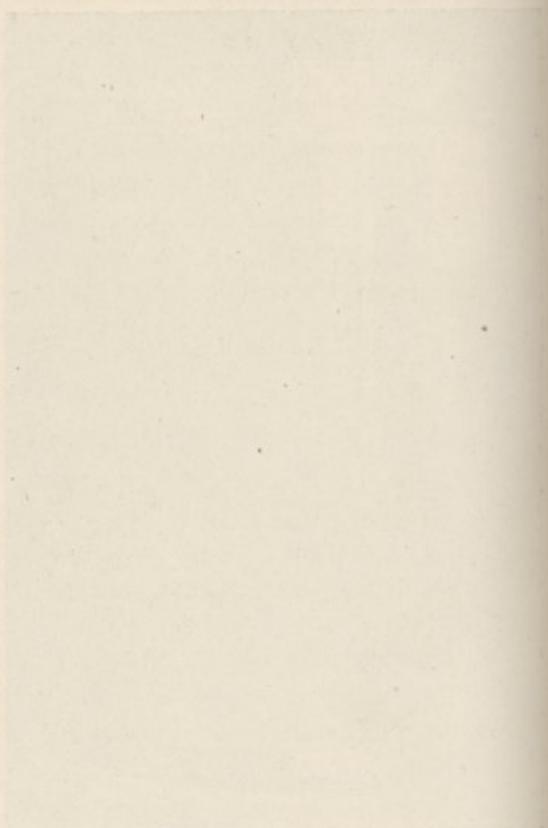
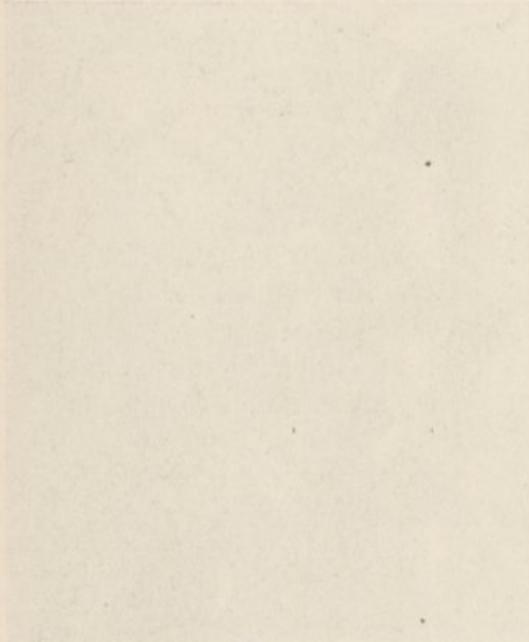


Fig. 62. — Osteôma do pescoço. — Redução $\frac{1}{3}$.



na sua zona central, estabeleceu um trajecto fistuloso com o exterior por onde se escapava o pús. Tem aderente parte da pele e do tecido celular sub-cutâneo e tem o comprimento de 15 cm.

Conservação em álcool.

174. — LIPOMA DA PAREDE ABDOMINAL. — É um tumor tendo dezanove centímetros de comprimento por quinze de largo, de forma arredondada, lobulado, muito volumoso e pesando 750 gramas. De côr amarelada e consistência dura, tem a superfície cheia de elevações, separadas por depressões pouco profundas.

Conservação em álcool.

175. — LIPOMA DA COXA. — Tumor com a forma alongada, pediculado, de consistência pouco dura e côr amarelo pálido, pesando 65 gramas. No polo oposto ao pedículo encontra-se uma mancha esbranquiçada, de aparência cicatricial.

Conservação em álcool.

Osteomas

176. — OSTEOMA DO PESCOÇO. — Tumor constituído por um meio ovoide regular em que podemos descrever uma superfície plana, de aspecto esponjoso, com pequenos alvéolos de côr amarelada. Tem a consistência óssea e estrutura lamelar e está revestido por uma cápsula fibrosa onde se desenham algumas rugas e saliências.

177. — OSTEOMA DO PESCOÇO (fig. 62). — Peça em tudo análoga ao que fica indicado no n.º 176, mas um pouco mais pequena.

Conservado em sêco.

178. — OSTEOMA DA VIRILHA ESQUERDA. — O tumor tem a forma dum ovoide irregular com as dimensões dum ôvo grande de galinha e é constituído por tecido ósseo com largas perfurações irregulares.

Epiteliomas

179. — CANCROIDE DA PELE (fig. 63). — É uma pequena peça de forma rectangular e de côr vermelha escura. Sôbre a região do joêlho a pele tem uma elevação de forma elipsoidal, em couve flôr, cujo eixo maior tem 6 cm. por 4 de eixo menor, desenvolvendo-se mais nesta última direcção, onde atinge 2 cm. de espessura

Conservado em sêco.

180. — CANCROIDE DA PELE. — Um retalho de pele análogo ao precedente tendo no terço inferior esquerdo uma superfície rugosa. Corresponde ao joelho onde estão disseminadas pequenas vesículas, sendo duas mais volumosas, existindo na parte central uma placa circular de dois centímetros de diâmetro coberta de escamas irregularmente sobrepostas e mais grossas à esquerda.

Conservação em sêco.

181. — CARCINOMA DA FACE (fig. 64). — Peça composta duma cabeça a que foi retirada a porção póstero-superior da abóboda craniana, e que apresenta as regiões malares de ambos os lados largamente corroídas, estando destruídas as paredes das fossas nasais.

182. — EPITELIOMA DO PÉ (fig. 65). — Peça conservada em sêco e constituída pelo pé esquerdo e extremidade inferior da perna, amputada dois centímetros acima dos maléolos.

Os dois terços posteriores da região plantar estão invadidos por uma massa tumoral atingindo três centímetros de espessura, formando um bôrdo saliente sôbre a região do calcanhar e tendo o aspecto de couve flôr enegrecida.

O diâmetro maior do tumor é de cêrca de 20 centímetros e o menor (transversal) de dezaseis centímetros. A sua consistência é dura e friável.

183. — EPITELIOMA DO PÉ. — Pé direito. Sôbre as articulações do 3.º e 4.º dedos implantou-se uma massa tumoral, de forma irregular, invadindo os tecidos do pé, profundamente. A massa tumoral, que, na face plantar do terceiro dedo se estende até à unha, branco amarelada e de consistência elástica, está eriçada de bastantes saliências e cheia de pequenas depressões que lhe dão o aspecto característico da couve flôr.

184. — EPITELIOMA DO PÉ (fig. 66). — Peça constituída por um pé direito e pelo terço inferior da perna.

Na face externa da metade posterior do pé e na região inferior da perna encontra-se uma massa tumoral, branco amarelada, estendendo-se para a face dorsal da perna e revestindo a forma duma couve flôr, mais ou menos triangular. A pele circunscreve a massa tumoral, cuja consistência é dura, e que chega a adquirir a espessura de 5 centímetros.

185. — CARCINOMA DO PÉ. — Esta peça é constituída pelo pé es-



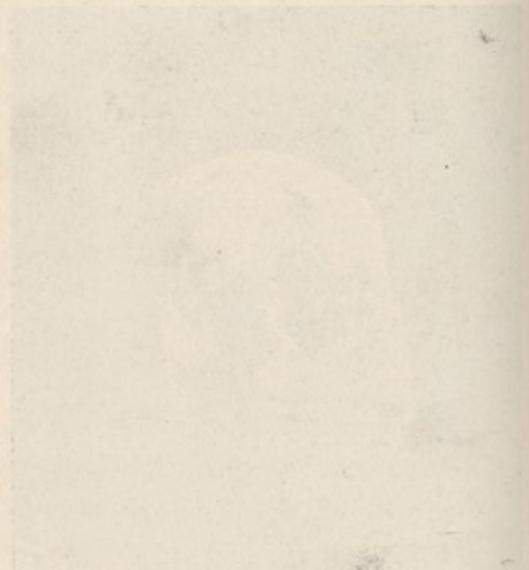
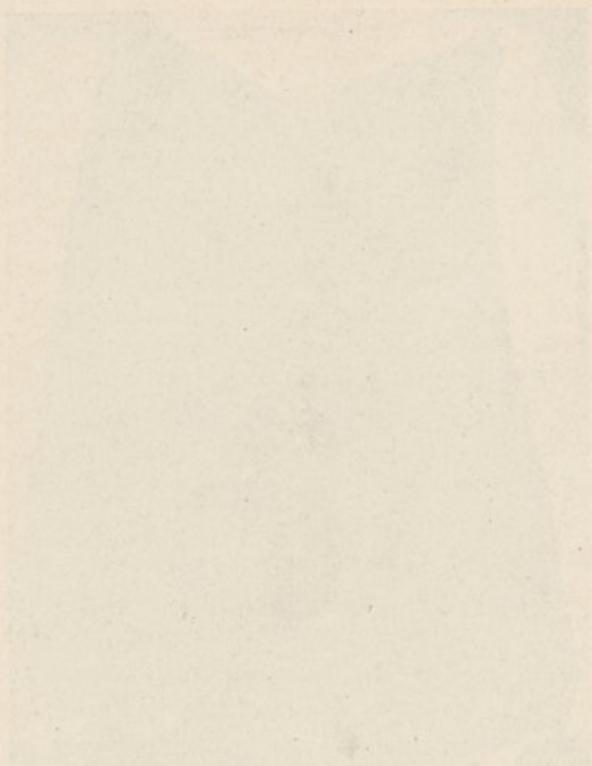
Fig. 63. — Cancroide da pele do joelho. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 64. — Carcinoma da face. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 65. — Epitelioma do pé. — Redução $\frac{1}{3}$.



querdo, amputado pelo terço inferior da perna. O tumor implanta-se sôbre o maléolo interno circundando-o, estendendo-se até ao bordo interno do pé e a 3 centímetros acima da linha articular tibio-társica.

É muito volumoso, amarelado, mole, dividido em pequenos lóbulos por sulcos profundos. É pediculado e um pouco mais fragmentado na metade anterior do que na posterior.

Conservação em álcool.

Quistos

186. — QUISTO PEDICULADO DA REGIÃO DORSAL (fig. 67). — Esta peça é constituída por um tumor tendo 6 centímetros de comprimento por três de largo e tem a forma alongada. Está ligado a um pedículo e tem ao nível da pele a superfície muito enrugada.

Conservação em líquido de Kaiserling.

187. — QUISTO DERMOIDE DA MARGEM DO ANUS. — Quisto com o volume e forma de uma avelã, seccionado no sentido longitudinal, contendo internamente cabelos. (LOPES VIEIRA).

188. — QUISTO SEBÁCEO. — Dêste quisto, que deveria ter o volume dum ovo de galinha, só existe a parede, espessa e de superfície interna muito rugosa.

189. — QUISTO PEDICULADO. — Quisto volumoso, alongado, de superfície engelhada.

190. — QUISTO HIDÁTICO DA REGIÃO ESCAPULAR DIREITA. — A peça tem o aspecto dum saco cheio de vesículas, havendo também vesículas secundárias férteis.

LIVRO TERCEIRO

Lesões complexas dos membros

Vão incluídas neste livro um certo número de lesões interessando mais ou menos todos os diversos tecidos dos membros.

Vão em primeiro lugar diversas anomalias, depois algumas lesões traumáticas e finalmente dois casos de gangrêna.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Anomalias

191. — **POLIDACTÍLIA DA MÃO DIREITA.** — Peça composta do esqueleto da mão direita revestido das partes moles, conservada em sêco.

Nesta mão existem dois polegares, ambos com as respectivas falanges, e ligados a um único metacárpico.

192. — **UNIÃO CONGÊNITA DO MÉDIO E DO ANULAR DA MÃO ESQUERDA** (fig. 68). — Caso típico de sindactília membranosa. Os dois dedos tem os esqueletos independentes e estão apenas ligados por uma membrana de duplo revestimento cutâneo.

193. — **PÉ VARUS EQUINO.** — Esqueleto dum pé e do terço inferior da perna direita mostrando as deformações típicas do varo-equinismo: o peróneo desviado para trás, o calcâneo, com a cabeça desviada para diante e para dentro, o pé em abdução com a ponta voltada para dentro, e os bordos encurvados.

194. — **PÉ VARUS EQUINO.** — Peça revestida das partes moles. É um pé esquerdo com deformações análogas às descritas no número anterior. A pele do bôrdo externo apresenta os caracteres habituais da pele da planta do pé.

195. — **PÉ VARUS EQUINO.** — Pé direito revestido das partes moles e que, além das lesões análogas às antecedentes, apresenta deformações dos dedos.

196. — **PÉ EQUINO.** — Nesta peça, que está revestida das partes moles, e que se compõe do pé e terço inferior da perna, vê-se o pé em extensão forçada permanente, sem que haja, no entanto, extensão dos dedos.

CAPÍTULO SEGUNDO

Lesões traumáticas

197. — **ARRANCAMENTO DO POLEGAR DA MÃO ESQUERDA.** — Houve arrancamento dos tecidos moles correspondentes às duas últimas falanges do polegar da mão esquerda, estando a nu em grande extensão o tendão do flexor profundo, bem como a parte terminal do mesmo músculo.



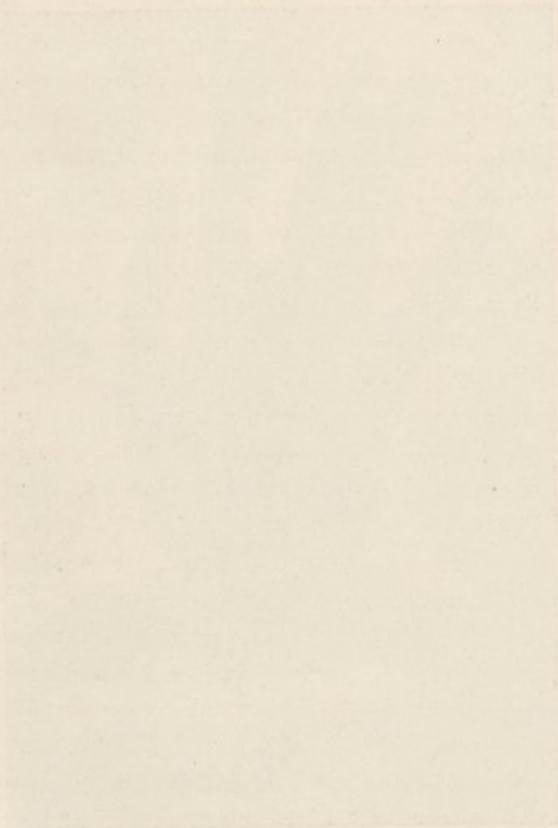
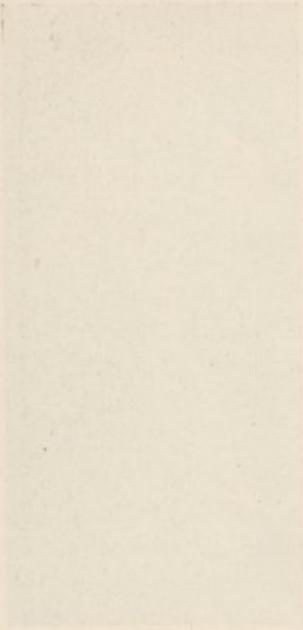
Fig. 66. — Epitelioma do pé. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 67. — Quisto pediculado da região dorsal. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 68. — Sindactilia congênita do médio e do anular da mão esquerda. — Redução $\frac{1}{3}$.



198. — QUEIMADURAS E FERIDAS CONTUSAS (Pele).

199. — FERIDA PENETRANTE NO GLOBO OCULAR ESQUERDO, COM ESVAZIAMENTO CONSECUTIVO. FERIDAS CONTUSAS PRODUZIDAS PELA PROJEÇÃO DE AREIAS (Cabeça).

200. — FRACTURA DÚPLA E EXPOSTA DA TÍBIA E FRACTURA SIMPLES DO PERÓNEO (Perna) (fig. 69). — Estas três peças, resultado da explosão de pólvoras clorotadas, foram descritas pelo PROF. ÂNGELO FONSECA no *Movimento Médico* de 15 de Março de 1904.

«A perna esquerda da mãe encontrava-se num estado deplorável. Uma incisão de 15 centímetros seguindo ao longo da crista da tibia deixava o osso a descoberto. Da parte inferior desta ferida partia um novo corte que, dirigindo-se horizontalmente para fora e para trás até à face posterior do membro, interceptava neste percurso a pele e o tecido celular subcutâneo. As duas incisões destacavam assim um grande retalho, deixando a descoberto os músculos e um fragmento ósseo volumoso. A tibia quebrara-se com efeito em dois pontos e as fracturas em forma de V residiam a nível do terço superior e do terço inferior. O terço médio destacado em bloco pendia na solução de continuidade ao lado do corpo muscular do tibial anterior desinserido das suas ligações naturais.

Na parte externa via-se o extensor comum dos dedos e o extensor próprio do dedo grande; e do lado interno os flexores e o tibial posterior. A artéria tibial e as veias satélites inteiramente destruídas tinham dado lugar a uma grande hemorragia. Em toda a face posterior do membro existia uma queimadura de 1.º grau.

Próximo do joelho havia uma ferida incisa circular que interceptava todos os tecidos excepto o gémio interno e a pele que o recobria. O peróneo desarticulou-se superiormente e apresentava uma fractura simples a nível do terço inferior. A tibia tinha-se destacado pela fractura superior, ficando o terço correspondente ligado à articulação.

Na face dorsal do pé esquerdo havia uma queimadura do 2.º grau e uma incisão transversal que ia do bordo externo ao bordo interno deixando vêr o tendão do extensor comum. Um pouco mais acima, na parte média do intervalo intermaleolar, existia uma pequena ferida circular, com perda de substância, através da qual aparecia o tendão do extensor próprio do dedo grande.

No cérebro constatamos um ponteado hemorrágico muito ténue.

Todos os outros órgãos estavam normais.

Na filha, os maiores ferimentos residiam na fronte e na face onde

havia queimaduras, feridas contusas de bordos irregulares, bastante profundas e com perda de substância. A maior de todas estava situada à direita acima do rebôrdio do maxilar inferior sob o seu ramo horizontal e fora da comissura dos lábios. Tinha 4 centímetros de largo por 2 $\frac{1}{2}$ de alto, interceptando todos os tecidos moles com o osso a descoberto. Do lado esquerdo e simétricamente colocada existia outra solução de continuidade menos extensa mas tão profunda como a anterior. Uma incisão transversal da pele e tecido celular subcutâneo seguindo entre o osso hioide e o mento unia os dois ferimentos descritos.

Nos lábios havia pequenas feridas, bem como no rebôrdio gengival próximo do incisivo superior, que tinha sido partido pelo colo.

No nariz existiam também feridas superficiais na ponta, asas e septo.

Na arcada supraciliar esquerda constatava-se uma ferida contusa, profunda, de bordos sinuosos, através da qual se via o frontal.

No olho esquerdo um grão de areia projectado com violência tinha produzido estragos importantes: cortou transversalmente a córnea e deu saída ao humor aquoso; destruiu a iris e os processos ciliares; reduziu o cristalino a fragmentos pequeníssimos, deixando sair o humor vítreo; e por último descolou a retina.

O cérebro estava congestionado e em diversas regiões da substância branca e cinzenta notavam-se infiltrações sanguíneas bastante abundantes.

De resto nada mais encontramos digno de menção».

CAPITULO TERCEIRO

Gangrenas

201. — GANGRENA SÊCA DA PERNA (fig. 70). — Uma perna direita desarticulada a nível da articulação do joelho e pé do mesmo lado articulado ainda. Falta-lhe a epiderme em toda a extensão salvo junto dos dedos, onde se encontra fendilhada. Toda a peça conservada a sêco adquiriu o mesmo tom negro, tendo sido destruídos os traços musculares, tomando a consistência dura e não sendo possível averiguar-se maior número de detalhes.

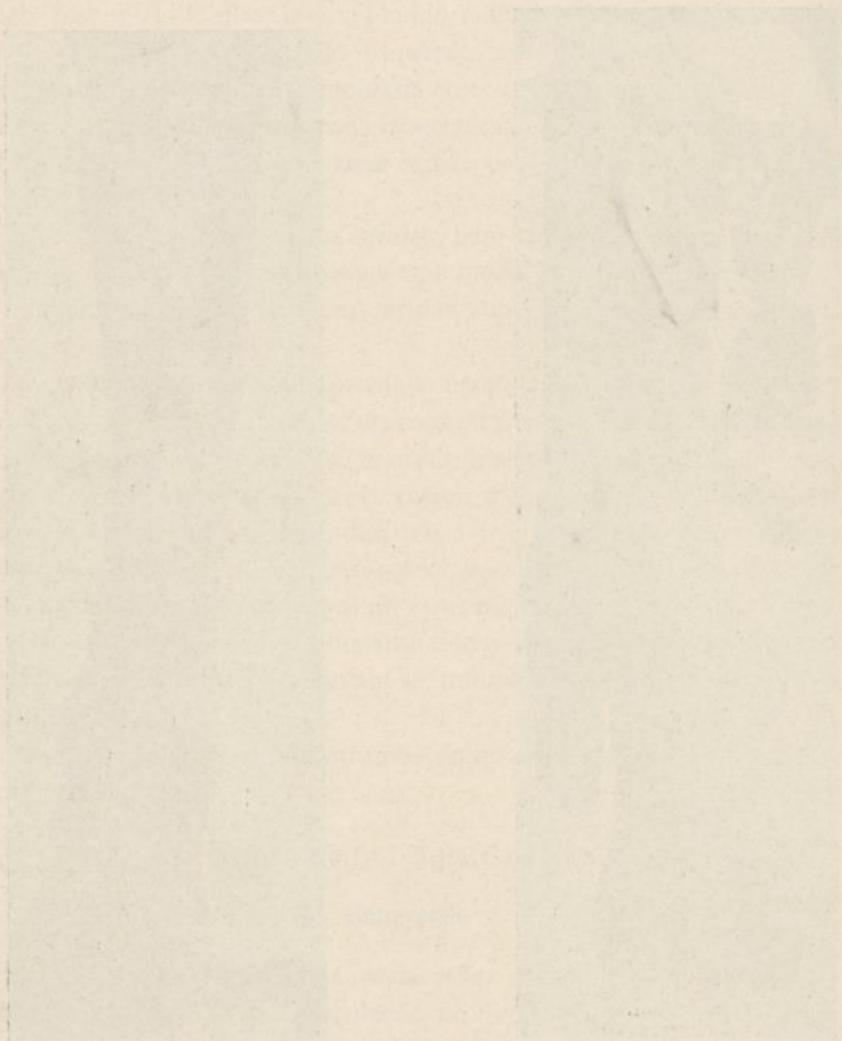
202. — GANGRENA SÊCA DOS PÉS. — Dois pés dos quais o direito foi desarticulado pela articulação tibio-társica e outro tem apenas o extremo inferior dos ossos da perna que foram amputados pelo terço inferior.



Fig. 69. — Efeito explosivo das polvoras cloratadas. — Redução $\frac{1}{2}$.



Fig. 70. — Gangrena seca da perna. — Redução $\frac{1}{2}$.



Apresentam-se de côr escura e aspecto rugoso, consistência dura, faltando a epiderme em grande extensão, e a gangrena foi consecutiva à imobilidade prolongada e à acção do frio.

LIVRO QUARTO

Lesões do aparelho circulatório

CAPITULO PRIMEIRO

Lesões do Pericárdio

203. — PERICARDITE PSEUDO-MEMBRANOSA. — Esta peça provêm dum individuo de 25 anos. Foi recolhida em 1885 e é constituída pelo coração envolvido pelo pericárdio espessado. À face externa e anterior da serôsa estão ligados vários septos fibrosos diafragmáticos. Toda a cavidade pericardica, aumentada de volume, está revestida dum inducto pseudo-membranoso, dando-lhe um aspecto enrugado, e cobrindo-a numa espessura de milímetro. O coração está muito hipertrofiado; o ventrículo esquerdo encontra-se secionado segundo o seu bordo até junto da ponta e nas aurículas distinguem-se os orifícios das veias cavas e pulmonar. A aorta está um pouco hipertrofiada nas suas paredes e dela nascem o tronco braquio-cefálico e a carotida primitiva; êstes dois vasos comunicam entre si. A artéria tiroideia nasce entre a carótida primitiva e a sub-clávia esquerda.

204. — PERICARDITE PSEUDO-MEMBRANOSA. — A peça foi colhida em 1885 e é constituída pelo coração muito aumentado de volume. O derrame distendeu a serosa pericárdica e os seus folhetos encontram-se revestidos por um inducto, rugoso, viloso, amarelado, tendo a espessura dalguns milímetros, havendo zonas em que aderem intimamente entre si.

205. — PERICARDITE PSEUDO-MEMBRANOSA. — Êste coração provêm dum individuo de 23 anos e foi recolhido em 1884. A peça está dividida por uma incisão ao longo do sulco interventricular. Mostra a cavidade pericárdica pouco distendida, mantendo entre os seus dois folhetos pouco rugosos uma substância amarela, grumosa, mole, com o aspecto de pús concretado, e que é formada pela união de várias lâminas membranosas. Os folhetos mostram, de onde a onde, diversas aderências entre si.

206. — PERICARDITE PSEUDO MEMBRANOSA. — Peça recolhida em 1894 e conservada em sêco. É constituída pelo coração de volume normal, envolvido pelo pericárdio; sôbre as faces internas do folheto seroso encontram-se trabéculas de tecido amarelado, membranoide, particularmente abundantes sôbre a face cardíaca onde tomam a disposição de faxas de comprimento desigual. A cavidade da serosa não está aumentada de volume e em vários pontos os dois folhetos aderiram entre si.

207. — PERICARDITE PURULENTA. — Esta peça não tem indicações particulares e compõe-se dum coração muito aumentado de volume e envolvido pelo pericárdio. A cavidade pericárdica está bastante dilatada, devendo ter contido bastante líquido. Os folhetos visceral e parietal da serosa estão revestidos por uma massa de aspecto rugoso, bastante espessa, de pus concretado. A parede anterior do pericárdio é fibrosa e espessa.

208. — PERICARDITE PURULENTA, PNEUMOCÓCICA. — Esta peça provém dum caso de pneumonia. É muito notável pela dilatação enorme que adquiriu o saco pericárdico, no qual o líquido devia ter atingido o volume de mais de 2 litros e meio. A superfície externa do pericárdio tem, disseminadas, bastantes granulações e os dois folhetos internos estão revestidos de elevações do tamanho de cabeças de alfinete; aqui e além encontram-se manchas equimóticas.

O coração está um pouco retraído.

209. — PERICARDITE SÊCA. SINFISE CARDÍACA. — Peça colhida em 1905 e proveniente dum indivíduo albuminúrico. Nesta peça a cavidade pericárdica quasi que desapareceu completamente. Os dois folhetos estão aderentes entre si por septos célula-fibrosos em quasi toda a sua extensão. Nos pontos em que os dois folhetos estão livres, a sua superfície encontra-se rugosa e cheia de flócos de tecido lameloso, com algumas granulações. À superfície externa do pericárdio aderem restos do pulmão, com focos de antracose.

210. — PERICARDITE ADESIVA E HEMORRÁGICA. — Êste exemplar é muito raro. Foi recolhido em 1905. A cavidade pericárdica está muito reduzida de volume em virtude das aderências célula-fibrosas que uniam entre si os dois folhetos. No ponto em que ainda estão livres, encontra-se a superfície cheia de rugosidades e de falsas membranas de aspecto leitoso salpicadas de manchas hemorrágicas e, no interior da cavidade, coágulos vermelhos vivos de sangue que,



Fig. 71. — Pericardite adesiva. Quistos hidáticos pericárdicos e endocárdicos. — Redução $\frac{1}{2}$.

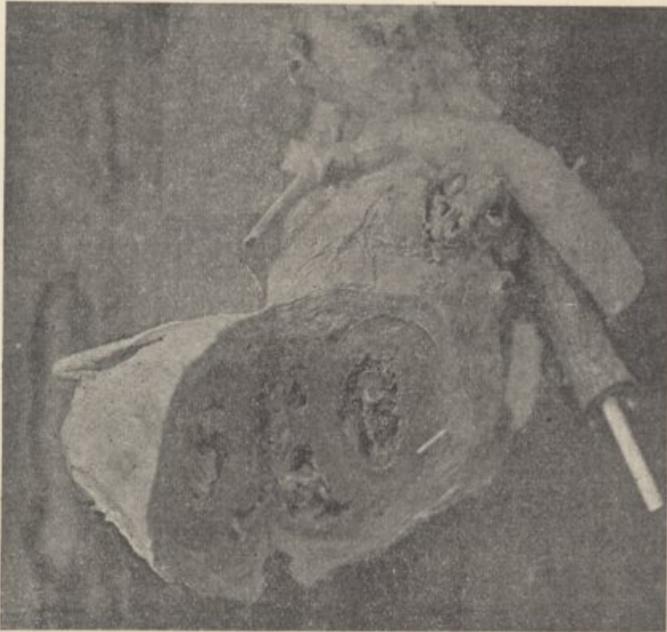


Fig. 72. — Pericardite tuberculosa. Sinfise total. — Redução $\frac{1}{2}$.

